



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES - PPGL**



**AMANDA SANTOS GOMES**

**CONSTRUÇÕES QUALIFICADORAS [V UMA DE X] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA  
ANÁLISE CENTRADA NO USO**

**ILHÉUS – BAHIA  
2021**

**AMANDA SANTOS GOMES**

**CONSTRUÇÕES QUALIFICADORAS [V UMA DE X] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack.

**ILHÉUS – BAHIA  
2021**

G633

Gomes, Amanda Santos.

Construções qualificadoras [V uma de X] no português brasileiro: uma análise centrada no uso / Amanda Santos Gomes. – Ilhéus, BA: UESC, 2021.

101 f. : il.

Orientadora: Gessilene Silveira Kanthack.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações.

Inclui referências.

1. Funcionalismo (Linguística). 2. Linguagem e línguas – Variação. 3. Gramática cognitiva. 4. Língua portuguesa – Brasil – Uso. I. Título.

CDD 410

**AMANDA SANTOS GOMES**

**CONSTRUÇÕES QUALIFICADORAS [V UMA DE X] NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO**

Ilhéus, 23 de março de 2021.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack  
UESC/Ilhéus- BA  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa  
UESB/Vitória da Conquista- BA

---

Profa. Dra. Élide Paulina Ferreira  
UESC/Ilhéus-BA

**ILHÉUS – BAHIA  
2021**

Aos meus tesouros dessa terra, painho e mainha, mais conhecidos como: Adriano, o encorajador, e Hilda, a ajudadora.

## AGRADECIMENTOS

A Cristo Jesus, a videira que me capacita a frutificar. Ele é o mestre que guia os meus passos, a minha esperança eterna, um amigo presente e um Deus de amor. Ele é quem me motiva a sonhar, me convida ao conhecimento, me desperta para o trabalho, e também me faz descansar. Por isso, a Ele atribuo a alegria de encerrar mais uma etapa da minha jornada acadêmica.

Aos meus pais, Adriano e Hilda: ao meu pai, por ser uma fonte de amor, proteção e encorajamento. Como eu sou grata pela sua vida, paiinho. Guardo em meu coração todas as suas palavras de ânimo e todos os seus ensinamentos. Obrigada pelo acolhimento de sempre, por me fazer sorrir com seu bom-humor característico e por confiar tanto em meu potencial, fazendo-me perceber que tudo é possível aos que têm mãos diligentes. O seu coração é lindo e o seu otimismo me impulsiona; a minha mãe, eu agradeço pelo imensurável amor e cuidado dedicados a mim. Grata por todo tempo investido, pelo olhar atento e pelas instruções. Mãinha, eu admiro a sua força, a sua humildade e vejo preciosidade em seu coração. Agradeço por estar ao meu lado desde a época de treinar a caligrafia, na escolinha infantil, até o tempo presente me perguntando “como vai a escrita? ”, sempre tão interessada nos meus processos. Aos dois, que privilégio ser filha de vocês! Olho para trás e percebo o quanto semearam para que eu chegasse aqui. Obrigada por me educarem a amar o conhecimento e por criarem um ambiente tranquilo para que eu me dedicasse aos estudos. Todo o meu amor e admiração!

A Misael, meu noivo, pelo amor, companheirismo e apoio fundamentais. Sou grata pelo cuidado e por sua disposição em me ajudar quando eu preciso. Que bom poder contar com você em todas as jornadas.

Aos meus irmãos, Ezequiel e Wallace, pela constante torcida. Vocês são preciosos!

À querida professora Gessilene, pela competência e generosidade. Que me aceitou como orientanda duas vezes consecutivas: na graduação e no mestrado. Sou grata por todo tempo disponibilizado, pela compreensão e por cada vez que me incentivou a continuar na pesquisa. És, de fato, uma profissional inspiradora.

Às professoras Élide Ferreira e Valéria Viana Sousa, por gentilmente aceitarem participar do meu Exame de Qualificação e, posteriormente, compor a banca de defesa. Agradeço por todas as contribuições e sugestões que me auxiliaram no

desenvolvimento deste trabalho.

Ao grupo de pesquisa, Linguagem, estruturas e práticas sociais- UESC/CNPq, pelas nossas reuniões. Em especial à Maria Alice e à Iolanda, pela valiosa cooperação e trocas agradáveis. E à Nahendi, pela partilha e contribuições desde o processo seletivo até aqui, ainda que à distância. Você é especial demais. Muito obrigada pelos textos compartilhados, pelas conversas animadoras e pelo apoio.

À minha amiga Elisabete, pela linda parceria que iniciamos lá atrás, na graduação. Tivemos a felicidade de também ingressarmos juntas no mestrado e, na fase inicial, como muitas borboletas no estômago, era confortante saber que você estava, ali, comigo. Como é bom te ver trilhar o seu caminho com tanta responsabilidade e maturidade.

A todos os amigos que caminham ao meu lado. Que benção é dividir a vida com vocês! Eu os amo e os quero bem. Contem comigo!

Ao programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), pela eficiência e disposição da coordenação e secretaria; a todos os professores pela construção de conhecimento; e a todos os colegas da turma de 2019-2021. A sala de aula é um dos meus lugares favoritos e foi bom vivenciar isso com todos vocês, sobretudo, no primeiro ano em que nossos encontros eram frequentes.

Ao professor Wagner Nobre e à professora Andreia Araújo, por terem me acolhido durante o estágio de docência. Apesar de ter sido em modalidade não presencial, em caráter excepcional, foi uma experiência enriquecedora e preciosa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão de bolsa, um apoio essencial para que eu pudesse me dedicar integralmente ao desenvolvimento desta pesquisa.

Encerro reiterando que coisas grandiosas fez o Senhor, por isso estou alegre!

“Se quisermos entender fenômenos que são tanto estruturados quanto variáveis, é necessário olharmos para além das formas superficiais mutáveis e considerarmos as forças que produzem os padrões observáveis”.

Joan Bybee.



## RESUMO

Nesta pesquisa, descrevemos e analisamos a alternância/variação que ocorre nos padrões de uso das construções qualificadoras [V uma de X] em usos efetivos do português brasileiro, particularmente, de instâncias registradas em textos do campo jornalístico-midiático (notícias e comentários *online*) que estão compilados na plataforma digital *Google Notícias*. São exemplos: *tirar uma de*, *dar uma de*, *pagar uma de*, *fazer uma de* e *passar uma de*. Para tanto, recorreremos à Linguística Funcional Centrada no Uso, à Gramática de Construções e, a fim de reunir contribuições para um tratamento construcional da variação, à abordagem Socioconstrucionista. São perspectivas teóricas que concebem a língua como um instrumento de interação social e que está suscetível às constantes ressignificações e criações feitas pelos falantes em decorrência de fatores internos e externos que tensionam a produção linguística. Assumimos as premissas de que as circunstâncias de uso refletem diretamente no estado atual das estruturas da língua (BYBEE, [2010] 2016) e que a unidade básica da gramática é a construção, concebida como um pareamento convencional de forma e sentido (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Reconhecendo a dinamicidade do sistema linguístico do português brasileiro, procuramos, então, investigar os padrões de uso das construções qualificadoras no português brasileiro, a fim de conferir os graus de rotinização/convencionalização que os caracterizam e averiguar, após a análise baseada no uso, se esses padrões se comportam de modo alternável/variável. Por meio do método misto de análise, que mescla as abordagens qualitativa e quantitativa (LACERDA, 2016), constatamos os seguintes resultados: (i) as construções qualificadoras apresentam cinco possibilidades de cooptação do *slot* em V (verbos) e cinco padrões de uso para o preenchimento do *slot* em X (complementações), o que revelou variação por similaridade configuracional (por aloconstrução e metaconstrução), bem como a variação nos processos de cooptação dos dois *slots* construcionais; (ii) elas são acionadas, no uso, como estruturas similares, o que confirma, portanto, a variação construcional.

**Palavras-chave:** Construção qualificadora. Variação construcional. Gramática de Construções. LFCU.

## ABSTRACT

In this research, we describe and analyze the alternation/variation that occurs in use patterns of the qualifying constructions [V uma de X] in effective uses of Brazilian Portuguese, particularly, of instances recorded in texts in the journalistic-media field (news and online comments) that are compiled on Google News digital platform. Examples are: *tirar uma de*, *dar uma de*, *pagar uma de*, *fazer uma de* e *passar uma de*. For this, we use Functional Linguistics Centered on Use, Grammar of Constructions and, in order to gather contributions for a constructional treatment of variation, the Socioconstructionist approach. They are theoretical perspectives that conceive the language as an instrument of social interaction and which is susceptible to constant resignifications and creations made by speakers due to internal and external factors which, in turn, tension the linguistic production. We assume the premises that the circumstances of use directly reflect on the current state of language structures (BYBEE, [2010] 2016) and that the basic unit of grammar is construction, conceived as a conventional pairing of form and meaning (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Brazilian Portuguese linguistic system is recognizably dynamic, and for that we sought to investigate the usage patterns of qualifying constructions in Brazilian Portuguese, in order to check the degrees of routinization/conventionalization that characterize them and ascertain, after the use-based analysis, whether these patterns behave in an alternating/variable manner. Through the mixed method of analysis, which mixes the qualitative and quantitative approaches (LACERDA, 2016), we found that: (i) the qualifying constructions present five possibilities for co-opting the V slot (verbs) and five usage patterns for the filling of the X slot (complementations), which revealed variation due to configurational similarity (for allostruction and metaconstruction), as well as the variation in the processes of co-option of the two construction slots; (ii) they are activated, in use, as similar structures, which confirms, therefore, the constructional variation.

**Keywords:** Qualifying construction. Construction variation. Grammar of Constructions. LFCU.

## LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS, FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - A estrutura simbólica da construção.....	31
Figura 2 - Página inicial do <i>Google Notícias</i> .....	42
Tabela 1 - Frequências <i>type</i> e <i>token</i> das construções [V uma de X].....	52
Quadro 1 - A regência e os significados dos verbos que ocorrem no <i>slot</i> de V.....	55
Gráfico 1- Frequência dos <i>slots</i> de V.....	61
Tabela 2 - Frequências <i>type</i> e <i>token</i> dos <i>slots</i> de X .....	62
Gráfico 2 - Frequência dos <i>slots</i> de X.....	74
Figura 3 - Representação da variação por aloconstrução e metaconstrução.....	76
Figura 4 - Rede construcional das construções qualificadoras [V uma de X].....	79

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E A COMPREENSÃO DA LÍNGUA EM USO</b> .....	19
1.1 Introdução.....	19
1.2 A Linguística Funcional Centrada no Uso.....	20
1.3 A Gramática de Construções.....	30
1.4 A abordagem Socioconstrucionista.....	35
1.5 Encerrando o capítulo.....	40
<b>CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: o passo a passo</b> .....	41
2.1 Introdução.....	41
2.2 Sobre o <i>Corpus Google</i> Notícias (GN) .....	41
2.3 Sobre as construções qualificadoras [V uma de X].....	45
2.4 A constituição da nossa amostra e os procedimentos adotados.....	47
2.5 A natureza da pesquisa.....	48
2.6 Encerrando o capítulo.....	50
<b>CAPÍTULO 3: AS CONSTRUÇÕES QUALIFICADORAS [V UMA DE X]: padrões e particularidades construcionais</b> .....	51
3.1 Introdução.....	51
3.2 As construções qualificadoras [V uma de X]: a nossa amostra.....	51
3.3 As possibilidades de preenchimento do <i>slot</i> de V.....	51
3.4 A natureza dos elementos cooptados no <i>slot</i> de V.....	53
3.5 As possibilidades de preenchimento do <i>slot</i> de X.....	62
3.6 A natureza dos elementos cooptados no <i>slot</i> de X.....	63
3.6.1 Padrão 1: [V + uma de + figura humana/personagem/personalidade pública].....	63
3.6.2 Padrão 2: [ V + uma de + ofício-função/profissão/grupo social].....	66
3.6.3 Padrão 3: [ V + uma de + comportamento/adjetivo].....	68
3.6.4 Padrão 4: [ V + uma de + expressão que marca uma atitude].....	70
3.6.5 Padrão 5: [V + uma de + apagamento da complementação].....	72
3.7 Similaridades e dissimilares: o que revelou cada padrão de uso.....	73

3.8 Aloconstrução e metaconstrução: a variação construcional.....	76
3.9 A rede construcional das construções qualificadoras [V uma de X].....	78
3.9.1 Encerrando o capítulo.....	82

**CAPÍTULO 4: PERSPECTIVAS DE USO DA LÍNGUA E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO.....**

4.1 Introdução.....	84
4.2 Um diálogo necessário: pesquisadores e professores.....	84
4.3 Por um ensino da língua em uso.....	86
4.4 As construções qualificadoras [V uma de X] em sala de aula: a teoria e a prática de um trabalho centrado no uso.....	89
4.5 Encerrando o capítulo.....	93

**CONCLUSÕES.....**

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>97</b>
--------------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

Dentre as possibilidades que se desdobram a partir da utilização da língua, uma das que chama a atenção, e se coloca como aspecto crucial para o desenvolvimento desta pesquisa, é a habilidade de ressignificação e criação linguística por parte dos falantes quando situados em contextos de interação social. Trata-se de uma dinâmica que reflete diretamente no estado atual das estruturas da língua (BYBEE, [2010] 2016) e que possibilita a inovação, alternância/variação e mudança linguísticas. Assim, a fim de investigar um fenômeno que represente essa dinamicidade e plasticidade que envolvem a atividade linguística, elegemos como objeto de pesquisa as construções compostas por Verbo + uma + de + X, doravante [V uma de X], que chamaremos, aqui, de qualificadoras<sup>1</sup>, como se pode ver nos constructos em (1):

- (1) a. “O tal BAP, conversou fiado sobre Abel, e agora pede para que suas palavras não são levadas em consideração. O cara quis **tirar uma de Caim**, mas quando sentiu o cheiro do processo, se arrependeu. Agora o tal BAP ataca o jogador Lincoln”. (Jornal da Manhã – GN).
- b. “Vir aqui **pagar uma de hate** não vai ajudar, se não joga nem sei por que esta choramingando aqui, pois o jogo melhorou bastante”. (Battlefield Brasil – GN).
- c. “A Receita Federal já usa um algoritmo computacional que identifica fraude com uso de recibos falsos ou fraudulentos. Então, nem pense em **dar uma de ‘esperto’**, para depois não acabar sofrendo uma ação criminal”. (Focus. Jor – GN).

Para explicar essas construções em destaque, bem como o que as motiva, recorreremos ao aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (daqui em diante, LFCU) ou Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções (doravante, GC) e da Abordagem Socioconstrucionista. Tratam-se de abordagens que propõem o agrupamento de propriedades formais e funcionais para explicação dos

---

<sup>1</sup> No capítulo dois (*Procedimentos metodológicos: o passo a passo*) explicamos as razões para nomearmos dessa forma.

fatos linguísticos e que prezam pelo estudo da língua em uso, concebendo-a, grosso modo, como um sistema cognitivo e social de construções simbólicas que pareiam num só tempo atributos relativos à forma e ao sentido. A gramática, por sua vez, é entendida como um fenômeno dinâmico e sociocultural, já que as regularidades e as estruturas são organizadas no discurso durante a interação verbal. As experiências de produção linguística pelas quais os falantes são submetidos demandam o licenciamento contínuo dessas estruturas que são processadas e (re)configuradas também por meio de atividade mental, o que atribui ao sistema da língua esse eterno “moldar-se” numa correlação que se estabelece entre estabilidade e instabilidade (MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

Essas perspectivas se opõem à ideia de autonomia da gramática e da sintaxe, pois a compreensão é que os fatos linguísticos devem ser estudados de modo holístico, englobando todos os componentes envolvidos nas atividades comunicativas. Assim, admitir a influência do discurso na gramática significa incorporar aos estudos uma visão de interface, na qual linguística, semântica e pragmática operam conjuntamente (MARTELOTTA, 2011; NEVES, 2018). São vertentes que lidam, portanto, com maior direcionalidade na correlação entre forma e sentido (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), pois tratam de equilibrar as análises entre esses dois eixos. Inserem-se aí duas importantes concepções que passam a ser ressignificadas nessas teorias: a de construção e a de contexto.

Por construção, entende-se “um pareamento direto entre forma e sentido que tem estrutura sequencial e pode incluir posições tanto fixas quanto abertas” (BYBEE, [2010] 2016, p. 28). Devido a esse emparelhamento de forma e sentido, as fronteiras de separação entre sintaxe e semântica, léxico e gramática, aspectos linguísticos e aspectos sociocomunicativos se tornam tênues. Quando o falante está em experiência de uso linguístico, isto é, participando de atividade linguística socialmente situada, ele unifica e opera elementos de diferentes sistematicidades, naturezas e dimensões. Com isso, a variação e a mudança implicam também certas complexidades e alcançam ainda uma estrutura discursiva maior: a construção e seus *slots* (espaços vazios pertencentes às construções que, quando licenciadas, podem vir a ser preenchidos ou não).

De modo semelhante à ideia de construção, a definição de contexto, conforme explica Oliveira (2015), é formulada a partir de uma correlacionada dimensão que se dá entre o contexto de forma e o contexto de sentido. Afinal, prevalece o pressuposto

de que ambas as dimensões motivam e são também motivadas pelos usos. Assim, quando falamos em uma investigação contextualizada do uso linguístico, estamos considerando que é preciso dispor atenção tanto às propriedades de forma (sintáticas, morfológicas e fonológicas) quanto às propriedades de sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) (CROFT, 2001; CROFT; CRUSE, 2004; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), já que o intuito é se desvencilhar de perspectivas que concebem a língua como um sistema independente de sua realização concreta.

Guiada por pressupostos como esses, a pesquisa visa responder aos seguintes questionamentos: Quais são os padrões de uso e qual o grau de rotinização/convencionalização de cada um deles, em se tratando das construções qualificadoras [V uma de X]? Esses padrões de uso se comportam de modo alternado/variável, permitindo-nos considerá-los como casos de variação construcional?

Como hipóteses, formulamos: (i) as construções qualificadoras [V uma de X] licenciam diferentes padrões de uso que deverão apresentar similaridades e funcionarão de modo alternável/variável, podendo também ser caracterizados por níveis distintos de produtividade – fator que contribuirá para a averiguação do quão rotinizados e convencionalizados são esses padrões; (ii) independentemente das formas que integram o *slot* em V ou das complementações que serão licenciadas no *slot* de X, as construções [V uma de X] manterão o seu sentido mais geral, como expressões que qualificam alguma ação, circunstância ou evento, sendo que essa qualificação se expressa de modo a: caracterizar, avaliar ou até a presumir certo julgamento, podendo, ainda, ser branda, positiva ou negativa; (iii) as construções [V uma de X] configuram um padrão construcional em variação.

Nessa linha de considerações, objetivamos, então, investigar os padrões de uso das construções qualificadoras no português brasileiro, a fim de conferir os graus de rotinização/convencionalização que os caracterizam; e averiguar, após a análise baseada no uso, se esses padrões se comportam de modo alternável/variável, já que o nosso propósito é também descrever o objeto investigado a partir de uma perspectiva construcional da variação. Para isso, estabelecemos como ações específicas:

- (i) Identificar no *corpus* as construções [V uma de X];
- (ii) Selecionar as construções que exibem caráter qualificador;



- (iii) Identificar quais elementos são cooptados nos *slots* de V e X;
- (iv) Demonstrar, a partir do levantamento quantitativo, a produtividade das construções (frequências *type* e *token*) e das possibilidades de preenchimento dos *slots* de V e X;
- (v) Promover a análise qualitativa dos padrões, considerando propriedades formais e funcionais dos elementos que são cooptados;
- (vi) Atestar que as construções analisadas são pares de forma-sentido que representam um fenômeno de ressignificação/ampliação de uso na língua, e que, sobretudo, revelam alternância/variação;
- (vii) Propor reflexões envolvendo o objeto investigado e o ensino de língua portuguesa.

Para a investigação, nosso *corpus* foi constituído a partir de notícias e de comentários *online* compilados no *site* do Google Notícias. A plataforma reúne textos autênticos de diversos veículos de comunicação, permitindo-nos trabalhar com diferentes níveis de formalidade. Tal escolha está em alinhamento ao viés teórico em questão, já que nos permitirá observar não somente a forma das construções em análise, mas, também, os sentidos que são vinculados a partir do contexto de produção.

Numa proposta de investigação que lida com o funcionamento da língua, é crucial que consideremos, além dos padrões normativos e canônicos, aqueles que representem a pluralidade e flexibilidade das dinâmicas subjacentes às atividades linguísticas. Mesmo que, em algum momento, a atenção recaia com mais rigor a um desses aspectos, é indispensável que optemos por direções teóricas equilibradas, a fim de não centralizarmos um fenômeno em detrimento do outro. É nessa direção que justificamos a relevância da nossa pesquisa, pois, com ela, objetivamos contribuir com os estudos descritivos do português brasileiro. Também, fortalecer o tratamento da variação no âmbito da GC, já que se trata de um debate em recente formulação, mas que já tem encontrado, na agenda de autores como Leino e Östman (2005), Cappelle (2006), Machado-Vieira (2016) e Machado-Vieira Wiedemer (2019), um espaço para discussões e reflexões.

O resultado de toda a pesquisa empreendida foi sistematizado em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Perspectivas teóricas e a compreensão da língua em uso*, expomos os pressupostos que nos subsidiam e refletimos, à luz das ideias e

noções desenvolvidas pelas agendas teóricas adotadas, sobre como são percebidos alguns dos processos de produção, processamento e utilização da língua, em particular, a alternância/variação construcional. No segundo, *Procedimentos metodológicos: o passo a passo*, descrevemos os procedimentos adotados. No terceiro, *As construções qualificadoras [V uma de X]: padrões e particularidades construcionais*, apresentamos a descrição e as análises quantitativa e qualitativa da nossa amostra. E, no quarto, *Perspectivas de uso da língua e contribuições para o ensino*, esboçamos alguns direcionamentos e reflexões importantes que o estudo realizado pode despertar ao âmbito da prática do ensino de língua portuguesa. Nas conclusões, retomamos alguns pontos principais do nosso trabalho e, por fim, apresentamos as referências utilizadas.

## CAPÍTULO 1: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E A COMPREENSÃO DA LÍNGUA EM USO

### 1.1 Introdução

A seara em que se configura a língua(gem) humana é marcada por extrema complexidade (BYBEE, [2010] 2016) e interdisciplinaridade, porque, ao agirmos em nossas experiências discursivas (as situações de uso), operamos a partir de elementos que pertencem a diferentes campos, como o linguístico, o cognitivo e o sócio-histórico. O nosso dizer mobiliza e aciona sistematicidades e habilidades diversificadas e, por essa razão, entendemos que a adoção de teorias que lidem com esses campos, numa perspectiva de interface, seja um caminho produtivo<sup>2</sup> para a explicação e compreensão do funcionamento da linguagem.

Por isso, para o desenvolvimento de nossa pesquisa, adotamos perspectivas teóricas que levam em conta os usos reais da língua e as intersecções entre os diferentes campos, encaminhadas, sobretudo, por trabalhos que analisam padrões construcionais em termos de pareamentos. São enfoques que, juntos, nos dão suporte à análise que empreendemos.

Assim, neste capítulo, apresentamos pressupostos orientadores dessas abordagens. São elas: A Linguística Funcional Centrada no Uso ou Linguística Funcional-Cognitiva (representada pelos estudos dos funcionalistas: Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros; e também dos cognitivistas: George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, entre outros); a Gramática de Construções (modelo teórico que se alinha ao cognitivismo e, por isso, conta com a contribuição de muitos autores já citados, mas que obtiveram notoriedade inicial a partir dos trabalhos de Charles Fillmore, Ronald Langacker, Paul Kay, Catherine O'Connor, entre outros); e a Abordagem Socioconstrucionista (enfoque que tem sido empreendido, aqui no Brasil, a partir dos

---

<sup>2</sup> O próprio Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, já sinalizava as estreitas relações que a Linguística teria com outras ciências, principalmente sobre as quais a língua intervia em maior grau. Como a língua(gem) é um fato social que se desdobra em diferentes campos de estudo, é comum que um forneça dados aos outros. Pensando sobre isso, o autor questionou a relação existente entre a Linguística e a Psicologia social, já que, em suas palavras, tudo seria psicológico na língua. Ora, se há possibilidade de ligação entre uma heurística e outra, são perfeitamente cabíveis os diálogos entre vertentes que se assentam dentro da grande área dos estudos linguísticos. É preciso, contudo, considerar as questões terminológicas e a coerência nas compatibilizações que forem estabelecidas/propostas (SAUSSURE, [1916] 2012).

trabalhos de Luís Wiedemer e Machado-Vieira), sendo, esta última, uma conexão teórica entre a abordagem construcionista e a Sociolinguística Variacionista (corrente oriunda dos estudos de Willian Labov, John Gumperz, Dell Hymes, entre outros).

## 1.2 A Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso, também denominada de Linguística Cognitivo-Funcional<sup>3</sup>, é uma corrente teórica que se alinha à Linguística Funcional norte-americana (HOPPER, 1991; BYBEE, 2003; [2010] 2016; TRAUGOTT, 2008; entre outros), à Linguística Cognitiva e à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; CROFT; CRUSE 2004, entre outros), defendendo, como princípio básico, a ideia de que as estruturas linguísticas emergem nos usos que os indivíduos fazem da língua em suas práticas comunicativas socialmente situadas.

Assim, para explicar os usos linguísticos, entram em cena, de forma simultânea, a interação e a cognição, já que a língua é concebida como um sistema social e também cognitivo (MARTELOTTA, 2011; MARTELOTTA; ALONSO, 2012; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2018). Na primeira, a centralidade reside nos contextos de comunicação entre interlocutores, na produção real/concreta/empírica da atividade linguística. Na segunda, o foco está na capacidade de conceptualização e nos processamentos mentais dos falantes, isto é, na cognição, sistema que medeia a relação sujeito-mundo-linguagem.

Furtado da Cunha (2017) explica que, conforme essa concepção, a língua é moldada na correlação entre princípios cognitivos e interacionais. Em razão disso, as atividades linguísticas, as mudanças e até a aquisição são também partes integradas a essa dinâmica de interface entre linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico. Respalhada em estudos da Linguística Cognitiva, a LFCU defende a inter-relação entre cognição e linguagem, entre estrutura linguística (conhecimento linguístico) e conteúdo conceptual (conhecimento do mundo biossocial) (FERRARI, 2018). Aliás, o próprio conceito de cognição nos impede de pensá-la em separado do processo de interação. O termo cognição

---

<sup>3</sup> Segundo Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013), o termo LFCU foi cunhado a partir da *Usage-Based Linguistic* (Teoria Baseada no Uso) na literatura norte americana; e o termo Linguística Cognitivo-Funcional se faz a partir dos estudos de Tomasello (1998) na obra *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*.

[...] refere-se ao processo neuro-racional de geração do conhecimento humano com base na interação do organismo com o meio. Em outras palavras, diz respeito ao conjunto de operações mentais configuradoras de nosso sistema conceitual, tendo como suporte o contato do indivíduo com o ambiente físico e sociocultural em que vive (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 108).

Para essa perspectiva, os usos linguísticos evidenciam a natureza dinâmica de uma língua, as constantes atualizações feitas para atender às reais necessidades comunicativas. Abriga-se, aí, a relevância da experiência dos falantes, pois, por meio dessa exposição e na inter-relação entre o aparato cognitivo e interacional, o sistema é mantido, alterado, ampliado, enfim, (re) configurado. Inclusive, é a partir do conhecimento que o falante tem sobre determinado padrão que os usos são realizados (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Em outras palavras, a organização gramatical é moldada pela língua em uso (MARTELOTTA, 2011; BYBEE [2010]2016) e emerge das interações feitas pelos falantes. Decorre disso a ideia de que a gramática constitui um repertório emergente, já que as estruturas são organizadas no discurso durante a interação. A propósito, discurso, nessa perspectiva, se refere ao uso potencial da língua, às estratégias criativas usadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para transmiti-lo a um determinado ouvinte e em uma situação específica de comunicação.

Diante das demandas conversacionais, das pressões de uso e das pressões cognitivas, as construções são repetidamente produzidas (uso dinâmico), expostas às possibilidades de ajustes e podem, conseqüentemente, dar origem a novas construções. Por isso, a gramática da língua está em constante transformação, um processo resultante de padrões estabelecidos no uso. Ela não se comporta como uma propriedade fixa e inteiramente estável, mas, sim, “como um sistema dinâmico, emergente, que sofre revisão constante em termos de estocagem cognitiva à medida que é organizada e reprojeta na fala cotidiana” (TAVARES, 2012, p. 37). Conseqüentemente, em vista das constantes remodelações, novas formas e sentidos são acordados entre os falantes. Nessa direção, a LFCU reconhece a necessidade de se observar como os mecanismos interacionais se manifestam na prática verbal (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), na qual onde os sentidos são, de fato, instaurados.

Martelotta e Alonso (2012, p. 91), ao discutirem sobre o sentido, ou melhor, sobre a relação palavra-sentido, listam três questionamentos: “O que uma palavra

significa? Qual é a importância do contexto para o estabelecimento do seu significado? O sentido é uma convenção ou ele está circunscrito à forma? ". Para os autores, essas são possíveis reflexões a se fazer quando há interesse na observação dos mecanismos que envolvem as palavras e coisas/os nomes e os sentidos. Com efeito, tais investigações são encaminhadas para notar se o uso/a funcionalidade de determinada palavra estabelece, ou não, alguma ligação com a realidade externa.

Uma vez que estudamos uma estrutura complexa ([V uma de X]) que mobiliza fatores/atributos formais e funcionais, percebemos que as indagações dos autores são, de fato, norteadoras. Mesmo que, nesse momento da discussão, eles se refiram às palavras e não às construções (que são o nosso foco de estudo), ainda assim, o raciocínio nos remete "à importância do uso da língua na determinação dos aspectos da estrutura linguística" (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017, p. 21). Nessa direção, é crucial suscitarmos debates e desenvolvermos pesquisas que deem conta de explicar a influência das interações sociais na representação da língua. Por isso, vale ainda questionarmos: "como a frequência de uso afeta a estrutura? E como o particular – as ocorrências reais de uso – se relaciona com o geral – as representações cognitivas da linguagem?" (BYBEE, [2010] 2016, p. 34).

Ao adotarmos reflexões como essas, concordamos com o pressuposto de que as construções da língua não produzem sentido isoladamente e tampouco aparecem sozinhas nas circunstâncias de uso. E, ao pensarmos sobre as questões levantadas por Bybee ([2010] 2016), admitimos também que, quando os falantes licenciam os usos, a língua está a ser moldada, podendo, portanto, passar por (re) configuração. É a partir dessa premissa que, na LFCU, a direcionalidade forma-função ganha destaque, pois, admite-se maior confluência entre a forma linguística e a função social/cognitiva. Quer dizer, há o reconhecimento de que propriedades formais, funcionais e cognitivas operam simultaneamente na criação e utilização das categorias da língua (ROSÁRIO; OLIVEIRA 2016).

Como consequência, esse aporte teórico se opõe à ideia de autonomia da gramática e da sintaxe, pois a compreensão é que os fatos linguísticos devem ser estudados de modo holístico, englobando todos os componentes envolvidos na produção linguística e, por esse motivo, não há possibilidade de dissociação entre os elementos (MARTELOTTA, 2011; NEVES, 2018). Sob tal direcionamento, são abaladas então, as antigas dicotomias e hierarquizações nas quais alguns elementos

(os da forma) sobressaem a outros (os do sentido) dentro das análises linguísticas<sup>4</sup>. Numa abordagem funcional, a investigação vai além da estrutura gramatical, pois os investigadores buscam, na situação comunicativa, nos dados reais e situados de produção dos falantes, a explicação para as variadas ocorrências da língua (FURTADO DA CUNHA, 2018).

Para tanto, as investigações se dão a partir de parâmetros e categorias analíticas que possibilitam captar, simultaneamente, fatores/atributos das duas ordens (da forma e do sentido). E, como explicam Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), a LFCU se ocupa, acima de tudo, com temas relacionados à emergência de novos padrões construcionais e opera num paralelo entre a utilização linguística e suas possíveis implicações. Quer dizer, por um lado, (i) concentra-se em compreender como os elementos linguísticos são utilizados (isto é, atendo-se às propriedades formais e estruturais que organizam os elementos linguísticos dentro do texto); por outro, (ii) procura identificar quais as motivações implicadas nesses usos (isto é, concentrando-se nas propriedades funcionais, discursivas e cognitivas que estão externas ao sistema linguístico).

Sob tal enfoque, alguns princípios são acionados para as explicações dos fatos linguísticos. Dentre eles, destacamos os que são relevantes para a nossa investigação: iconicidade, categorização, prototipicidade e (inter)subjetividade.

O princípio da iconicidade já compunha a agenda do Funcionalismo clássico que, em sua versão primeira, correspondia à relação estrita e direta (um para um) entre uma forma e a sua função, quer dizer, “entre o código linguístico (a expressão) e seu significado (conteúdo)” (FURTADO DA CUNHA, 2018, p. 166). Entretanto, com os estudos sobre a variação e a mudança, o conceito foi refinado e resultou no que se tem chamado de versão “mais branda” do princípio de iconicidade. Neste, a relação entre forma e função não tem relação com a ideia de isomorfismo, mas, sim, com a de correlação aproximada. Por isso, coadunamos com essa segunda versão, por entendermos que não há iconicidade absoluta. Reconhecemos que formas diferentes podem servir para expressar funções semelhantes ou aproximadas.

A respeito dessa versão mais branda, Givón (1984) postula três subprincípios relacionados à iconicidade, que, em termos gerais, se relacionam à quantidade de informações fornecidas, ao grau de integração entre os elementos e seu conteúdo, e,

---

<sup>4</sup> Fazemos referência, aqui, às teorias formalistas, estruturalismo e gerativismo, que priorizavam o estudo das formas.

por último, à ordenação dos elementos dentro da frase. O subprincípio da quantidade indica que a quantidade de informação implica a quantidade de formas utilizadas. Quer dizer, quanto mais complexidade o falante imprime à sua comunicação, mais formas linguísticas serão acionadas para a expressão dos sentidos desejados. O subprincípio da integração relaciona-se aos aspectos da cognição humana. Prevê que a proximidade dos elementos linguísticos revela o modo pelo qual os eventos descritos foram conceptualizados. Já o subprincípio da ordenação linear dimensiona dois outros aspectos. O primeiro se relaciona à topicalidade da informação na frase: a informação nova tende a ocorrer primeiro, enquanto a informação velha tende a ocorrer depois. A segunda diz respeito à lógica que essa sequenciação imprime, pois tal ordenação reflete a sequência temporal em que eventos foram cognitivamente conceptualizados.

Nessa dimensão cognitiva-funcional, inserimos outros dois conceitos fundamentais: a categorização e a prototipicidade. Para Bybee ([2010] 2016), a categorização integra um dos processos cognitivos de domínio geral, segundo o qual o ser humano processa e classifica as coisas-no-mundo em categorias de identidade e similaridades. Nesse processo, ocorre uma neutralização das diferenças identificadas e os elementos são classificados em uma mesma categoria com base naquilo que é semelhante e majoritariamente regular. Como exemplo, pensemos em um livro. Certamente, a representação que nos virá à mente não será totalmente igual, apesar de pensarmos, sim, no mesmo objeto, termos a mesma ideia: o livro<sup>5</sup>. Há, no entanto, o livro de capa comum, capa dura, em acabamento mecânico de espiral, agrafados, ilustrados, preto e branco, entre outros. Contudo, apesar da variedade, identificamos que todos pertencem à categoria de livros. Isso porque, ao classificarmos, amenizamos as diferenças notáveis e consideramos, em maior grau, as características que os fazem similares. O fato é que, segundo Lucena (2017), a nossa categorização/agrupamento se situa entre a presença e a ausência de traços que são mais ou menos gerais. Dito de outro modo, corresponde a um agrupamento de “entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares, *palavras*, etc.) em classes

---

<sup>5</sup> Fazemos, aqui, uma ligação ao pensamento proposto por Saussure ([1916] 2012) ao postular as duas faces do signo linguístico: o significado (conceito/a representação mental do objeto *livro*) e o significante (imagem acústica/ a realização audível do signo *l-i-v-r-o*). Essa representação mental, ou melhor, esse conceito ao qual nos referimos, seria, por um ponto de vista saussuriano, aquilo que é compartilhado por todos os indivíduos, isto é, seria, o significado, o conceito na mente do falante. Por isso, aplicamos ao nosso exemplo.



específicas” (FERRARI, 2018, p. 31, grifo nosso).

Essa classificação e perfilhamento das coisas-do-mundo é natural à linguagem e pode ser relacionada à noção de prototipicidade, outro fator de análise que revela a capacidade cognitiva de organização e interpretação humanas. Aqui, no entanto, o esforço está na identificação das semelhanças ou diferenças tênues em que a categorização é construída. Comporta, assim, a dinâmica de um *continuum*, em que numa ponta estão os elementos mais centrais e, noutra, aqueles ditos como mais secundários/intermediários/marginais em relação aos demais. Nesses termos, quando um elemento é considerado o central de sua categoria, significa que ele guarda as características que mais o aproxima daquele elemento que é o exemplar, isto é, “bom exemplo” da categoria em questão (FERRARI, 2018). Em contrapartida, os outros mais secundários são aqueles que menos apresentam traços representativos de seu grupo. Em se tratando dos itens da língua, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 29) explicam que esse tratamento não-linear é o que nos permite olhar os itens gramaticais também numa perspectiva escalar e contínua, “do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua”.

Em Bybee ([2010] 2016), encontramos a afirmação de que a categorização é um dos processos cognitivos mais difundidos, pois ela se relaciona a muitos outros. Lucena (2017) comenta que essa seria uma operação básica da cognição humana e Ferrari (2018) a entende como um processo essencial ao nosso operar com a linguagem, que demanda, inclusive, a ação da memória. Afinal, trata-se da constante integração de novos itens em categorias já existentes e, como bem nota Ferrari (2018), é perfeitamente exequível a contínua integração de novos itens às categorias, mas é custoso supor a criação de infinitas categorias, pois tal feito demandaria sobrecarga de processamento e estocamento de informações à mente humana. E, ainda que seja um processo automático ou inconsciente, o armazenamento mental do falante ocorre com base na recuperação de traços recorrentes e similares (recorte) para só então ocorrer o agrupamento (classificação). Dos outros processos cognitivos que envolve, em certa medida, a categorização prévia, destacamos: *chunking*, analogia e projeções metafóricas e metonímicas.

O *chunking*, traduzido na literatura como *encadeamento*, para Bybee ([2010] 2016), é um processo de agrupamento de unidades menores que se coadunam a outras para formação de unidades maiores. Aplicado à língua, a autora elucida que

podemos notar o encadeamento na formação de unidades sequenciais, como: as construções, os constituintes e as expressões formulaicas ou pré-fabricadas, que são aquelas de caráter mais idiomático. Por meio da repetição de determinadas unidades, fator responsável pelo desencadeamento do *chunking*, o falante armazena/embala as unidades em conjuntos, e passa, então, a acessá-los com potencialidade de estruturas únicas. Nas palavras da linguista,

[...] se dois chunks menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto de produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução e a compreensão ocorrerá mais facilmente (BYBEE, [2010] 2016, p. 65).

Ainda sobre tal processo, a autora explica que há palavras que são utilizadas juntas com maior frequência, enquanto, em outra parte, ocorrem os casos rotulados de *chunks* fracos, aqueles formados por unidades que se conectam somente em situações mais isoladas e esporádicas, pois suas partes internas são dotadas ainda de uma relativa força quando separadas.

A despeito da formação de novos usos, insere-se a analogia, processo cognitivo pelo qual são criados novos enunciados com base em enunciados pré-existentes. Para tanto, é necessária a categorização e alinhamento das similaridades notadas nesses usos, pois a analogia ocorre quando a comparação entre o elemento novo e o elemento existente estabelece alguma similaridade relacional/ de significado ou compartilhamento de atributos (BYBEE, [2010], 2016). A autora também entende que a analogia é um processo que mais se relaciona com a aceitabilidade, porquanto a possível convencionalização está condicionada à similaridade que o item novo estabelece com os itens previamente experienciados.

Quanto às projeções metafóricas e metonímicas, as explicações vêm dos estudos de Lakoff e Johnson (2002). Pioneiros dos estudos cognitivistas, esses autores conceituam a metáfora como um recurso imaginativo que permeia todas as práticas de vida cotidiana, sejam as mais elaboradas ou as mais triviais. É parte não só da linguagem – como parece ser mais amplamente divulgado – e não está infiltrada apenas nas palavras, mas nas ações e no pensamento humano em sua totalidade (físico e social). Defendem que a metáfora integra toda a base conceptual pela qual agimos no mundo, e é promovida, inclusive, de modo mais ou menos automático sem

que tenhamos plena consciência dessa ação.

Ferrari (2018), também refletindo a partir de Lakoff e Johnson (2002), entende que a metáfora é um mecanismo de conceptualização de um domínio *A* em termos de um domínio *B*, em que é possível identificar um domínio fonte (propriedade relativamente + concreta) e um domínio-alvo (de propriedade + abstrata). É, portanto, um mecanismo que dimensiona uma ampliação/extensão de sentido em que novos (e criativos) usos são projetados. Sobre isso, Lucena (2017) aponta que a necessidade de mapeamento entre dois domínios relaciona a metáfora com o conceito de analogia, já que o reconhecimento de uma expressão metafórica demanda conhecimento sobre o domínio fonte e o domínio alvo, ou melhor, sobre entidades que partilham algum aspecto conceptual. Em outras palavras,

[...] o princípio é relativamente simples: utilizamos conceitos mais concretos e mais fáceis de serem conceptualizados e transferimos comunicativamente para a expressão de valores mais abstratos e, portanto, mais difíceis de serem conceptualizados (MARTELOTTA, 2011, p. 80).

Evoca-se, nesse contexto, a metonímia, processo de natureza discursiva que tem a ver com o deslocamento de significado. Palavras que designam determinado elemento passam a ser conceptualizadas de modo alternativo, em termos contíguos/aproximados em relação ao mesmo domínio. Para Lakoff e Johnson (2002), a metonímia se diferencia da metáfora. Em termos gerais, a metáfora permite conceber uma coisa em termos de outra e está no nível da compreensão. Já a metonímia está no nível da referência e do entendimento, viabilizando a utilização de um elemento em detrimento do outro.

Além dos processos mencionados, vale dizer que as situações de produção também implicam a relação direta entre um locutor/escritor e o seu ouvinte/leitor. Quer dizer, entre aquele que comunica e aquele que reage ativamente no processo de comunicação. É na interação que sentidos são negociados, o padrão discursivo é escolhido, as pressões comunicativas tensionam os dizeres, entre outros (OLIVEIRA; DIAS; WILSON, 2013).

Ao se comunicar, o locutor/escritor lança mão de estratégias comunicativas para dizer o que pretende, para alcançar os objetivos comunicativos, fomentar reações e até motivar as respostas requeridas em seu ouvinte/leitor. Surge, então, desse ambiente de produção linguística situada, duas propriedades identificáveis: a

objetividade e a (inter)subjetividade, noções que contemplam a forma pela qual os sujeitos/falantes elaboram, acionam e impõem os seus dizeres na interação. São, portanto, noções que regulam a perspectiva e o ponto de vista que emanam da expressão dos falantes.

Ao tratarem da objetividade, Traugott e Dasher (2002) explicam que a expressão objetiva é aquela que requer a menor quantidade de inferências para a apuração do seu significado. Tanto a codificação quanto o contexto de produção cooperam para que a interpretação do que é dito seja a mais determinada possível. Quando o falante opta por uma linguagem objetiva, parece ocorrer uma tentativa de alcance da impessoalidade e independência em relação ao outro falante presente na interação: o que foi dito é exatamente o que o locutor/escritor produziu, portanto, o ouvinte/leitor deve assim entender. Os autores mencionam o discurso científico como exemplo dessa objetividade, uma vez que os fatos tendem a ser apresentados sem que a presença ativa do ouvinte/leitor seja de todo considerada.

Para Mackenzie (2017, p. 48), “a ênfase na objetividade [...] deriva de uma visão de linguagem como ferramenta utilizada para expressar o pensamento proposicional”, mas essa seria uma concepção um tanto questionável. Segundo o autor, os teóricos que se detêm ao estudo dessas propriedades (objetividade e (inter)subjetividade) têm defendido que a linguagem essencialmente demanda envolvimento entre vários falantes, logo, é sempre atravessada de (inter)subjetividade. Inclusive, Traugott e Dasher (2002) referem-se a uma “objetividade relativa”, preferindo tratar as expressões como gradientes, ou seja, em um *continuum* de objetivo-subjetivo.

A (inter)subjetividade, por sua vez, é a propriedade que foca a atenção que o falante/escritor tem no ouvinte/leitor. Traugott e Dasher (2002) explicam que é a partir dessa percepção de papéis que os indivíduos se constituem como sujeitos no discurso. E tal constituição ocorre no reconhecimento desse “eu” e “você” (o outro) que integram o contexto pragmático-discursivo. Os autores entendem que esse tipo de linguagem é caracterizado por uma marcação explícita de ponto de vista. Por isso, é natural que apresente elementos dêiticos da língua (dêixis espacial, temporal e social)<sup>6</sup> e seja carregada de marcadores que evidenciam a atitude do falante frente à

---

<sup>6</sup> De acordo com Ferrarezi Jr (2019, p. 143-144), com a dêixis espacial podemos localizar “as posições no espaço geográfico, com o uso de *aqui, ali, lá* [...]”; na dêixis temporal, “os eventos no tempo, com certos morfemas ou com palavras como *hoje, amanhã, agora* etc. [...]”; e, na social, “as posições hierárquicas dos sujeitos [...]”, sobretudo com o uso de pronomes de tratamento que demonstrem mais ou menos proximidade e/ou formalidade.

proposição recebida. São exemplos de (inter)subjetividade: a modalização, a avaliação explícita, os julgamentos, a argumentação, a polidez, entre outros (OLIVEIRA; DIAS; WILSON, 2013).

A linguagem mais subjetiva resulta de abstração de sentido e, por essa razão, é também uma propriedade que estimula novos usos na língua (TRAUGOTT; DASHER, 2002; OLIVEIRA; DIAS; WILSON, 2013). Ao discutir sobre a mudança linguística advinda dos mecanismos de subjetivação, Martelotta (2011) nota que a principal ferramenta que potencializa esses novos surgimentos resulta do processo de inferência sugerida (*invited inference*), termo cunhado por Traugott e Dasher (2002). O autor explica que, em decorrência do contexto de uso, determinado material linguístico pode vir a implicar diferentes possibilidades de sentido. Nesse ínterim, impõe-se a potencialidade de os falantes instituírem a formação de outras construções e com atribuição de novos sentidos. Na compreensão de Oliveira; Dias; Wilson (2013, p. 180) a inferência sugerida é ainda um

[...] tipo de sentido derivado a partir de combinações semânticas oriundas do contexto pragmático-discursivo específico. Na articulação desse sentido mais abstrato e polissêmico, entram em cena os atores envolvidos no uso – falante/escritor e ouvinte/leitor. Assim, o falante/escritor procura ‘sugerir’ ou convidar seu interlocutor a partilhar novos sentidos na expressão de crenças, valores, grau de comprometimento, entre outras noções abstratas e pessoais.

Refere-se, portanto, a um processo que marca a negociação/colaboração entre os falantes. Ambos cooperam para apuração e construção dos sentidos e, a partir da utilização de metonímia e metáfora, por exemplo, novos significados são inferidos (TRAUGOTT; DASHER, 2002). Expandindo, entendemos que são processos que revelam a intenção do falante e explicitam a unidade que existe entre a produção linguística e o seu ambiente de realização. Também, podemos dizer que evidenciam a relação entre o aspecto formal e o aspecto funcional.

Martin e White (2005), pesquisadores da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)<sup>7</sup>, lidam com a (inter)subjetividade na produção linguística, sobretudo, naqueles casos em que há avaliação. Interessa para esses autores o nível de envolvimento e de negociação que ocorre entre os falantes. Para tanto, elaboram o *sistema de avaliatividade* com o intuito de apurar os valores que são transmitidos por meio da

<sup>7</sup> A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) ou ainda Gramática Sistêmico-funcional (GSF) é, segundo Neves (2018), a teoria vinculada aos estudos empreendidos por Michael A. K. Halliday.

atividade comunicativa. Os teóricos dividem o envelope de atitude do falante em três subsistemas evidenciadores de avaliação, a saber: afeto, apreciação e julgamento. O afeto diz respeito aos sinais de emoções (negativas ou positivas) que são evidenciadas; na apreciação, a avaliatividade conta com respostas emotivas e também enviesadas por determinações socioculturais que atribuem valor às coisas; já, no julgamento, o falante produz a sua avaliação tomando por parâmetro as normas institucionalizadas socialmente, respaldando-se por uma visão de cunho axiológico e ético do comportamento humano.

Do que foi exposto até aqui, é importante destacar que o fato de as propriedades se relacionarem mutuamente não anula a existência de distinções entre fatores de uma ordem e outra. São dimensões diferentes, pois cada uma delas obedece a particularidades e princípios, mas que operam conjuntamente na língua em uso. Os fatores formais (estruturais) funcionam como instrumentos para a materialização dos objetos linguísticos, os fatores funcionais (sentido) sinalizam as razões pelas quais as estruturas são selecionadas pelo falante (MARTELOTTA, 2011) e os fatores mentais (cognitivos) evidenciam os modos pelos quais os elementos são conceptualizados. Portanto, estão imbricados nas construções linguísticas fatores/atributos de diferentes ordens, que, como veremos, é um postulado também assumido pela chamada Gramática de Construções.

### 1.3 A Gramática de Construções

No cerne da GC está o postulado de que a construção (lexical ou gramatical) é uma unidade simbólica constituída a partir da correspondência entre forma e sentido/função<sup>8</sup> (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROSDALE, 2013; BYBEE, [2010] 2016). De acordo com Goldberg (2006), a construção é a unidade básica da gramática e qualquer padrão linguístico convencional é reconhecido como uma construção. Ela pode corresponder a morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais parcialmente lexicais e até sentenças inteiras. Isto é, compreende todas as estruturas da língua desde que correlacionem

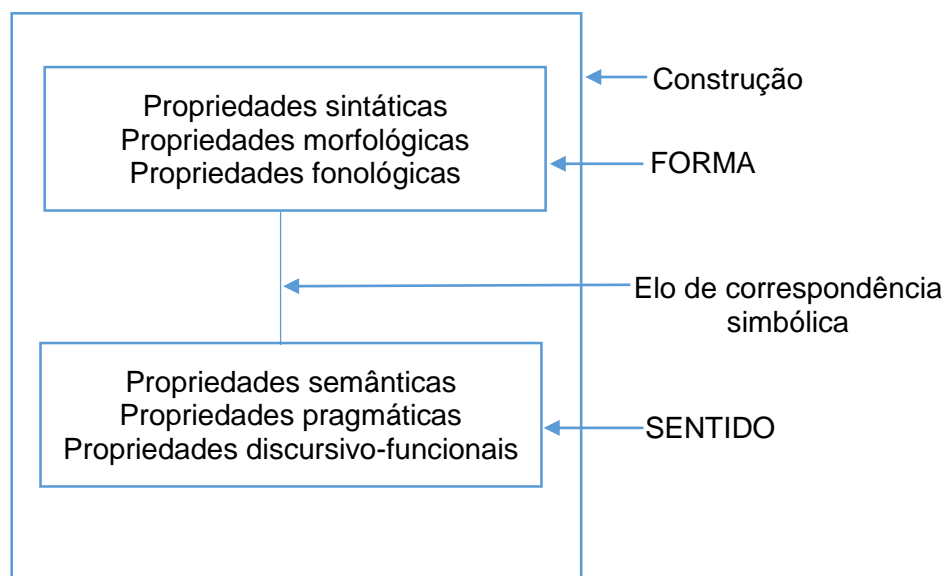
---

<sup>8</sup> A respeito das nomenclaturas *sentido*, *função* e *significado*, muitos autores as têm utilizado como expressões equivalentes, apesar de também já encontrarmos propostas que sugerem um detalhamento mais específico para o uso de cada termo, como atentam Oliveira e Lopes (2019). Em nossa pesquisa, preferimos utilizar ora *sentido* ora *função* como terminologias semelhantes, buscando distinguir somente o uso do termo *significado*, pois o entendemos mais como circunscrito à forma, sem que ainda tenha sido instanciado num constructo.

uma dada forma a uma determinada função/sentido e estabeleça uma unidade (CROFT, 2001).

Para ilustrar tal emparelhamento, Croft (2001) propõe um modelo simbólico de grande valia para a elucidação e análise dessa articulada relação que opera nas construções. Apresentamos esse modelo na Figura 1:

Figura 1 – A estrutura simbólica da construção



Fonte: Adaptada de Croft (2001, p. 18)

Conforme esse autor, as construções, unidades simbólicas convencionais, apresentam uma parte formal (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e uma funcional (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), sendo elas interligadas pelo elo de correspondência simbólica. Elas são unidades porque funcionam na mente dos usuários de modo a parear forma e significado; simbólicas já que há nos signos linguísticos o aspecto relativamente arbitrário; e convencionais porque são compartilhadas e convencionalizadas entre os grupos de falantes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Aqui, cabe salientar, que a separação entre o polo formal e funcional não é notada em termos dicotômicos. Um não sobressai ao outro ou são opositivos. São níveis, sim, distintos, mas que se inter-relacionam no momento da produção linguística.

Sob o prisma dessa perspectiva, um fator determinante para o entrenchamento das construções, para a sua convencionalização e aprimoramento, segundo Bybee ([2010] 2016), é a frequência de uso. A autora explica que, na prática,

acionamos informações já armazenadas, denominadas como representações mais fortes e frequentes, pois são acessadas com facilidade, e, portanto, a alta recorrência serve de base para a criação e categorização de novas formas. Como resultado, há inovação nos usos e esses poderão ser rotinizados e cristalizados na língua.

Muito importante para essa abordagem é a noção de língua como uma rede taxonômica, em que pares de forma e sentido instanciam construções que evidenciam a natureza funcional do sistema linguístico. A rede corresponde, no caso, à organização e categorização das construções. Assim, “cada construção constitui um nó na rede taxonômica das construções” (CROFT, 2001, p. 25).

A propósito da organização dessa rede, Traugott e Trousdale (2013) explicam que ela ocorre a partir da vinculação entre uma construção que é de nível mais básico e menos esquemático e outra que é mais geral e, conseqüentemente, mais esquemática. Desta feita, uma dada construção só é alocada na rede mediante o grau de compartilhamento de suas propriedades com outras construções, ou seja, com base no grau de conexão entre elas.

A respeito desse grau de conexão, ele pode ser mais ou menos proeminente, em termos de generalidade ou especificidade dos *links* associativos. Tudo dependerá: (i) do nível/grau de pertencimento da construção à família com a qual está vinculada; (ii) da distância e/ou proximidade hierárquica entre essas unidades; e (iii) da configuração forma-função entre as construções (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Para explicar essa inter-relação, Goldberg (1995) assume que há diferentes tipos de *links*, uma vez que esses se processam de modos distintos, permitem a percepção dos variados meios pelos quais o compartilhamento de propriedades e/ou sentido é estabelecido. Evidencia-se, aí, a dinamicidade dessa rede construcional, pois diversas relações são instituídas continuamente.

Esse pressuposto direciona a compreensão de que as construções se organizam na rede numa perspectiva de um *continuum*, em que léxico e gramática estão intimamente imbricados. Afinal, o conhecimento estrito de um desses conjuntos (palavras e regras) nem sempre será o suficiente para a ação comunicativa do falante. Se pensarmos nos casos das frases pré-fabricadas/formulaicas (expressões constituídas de muitas palavras), das expressões idiomáticas (em que o significado de cada parte nem sempre apreende o sentido total), ou das construções que se distanciam do seu feixe de exemplares (construções que representam de modo mais exemplar/prototípico determinada categoria), damo-nos conta de que a língua, de fato,



não está separada por partes isoladas em si mesmas, mas, sim, organizada numa rede hierárquica (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013) na qual múltiplas instâncias são abrigadas e correlacionadas.

Para dar conta da instanciação e da convencionalização de novas construções na hierarquia construcional, Traugott e Trousdale (2013) propõem três propriedades. São elas: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração da construção, já que o pareamento tem uma estrutura sequencial que pode ser [+/-] fixa ou [+/-] aberta. As construções são, portanto, variáveis no que diz respeito aos níveis da sua esquematicidade, complexidade e dimensão. Isto é, há na língua tanto construções que podem ser bem específicas, com pequeno grau de variação em uma determinada posição X, quanto as que permitem que variadas formas se encaixem na estrutura esquematizada.

Para explicar essa propriedade, Traugott e Trousdale (2013), com base no que propõe Traugott (2008), estabelecem a distinção entre quatro níveis de abstração/esquematização: (1) Esquema; (2) Subesquema; (3) Microconstrução; e (4) Construto. O esquema possui natureza altamente abstrata e esquemática que abarca estruturas complexas com várias possibilidades de preenchimento; o subesquema, por sua vez, envolve um conjunto de similaridades que são observáveis entre as construções, com menos alternativas de preenchimento; as microconstruções compreendem as construções *types* (isto é, o número de expressões possíveis) individuais propriamente ditas e que já estão convencionalizadas na língua; e, por último, os construtos, que correspondem aos usos efetivos, os *tokens* empiricamente comprovados, isto é, as produções particulares dos falantes em uma dada situação e com certo propósito comunicativo, que, por esse motivo, são carregadas de valor pragmático, sendo, portanto o grau zero de esquematicidade.

A composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e função/significado. Trata-se de uma propriedade pensada em termos de convergência ou não-convergência (*match or mismatch*) entre o significado de elementos individuais e o sentido do todo. No dizer de Traugott e Trousdale (2013, p. 19),

[...] se uma construção é semanticamente composicional, então, enquanto o falante produzir uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entender o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o sentido do

todo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19, tradução livre)<sup>9</sup>

A produtividade, por sua vez, diz respeito à frequência de determinada construção. Ligada ao grau de cristalização e rotinização dos usos na rede da língua, a produtividade de um padrão depende do quanto o falante o utiliza/aciona. Para entender o impacto desse fator, vale destacar a distinção proposta por Bybee (2003) para frequência *type* e frequência *token*. A primeira diz respeito aos tipos de expressões que uma dada construção apresenta; a segunda corresponde à quantidade de vezes que determinada construção ocorre no uso. É esta última que vai apontar se a construção está ou não se rotinizando na língua.

É importante destacar que a rotinização é condição básica para que diferentes modos de conceptualização e representação possam ser criados na mente dos falantes. Diante das demandas discursivas e das tentativas de dizer o que se quer dizer, falantes lançam mão de diferentes recursos. Acionam o que melhor representa o interesse de comunicação em um dado momento, e, quando reaparecem as necessidades, repetem a ação obedecendo ao que é realizável e permitido na língua.

Nessa dinâmica de uso, manifestam-se, naturalmente, a variação e a mudança linguísticas. No que se refere a esta última, Traugott e Trousdale (2013) explicam que há dois tipos: (i) mudanças construcionais e a (ii) construcionalização. O primeiro diz respeito às mudanças que ocorrem em apenas algumas das propriedades da construção e não envolve a criação de um novo nó na rede da língua. O segundo, por sua vez, envolve a criação de uma forma nova pareada a um significado novo, constituindo um nó inédito na rede linguística.

Com relação à variação, embora a LFCU e a GC a reconheçam como propriedade inerente ao sistema linguístico, ela ainda não tem um lugar definido nessas duas perspectivas teóricas. Assim, a fim de reconhecer o lugar da variação no âmbito da arquitetura construcional, foi proposta, então, a Abordagem Socioconstrucionista, que será apresentada na próxima seção.

---

<sup>9</sup> “If a construct is semantically compositional, then as long as the speaker has produced a conventional sequence syntactically, and the hearer understands the meaning of each individual item, the hearer will be able to decode the meaning of the whole. If it is not compositional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole”.

## 1.4 A abordagem Sociostrucionista

Com o intuito de contemplar o fenômeno da variação dentro da moldura construcional e da abordagem centrada no uso, Machado-Vieira e Wiedemer (2018a, 2018b, 2019) propõem como alternativa o diálogo teórico entre a Sociolinguística Variacionista e a Gramática de Construções, denominando tal enfoque de Abordagem funcional-construcionista ou sociostrucionista. Justificam o diálogo tendo em vista que ambas as perspectivas lidam e se orientam pelos usos que os falantes fazem da língua. No entanto, o debate crucial que emerge nesse diálogo envolve o conceito de variação linguística.

A propósito, o conceito formulado pela Sociolinguística Variacionista<sup>10</sup> (cf. LABOV ([1972] 2008) prevê que a variação linguística se refere aos modos alternativos de se dizer a mesma coisa e representar o mesmo conceito referencial. No dizer de Labov, dois enunciados diferentes que codificam o mesmo estado de coisas funcionam, em termos contextuais, a um só tempo, com o mesmo valor de verdade. Esse conceito básico nos direciona a pensar, inicialmente, que há sinonímia perfeita, quando formas diferentes são usadas para representar o mesmo significado.<sup>11</sup>

Todavia, uma das premissas assumidas pela GC é que, quando duas construções são sintaticamente distintas, também serão distintas no plano semântico ou pragmático. Trata-se, portanto, do princípio da não-sinonímia, elaborado por Goldberg (1995), o qual prevê potencialidades de diferenças funcionais entre as construções, tais como: de registro (formal ou informal); de organização do cenário discursivo; das questões implicadas no contexto de produção linguística; entre outras.

Machado-Vieira (2016), contudo, chama a atenção para o fato de que essa inclinação em se identificar apenas as diferenças entre as variantes problematiza o reconhecimento de funcionalidades semelhantes a que servem certas construções. Conforme a autora, essa inclinação é nítida até mesmo quando dados da experiência de uso mostram que nem sempre a diferenciação é percebida ou compreendida pelos

---

<sup>10</sup> Também chamada de Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Laboviana, essa perspectiva teórica investiga a língua a partir das relações entre a estrutura linguística e os aspectos socioculturais imbricados na produção do falante (CEZÁRIO; VOTRE, [2008] 2018).

<sup>11</sup> Nas décadas de 60 e 70 do século XX, com a vertente funcionalista clássica, a variação linguística foi tratada em termos de variabilidade ou princípio de estratificação/camadas, como propôs Hopper (1991).

próprios falantes.

No caso, não se pretende abrir mão do princípio da não-sinônima, ou questioná-lo por completo, como alertam Oliveira e Lopes (2019), ou não o reconhecer como um preceito que contempla as adaptações que uma língua demanda de seus falantes. No dizer de Machado-Vieira (2016, p. 156),

[...] apenas se tenciona chamar a atenção para a atitude que, de partida, se pode assumir frente a situações de variação ou alternância (ainda que estas 'raramente ocorram'), às quais geralmente não se confere 'expressividade' na descrição linguística.

É, portanto, nesse enquadre que se trava o dilema central da variação na GC. Como a premissa norteadora é a de que as construções (gramaticais e lexicais) são unidades básicas da gramática (GOLDBERG, 1995; 2006), e estão ligadas pela correspondência entre forma e função (CROFT, 2001), seria inviável pensar a separação desses polos em pareamento. Contudo,

[...] não podemos negar que haja contextos de neutralização, isto é, situações de discurso em que duas ou mais formas são interpretadas como equivalentes pelo falante, de modo que uma ou outra é passível de ser selecionada para a expressão de uma mesma condição de verdade (OLIVEIRA; LOPES, 2019, p. 29).

Dentro dessa linha de considerações, parece-nos que o desafio está na necessária readaptação do conceito de variação postulado pela Sociolinguística Variacionista. Afinal, considerando a impossibilidade de o pareamento forma-função permitir sinonímia em todos os seus atributos, a variação dentro da GC não seria vista no sentido de uma 'sinonímia perfeita/sinonímia absoluta', mas enquanto formas/padrões alternativos que são acionados, no uso, para cumprir funções semelhantes/alinhas/comparáveis, não iguais (MACHADO-VIEIRA, 2016; WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA, 2018a; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019; OLIVEIRA; LOPES, 2019).

Essa nova visão demanda, no entanto, implicações: (i) de reconhecimento e elaboração de critérios descritivos a fim de contemplar a variação; (ii) da natureza do objeto, afinal, a depender da questão-problema de pesquisa, a variação virá a ser central ou secundária; além (iii) da necessária representação na rede construcional, já que na GC interessa compreender como os elementos se organizam e se estruturam no sistema. Por isso, questionam-se: como a variação linguística se

organizaria? Quais seriam as readaptações necessárias para olharmos esse tipo fenômeno na abordagem construcional? (WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA 2018a; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

Esses autores, com o objetivo de responder a questões dessa ordem e contemplar as formas variáveis na arquitetura construcional, recorrem a Cappelle (2006), que propõe a noção de aloconstrução (*allostructions*), termo cunhado em analogia a alofone e a alomorfe<sup>12</sup>, os quais são definidos como as diferentes realizações dos fonemas e morfemas, respectivamente. São aqueles casos em que ocorre variação, em um ou outro, sem que se percebam mudanças nos significados.<sup>13</sup>

Cappelle (2006) se vale, inicialmente, dessas noções/definições (de alofone e alomorfe) e sugere que as aloconstruções sejam percebidas como possibilidades equivalentes, como manifestações alternativas para usos/padrões que estabelecem algum tipo de relação. A ligação que se faz é de similaridade funcional, do compartilhamento de partes dos sentidos que são acionados, nos contextos de usos, como alternativas em comum. Não quer dizer, de modo algum, que sejam formas que expressem o mesmo e absoluto sentido, apenas que essas funcionalidades são categorizadas pelos falantes como semelhantes/próximas, são, portanto, alternativas construcionais, padrões em variação construcional. Ou seja, são formas variantes, termo também utilizado na abordagem socioconstrucionista na tentativa de estabelecer um alinhamento com os conceitos mais clássicos da Sociolinguística. Por isso, quando se utiliza o termo *variantes* é a ideia de *aloconstruções* que se aplica; isto é, as possibilidades de realização de um certo padrão construcional.

Para ilustrar a noção de aloconstrução, Cappelle (2006) recorre às partículas verbais do inglês e às diferentes posições em que essas aparecem em enunciados, como: a) *pick up the book* / b) *pick the book up*.<sup>14</sup> Para o autor, a maneira pela qual devemos conceber esses dois padrões relacionados não é tratando-os apenas como derivados um do outro, mas como aloconstruções, como realizações/padrões em variação, uma generalização que reside na mente dos falantes.

<sup>12</sup> Nestes casos são diferenças praticamente imperceptíveis pelos falantes da língua, como bem sugere Bechara ([1928] 2009) ao descrever os conceitos de alofone e alomorfe em sua Gramática.

<sup>13</sup> Na morfologia, admite-se, então, “uma gama variada de realizações” dos morfemas (BECHARA, [1928] 2009, p. 40), por exemplo: as diferentes pronúncias do morfema /s/; e as manifestações variadas de elementos mórficos, como: os morfemas *i-* de imoral e *in-* de inconstante, em que ambos servem aos mesmos propósitos comunicativos: indicar negação. Ou seja, são possibilidades de expressar uma mesma condição de verdade por meio de formas distintas (Cf. OLIVEIRA, 2019).

<sup>14</sup> Tradução: “Pegue o livro”.

Ainda, nesse sentido, Cappelle (2006) propõe a existência de uma área de ligação entre unidades que denotam relação de similaridade, que são denominadas em Leino e Östman (2005) de metaconstrução (*metaconstructions*), um espaço de generalização de padrões construcionais independentes, onde se liga/relaciona uma construção e outra. Trata-se de um espaço abstrato onde os usos são neutralizados/alinhados e passam a ser conceptualizados como equivalentes em algum grau.

Os conceitos de aloconstrução e metaconstrução são, portanto, noções concebidas num jogo entre as semelhanças e as diferenças que estão implicadas nos usos de padrões alternativos/padrões em variação. Em particular, a aloconstrução explicitaria as alternativas diferentes, cada uma das construções; enquanto a metaconstrução seria um constructo teórico que representa a equivalência, ao passo que capta, sim, as diferenças, mas trata de neutralizá-las e amenizá-las nos contextos de usos (LEINO; ÖSTMAN, 2005; CAPPELLE, 2006).

Isso posto, compreende-se que o fato de as variantes serem usadas, em determinadas situações, para representar um mesmo objeto/coisa-no-mundo, não é o mesmo que defender que esses usos sejam exatamente iguais em todas as situações em que poderão ser acionados. Quando optamos em olhar sob a ótica da “alternância/possibilidade”, identificamos que algumas vezes os falantes categorizam os usos de acordo com as similaridades e abrandamento das dissimilaridades de forma muito natural.

Para fortalecer tal pensamento, referimo-nos a Hilpert (2014), que reconhece a existência de uma área de sobreposição semântica/funcional que possibilita ao falante de uma língua dizer algo de duas maneiras. Para o estudioso, os casos de alternância/variação são todos explicáveis, afinal, não se comportam de modo aleatório, mas antes são governados por determinantes linguísticos e sociais. Fatores governam/influenciam (mais ou menos) para que o falante opte por uma ou outra construção.

Falar em variação na arquitetura construcional implica reconhecer que há diferentes tipos. Dentre eles, destaca-se a variação na compatibilização de elementos nos *slots* configuracionais (espaços disponíveis para cooptação/preenchimento ou não) de uma dada construção. Significa dizer que toda construção tem elementos linguísticos que a sucedem e precedem e que podem ser tomados como objetos de análise no âmbito da variação construcional, pois fazem parte do conhecimento

estocado na mente dos falantes (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003; WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA, 2018b; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

A análise da variação dos *slots*<sup>15</sup> tem sido chamada de análise coleconstrucional (*Collostructional analysis*)<sup>16</sup> (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003). Trata-se de um modelo metodológico-analítico que permite investigar os lexemas que são mais potencialmente atraídos ou repelidos ao/s *slot/s* de determinada construção. Nesse procedimento, fatores como frequência (menor ou maior probabilidade de um lexema ou colexema se compatibilizar) (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003), entrenchamento na memória do falante e compatibilização semântica são indispensáveis à investigação (WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA, 2018b; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

No que se refere às possibilidades de preenchimento do *slot* de um esquema ou subesquema (em que a covariação de colexemas é acentuada), o que se nota é que, a depender do nível de esquematicidade, o funcionamento desses padrões se dá de modo variável, já que eles “estarão sujeitos a mais ou menos possibilidades de preenchimento e à compatibilização de membros mais ou menos centrais/prototípicos à categoria” (MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019, p. 89).

Desse modo, a configuração da variação de ordem do *slot* construcional ocorre por duas vias: ou por (i) variação de colexemas (*collexemes*), por força de atração de determinadas unidades linguísticas; ou por (ii) variação de lexemas, por força de coerção da própria construção que “determina” o que será alocado em seus *slots*. A mensuração dessas forças se dará com base na frequência em que os (co)lexemas aparecem nas construções observadas, por vias de quantificação.

Na primeira configuração, os elementos que ocupam esses *slots* compartilham determinadas propriedades dos polos de forma-função, e, por essa razão, são denominadas de colexemas, unidades/elementos lexicais funcionalmente alinháveis/compatíveis com o significado/sentido da construção (MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019). Na segunda, as unidades/elementos linguísticos não estabelecem naturalmente uma relação compatível com os *slots*, mas, por forças

---

<sup>15</sup> Há ainda: *Collexeme analysis*; *Distinctive collexemes analysis* e *covarying-collexeme analysis*. (Cf. WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA, 2018b, p. 117).

<sup>16</sup>Salientamos que, em nossa pesquisa, não seguimos a contabilização e o procedimento metodológico da análise coleconstrucional. Apenas recorremos a essas formulações dos estudos de Stefanowitsch e Gries (2003) com o intuito de pensar e, a partir dos dados e das frequências, conjecturar quais lexemas mais são associados às construções qualificadoras [V uma de X].

impostas pela própria construção, por meio do uso, impõem-se uma coerção que opera no lexema, fazendo-o ser alocado em um dos *slots* construcionais, que passa a reconhecê-los como alternativas de preenchimento (WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA, 2018b; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

Para Wiedemer e Machado-Vieira (2018b), o paralelismo está entre formas mais similares/colexemas em relação de analogia, o que possibilita, por um lado, maior chance de atração ao *slot*; por outro, formas menos alinhadas ao lexema têm menor chance. A alternância/variação, nesses casos, é percebida a partir do funcionamento das unidades/elementos lexicais e dos graus de maior ou menor chance de acomodação.

Assim, lidar com padrões em variação/alternância, ou melhor, com variantes construcionais, possibilita alargar a compreensão do funcionamento das construções e dos sentidos que são perfilados nas circunstâncias de uso, espaço em que a produção linguística revela a dinamicidade e a plasticidade características do sistema da língua.

## **1.5 Encerrando o capítulo**

Conforme anunciado, neste capítulo, apresentamos pressupostos teóricos de abordagens que lidam com a língua em uso. Foram elas: Linguística Funcional Centrada no Uso, Gramática de Construções e Abordagem Socioconstrucionista. Tratam-se de aportes que possibilitam descrever os dados/fatos da língua com vistas a captar e compreender os processos que geram ou estão imbricados nos padrões de uso. Também destacamos, por meio da Abordagem Socioconstrucionista, a recente discussão que vem sendo travada em torno do lugar que a variação/alternância linguística assume dentro da perspectiva construcional. À luz dos postulados aqui apresentados, investigamos os padrões de uso das construções qualificadoras [V uma de X], cujos resultados serão apresentados no terceiro capítulo desta dissertação. No próximo, descrevemos os procedimentos metodológicos que viabilizaram a organização da amostra analisada.



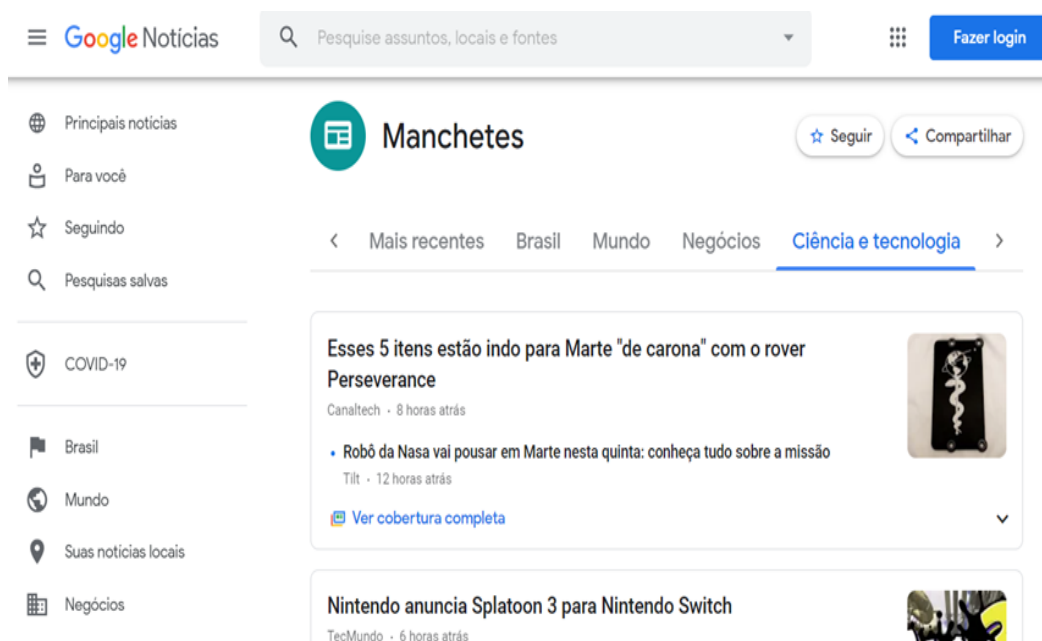
## **CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: o passo a passo**

### **2.1 Introdução**

Neste capítulo, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos que viabilizaram o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, iniciamos com a apresentação dos critérios e justificativas adotadas para a escolha do *corpus*, ao passo que anunciamos as possibilidades de operacionalização. Em seguida, caracterizamos o objeto de estudo, as construções qualificadoras [V uma de X] e detalhamos as etapas que precederam e culminaram na amostra utilizada. Ao final, os métodos seguidos e a natureza do nosso estudo são explicitados.

### **2.2 Sobre o *Corpus Google Notícias (GN)***

O nosso *corpus* é constituído de textos do campo jornalístico-midiático que estão compilados na plataforma *Google Notícias*. Trata-se de uma ferramenta da empresa *Google* que oferece ao internauta o acesso a diversos sites informativos (noticiosos) em um só espaço. Disponível na rede de internet e também em aplicativos de celulares (nos sistemas Android e IOS), o gerenciador de notícias apresenta um *layout* de visão geral das manchetes publicadas, com o nome do veículo responsável pela matéria e, na maioria dos casos, ainda fornece a data de publicação dos textos, sem que haja a necessidade de clicá-los e selecioná-los para a leitura. A título de demonstração, na Figura 2 apresentamos um exemplo da página de tal plataforma:

Figura 2- Página inicial do *Google* Notícias

Fonte: <<https://news.google.com/topstories?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>

Conforme descrito no suporte de ajuda do *Google*<sup>17</sup>, o sistema opera a partir da inteligência artificial dos algoritmos, aliada ao trabalho manual de editores que selecionam e organizam as principais matérias que cada usuário receberá. E, exceto se o indivíduo não tiver cadastro em uma *Conta Google* ou não efetuar o *login*, o serviço será sempre fornecido de forma personalizada. Desse modo, as seções são criadas com base nas informações fornecidas direta e indiretamente. Há aquelas em que se consideram a região do usuário, que possibilita a exibição de notícias mais específicas e locais, e outras que são formadas com base nos acessos mais recorrentes, de modo a oferecer informações que sejam de interesse desse internauta.

Como é possível checar na Figura 2, a plataforma está organizada em seções como: *Principais notícias* (onde ficam as manchetes e coberturas completas); *para você* (espaço para as recomendações mais específicas, com base nos últimos acessos); *segundo* (aba em que é possível acompanhar assuntos, locais e/ou fontes específicas); e *pesquisas salvas* (que, como o título já indica, é a parte em que pesquisas lidas, ou não, poderão ser armazenadas). Ainda dispõe de categorias mais específicas, tais quais: *Brasil*; *mundo*; *suas notícias locais*; *negócios*; *ciência &*

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://support.google.com/googlenews/answer/9005749?hl=pt-BR>>.

*tecnologia; entretenimento; esportes; e saúde*. Todas elas possibilitam, portanto, o acesso a um leque considerável de temáticas/conteúdos/assuntos abordados, e, no caso de nossa pesquisa, favorece a busca específica da construção investigada.

Dessa forma, justificamos a escolha do *corpus* e o reconhecemos como relevante por duas principais razões: (i) a possibilidade de observação dos múltiplos contextos de real comunicação humana, dada a pluralidade de eixos temáticos e dos veículos noticiosos, quer sejam eles pertencentes à grande mídia, quer sejam pertencentes a jornais locais, adotem ou não uma linguagem +/- formal, e (ii) a disponibilidade de trabalho com um dos gêneros mais difundidos na atividade jornalística, portanto, com alto grau de publicização: a notícia<sup>18</sup>.

A respeito da primeira razão, destacamos a influência teórica em nossa escolha, afinal, é basilar nas teorias, aqui adotadas, o reconhecimento de que os usos da língua são forjados na experiência do falante (BYBEE, [2010] 2016). Quer dizer, entendemos que a ação do falante *na/pela* língua reverbera na estrutura linguística e é também por ela afetada (em função dos seus próprios limites). Por isso, os usos são o nosso ponto de partida (por meio da observação das construções que são acionadas em um dado contexto) e também de chegada (por meio da análise das funcionalidades a que servem, no discurso, a construção investigada, efetivamente a “instância autêntica de utilização da linguagem” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 19).

Quanto à segunda razão, é uma tentativa de potencializarmos a chance de se detectar um número maior de ocorrências de uso para a constituição da nossa amostra. Tavares (1997) explica que o texto jornalístico é um produto industrial produzido em larga escala e comumente destinado ao consumo/leitura imediato/a. A notícia faz parte dessa dinâmica e entendemos que a vasta produção desses textos noticiosos é também um fator considerável. A cada dia novos eventos acontecem, fatos e/ou informações são divulgados/as, atualizados/as, (re) contados/as e, assim, é estabelecido o ciclo de constantes produção e publicação.

Por designar uma função informativa e pertencer à ordem dos relatos, a notícia é um formato utilizado para a difusão de acontecimentos que tenham causado certa

---

<sup>18</sup> Como se sabe, há na literatura o reconhecimento de distinções claras entre a notícia e a reportagem. Em nosso trabalho, contudo, não adotamos tal separação ao utilizamos o *Google* Notícia, por entendermos que a identificação e análise detalhadas sobre cada um desses formatos, bem como os esclarecimentos de suas singularidades e semelhanças escapariam aos objetivos da pesquisa.

comoção e impacto social. A esses fins, os redatores se valem de uma linguagem mais padronizada e direta, em que o principal objetivo é narrar determinado fato/evento e torná-lo conhecido por seus leitores-receptores. Tavares (1997, p. 124) esclarece que “para permitir a produção de textos jornalísticos em grande escala e com maior rapidez, o estilo empregado em sua escritura tem de ser simplificado ao máximo quanto a regras linguísticas”, por isso, o endosso à norma padrão.

Assim, justificamos, mais uma vez, a escolha desse gênero, tendo em vista a primazia da modalidade escrita de ordem revisada. Conforme amplamente percebido no âmbito dos estudos linguísticos, os textos escritos mais monitorados são os que mais resistem às inovações e mudanças linguísticas. E, quando determinada construção passa a ser utilizada nesses espaços, já é possível afirmar que há considerável adesão entre os falantes e que o estigma e/ou resistência já foram ultrapassados. Isso porque, esteja essa produção configurada em uma instância que exija maior monitoramento linguístico, como a jornalística, ou em uma situação em que as pressões normativas tensionem em menor grau, haverá sempre a possibilidade de se (re) estabelecer novas dinâmicas de uso.

Para Ramos (1970, p. 171), a notícia é entendida como “a informação concisa de fato jornalístico, com referências, sempre que possível, a lugar, modo, causa, momento, e pessoas ou coisas envolvidas”. Dessa forma, é também um gênero híbrido, já que, mesmo comportando uma escrita de teor mais formal, os fatos apurados são apresentados de forma diversificada. Ao corpo do texto, pode-se incluir: uma entrevista curta, fragmentos do discurso de uma personalidade pública ou o depoimento de algum sujeito, entre outros. Adiciona-se, então, a interferência da modalidade oral, mesmo que em situações bem mais pontuais.

Como toda a atividade linguística é potencialmente multidimensional e as notícias que fornecerão nossos dados pertencem ao jornalismo *online*, há ainda a opção de os leitores-receptores incluírem comentários às publicações. Em tal espaço é perceptível uma escrita menos estandardizada em que se utilizam estruturas e construções que são mais recorrentes em textos orais informais. Ali estão reunidas informações fornecidas por falantes que poderiam ser estratificados por idade, sexo, grau de escolaridade, nível socioeconômico, região etc. E, apesar da impossibilidade de identificarmos esses fatores, por conta do anonimato dos internautas ou da falta de mecanismos que precisassem tal investigação, ainda assim, são traços que estarão presentes em nossas amostras, garantindo-nos pluralidade/ diferentes tipos

de falantes.

Mesmo que os comentários *online* pertençam a outro gênero discursivo, optamos por incluí-los em nossa análise, pois eles são partes integrantes e continuativas das notícias *online*. A partir do chamamento do veículo, os internautas são incentivados a participarem da interlocução, e, para isso, é necessário esboçar algum posicionamento/ideia a respeito dos fatos anunciados. Por esse motivo, são comuns ao final de cada publicação os enunciados “Participe da conversa” ou “Deixe o seu comentário”, já que se espera que os leitores repercutam a notícia (SANTOS; FILHO, 2012). Em alguns casos, até desenvolvem a discussão para outras vias temáticas/ideológicas. É, de fato, um ambiente de cruzamento de múltiplos discursos, por isso também o consideramos como espaço de análise. Nesse ponto, é oportuno resgatarmos Bybee ([2010] 2013), que advoga a favor de atentarmos às variadas fontes que evidenciam a experiência do falante. Para ela, nenhum espaço de manifestação e expressão situada da língua deve ser desconsiderado.

### 2.3 Sobre as construções qualificadoras [V uma de X]

Antes de delinear as razões para a análise das construções qualificadoras, faz-se necessária a elucidação de como foi o seu processo de escolha. A propósito, na etapa inicial, pretendíamos analisar as construções oriundas do verbo *tirar*, como ilustram os casos em (2):

- (2) a. [Tirar + SN]: “Aí ganhei uma, duas, umas três seguidas... Moral da história: ganhei 800 dólares dele e os caras do time cada vez mais **tirando onda** dele”. (ESPN – GN).
- b. [Tirar + de + SN]: “Mas o delegado não acredita e rebate: “Tá me **tirando de otário**? Você acha que vou acreditar nessa tua historinha [...]?”. (Purepeople – GN).
- c. [Tirar + uma de X]: “ O jogador afirma [...]: “Tentaram **tirar uma de esperto**. Chega uma hora que temos que denunciar”. (Estado da Bahia – GN).

Vislumbrando detectá-las, fizemos uma busca inicial na *Web* (no site do *Google* e *Twitter*) a fim de termos as primeiras impressões de usos. Sem a contabilização exata ou rigor científicos ainda, notamos, de prontidão, que a construção ilustrada em (2c) era a mais produtiva. Para além, percebemos que não apareciam apenas estruturas com o *tirar*, mas também com outros verbos, como *pagar*, *fazer*, *dar* e *passar*<sup>19</sup>, como se pode ver, respectivamente, em (3):

- (3) a. “Isso tudo ainda é pouco, se prestarmos atenção [...] vamos perceber que a roubalheira – ou o direito de roubar à vontade – desta vez contou com o apoio de quase todos aqueles ministros circunspectos e bem falantes que apreciam muito **pagar uma de honestos e garantidores da Democracia** frente às Câmeras da Globo”. (Takamoto – GN).
- b. “Por enquanto, estou em análise, mas pretendo **fazer uma de aprovada** [...], conclui”. (G1/Globo – GN).
- c. “Tem espaço para todo mundo. Mesmo que você não saiba codificar, pode **dar uma de apresentador**, gerenciar o projeto ou criar a maquete/diagrama do futuro aplicativo”, completa”. (O Globo – GN).
- d. “Não pega bem um jornalista experiente como Guga, acostumado a diagnósticos políticos complexos, vir agora e tentar **passar uma de que está ‘surpreso’** com a desqualificação e o baixo nível dessa gente”. (Brasil 247 – GN).

Essa amostra sinalizou que estávamos diante de uma construção de comportamento variável, tendo em vista que serve à instauração de sentidos semelhantes e/ou provoca uma ideia similar, isto é, comporta certa proximidade funcional. Seria, então, um tipo de construção que poderia ser explicada à luz de pressupostos construcionais.

---

<sup>19</sup> É válido destacar que essa averiguação é limitada aos espaços de buscas utilizados. É, portanto, muito provável que outros verbos ocupem o primeiro *slot* das construções qualificadoras no Português Brasileiro. Contudo, selecionamos apenas estes por notá-los mais frequentes e pela necessária delimitação.

O próximo passo foi categorizar a construção. Afinal, o que ela denota de fato? Basicamente, percebemos que ela é usada para qualificar/categorizar algo ou alguém, e, por isso, foi denominada de construção qualificadora. No caso, a impressão é que ela é usada quando o falante quer dizer que determinado sujeito camufla o que de fato é ou finge ser o que não o é. Dessa forma, entendemos que, nesse tipo de construção, há presunção de um certo julgamento/avaliação por parte do falante/locutor em relação a um objeto, ao/s interlocutor/es ou a uma situação em questão. Ou podem ainda, mesmo que seja em casos mais isolados, ser usadas para fins apreciativos, positivos ou mais brandos no que diz respeito à carga avaliativa.

Em termos teóricos, as justificativas para a escolha da construção recortada foram: (i) sua configuração evidencia um pareamento de forma e sentido; ii) há notória nuance de significação no uso; (iii) é uma construção recorrente em textos escritos; e (iv) representa um fenômeno de variação/alternância. Sobre esta última, consideramos que estudar características da língua como a variabilidade e alternância seja, de fato, relevante, pois revelam a capacidade criativa dos falantes quando inseridos em atividades comunicativas.

Nessa direção, defendemos a importância da nossa investigação, pois, com ela, (i) pretendemos contribuir com os estudos de descrição do português brasileiro, (ii) colaborar para a ampliação de pesquisas que se interessam por padrões de usos linguísticos em processo de rotinização e convencionalização, e (iii) fortalecer as linhas de pesquisas que se amparam em abordagens que adotam a língua em uso, como a LFCU, a Gramática de Construções e a Abordagem Socioconstrucionista. E, em última instância, há ainda o intuito de suscitar reflexões – a partir dessas perspectivas teóricas – sobre o trabalho com a variação/alternância linguística em sala de aula.

#### **2.4 A constituição da nossa amostra e os procedimentos adotados**

Tendo o objeto de pesquisa delimitado, passamos, então, à coleta de dados no *corpus*. Para tanto, contamos com o mecanismo de busca fornecido pelo *Google Notícias*, que permitiu a rápida identificação das construções. Após digitarmos a construção [V + uma + de], preenchendo o primeiro *slot* com os verbos já definidos a partir da primeira testagem, selecionávamos os *sites* em que se detectava a ocorrência, e, em seguida, avaliávamos se o sentido era ou não de qualificação.

O período de busca foi, então, dividido em duas etapas de acordo com o tempo disposto para o nosso estudo. A primeira foi realizada no mês de abril/2020, objetivando, naquele período, reunir uma amostra parcial para fins de realização do exame de qualificação. Naquele mês, foram encontradas 178 ocorrências das qualificadoras [V uma de X] em um total de 176 textos (nos gêneros notícia e comentário *online*). A segunda etapa, por sua vez, compreendeu os meses julho/2020, agosto/2020 e setembro/2020, com a coleta de mais 396 construções qualificadoras em um total de 391 textos.

A identificação e a seleção das construções ocorriam sempre nos três últimos dias de cada mês, pois fazíamos um intervalo de tempo para que novas notícias fossem publicadas e estivessem reunidas na plataforma do *Google Notícias*. Ao final da coleta, que se deu sob um recorte temporal sincrônico<sup>20</sup>, a nossa amostra ficou assim constituída: 574 ocorrências das construções qualificadoras registradas em um total de 567 textos.

Vale esclarecer que a plataforma por nós escolhida (*Google Notícias*) não é um banco de dados ou *corpus* previamente montado para fins de pesquisa ou estudo da língua portuguesa. Nós, investigadores, que, a exemplo desta pesquisa, a utilizamos para esses fins. Desta feita, percalços são quase que previsíveis, mas todos contornáveis. Por exemplo, no momento da busca, algumas vezes as matérias se repetiam e já tinham sido por nós contabilizadas em um mês anterior. Por se tratarem de veículos que comunicam sobre assuntos de amplo interesse, é comum que o mesmo fato seja noticiado por mais de um *site*. Assim, após todos os processos de busca, foi necessário realizarmos uma varredura em notícias que estivessem duplicadas, evitando contagens repetidas para um só uso.

## 2.5 A natureza da pesquisa

A nossa pesquisa é primariamente de cunho teórico e bibliográfico, aliada ao método misto de análise que mescla as abordagens qualitativa e quantitativa (LACERDA, 2016). Dessa forma, discorreremos sobre o nosso objeto de estudo a partir

---

<sup>20</sup> Não foi possível delimitar, no momento da busca, o ano/período em que as notícias eram veiculadas pelo *Google Notícias*. Como é uma plataforma automática, a aparição dos textos escapa ao controle do internauta. Certificamo-nos, contudo, que todas as que apareciam eram do presente século e a grande maioria era do ano ou dia correntes.



de uma investigação pautada em: (i) observação, descrição e interpretação dos dados (que corresponde à natureza qualitativa) e (ii) contabilização e apresentação numérica/percentual das ocorrências encontradas em nossa amostra (que corresponde à natureza quantitativa).

Sobre a abordagem qualitativa, Padanov e Freitas (2013) explicam que ela diz respeito à compreensão do pesquisador sobre o fenômeno observado. No caso, ao final da investigação, é possível tecer generalizações sobre o objeto investigado, descrever os fenômenos observados, levantar hipóteses e ainda realizar certas descobertas. Assim, por meio dos pressupostos teóricos adotados, visamos, por meio da análise qualitativa, confirmar ou não as hipóteses levantadas.

Já a abordagem quantitativa é aquela utilizada quando o pesquisador se ocupará com elementos que podem ser mensuráveis/quantificáveis, conforme palavras de Padanov e Freitas (2013). Ao optar por esse método, o sujeito da pesquisa intenta se manter fiel aos dados e buscará traduzir com a exatidão dos números o que foi observado no espaço de investigação (o *corpus*). Ao final, espera-se tecer predicções acerca do objeto, descrever, testar hipóteses, confirmar suposições e, claro, controlar a frequência.

Na análise quantitativa, o nosso propósito é o de mensuramos quais são os usos mais recorrentes nos constructos analisados (frequência *token*) e quais os tipos de construções (*tirar uma de, dar uma de, pagar uma de, fazer uma de e passar uma de*) mais são acionadas (frequência *type*). Vale destacar que a frequência é um fator de destaque nas metodologias de pesquisa em LFCU. Conforme esclarecem Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), o interesse central reside em investigações sobre o uso da língua em situações de interação, logo, é crucial que a recorrência de uma dada estrutura seja aferida, afinal é o grau de rotinização que revelará o quão convencionalizada é a construção na língua.

A conciliação das duas metodologias nos situa no campo do método misto de análise (LACERDA, 2016). Ao tratar sobre a combinação de abordagens em pesquisas enveredadas pela abordagem construcional, Traugott e Trousdale (2013) também defendem a relevância do equacionamento. Os teóricos apontam que a junção pode contribuir para uma percepção mais assertiva de como as inovações linguísticas emergem na língua em uso e como passam a ser rotinizadas. Destacam, inclusive, que esse tipo de análise é importante porque permite dimensionar as construções em termos de composicionalidade, esquematicidade e produtividade,

uma ação prevista em nosso trabalho.

## **2.6 Encerrando o capítulo**

Abrimos este capítulo com algumas considerações a respeito da constituição do *Google* Notícias (GN), nosso *corpus* de pesquisa. Destacamos o caráter dinâmico dos textos noticiosos e frisamos sobre a variedade de usos que encontraríamos nos comentários que são inseridos por internautas em muitos dos *sites* que compunham a nossa amostra. Elencadas as devidas justificativas para tais escolhas, descrevemos e explicamos os métodos adotados na investigação.

## **CAPÍTULO 3: AS CONSTRUÇÕES QUALIFICADORAS [V UMA DE X]: padrões e particularidades construcionais**

### **3.1 Introdução**

Neste capítulo, apresentamos a descrição e as análises do comportamento das construções qualificadoras [V uma de X] no *corpus* investigado. Primeiro, descrevemos os resultados referentes à frequência de uso dos elementos que ocorrem no *slot* de V e no *slot* de X; segundo, promovemos a análise qualitativa a respeito da natureza desses elementos que são acoplados nos *slots*; terceiro, explicamos como a variação é caracterizada. Por fim, sugerimos uma proposição de mapeamento das qualificadoras na rede da língua.

### **3.2 As construções qualificadoras [V uma de X]: a nossa amostra**

Do levantamento feito no *Google* Notícias, reunimos 574 ocorrências das construções qualificadoras [V uma de X], registradas em um total de 567 textos dos gêneros notícia e comentário. No primeiro, detectamos o uso das qualificadoras em 317 constructos e, no segundo, em 250. A nossa amostra revela que o padrão construcional [V uma de X] apresenta variação de uso tanto no funcionamento do *slot* de V, em que detectamos 5 verbos distintos como possibilidades de cooptação, quanto nos padrões de uso do *slot* de X, que também apresentaram 5 alternativas de instanciações. Nas seções a seguir, descrevemos esses resultados.

### **3.3 As possibilidades de preenchimento do *slot* de V**

Tendo em vista que o preenchimento do *slot* de V funciona de modo variável, verificamos, então, quais verbos ocorrem nesses espaços. Assim, a fim de conferir as frequências *type* e *token*, fizemos um levantamento quantitativo, conforme discriminado na Tabela 1:

Tabela 1 - Frequências *type* e *token* dos *slots* de V das construções [V uma de X]

Frequência Type	Tirar		Dar		Pagar		Fazer		Passar		Total	
	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%
Frequência <i>token</i>	52	9,1	392	68,3	111	19,3	10	1,7	9	1,6	574	100

Fonte: Elaboração própria

Como se pode notar, no *corpus* analisado, há diferentes possibilidades (frequência *type*) de preenchimento do *slot* de V, em se tratando das construções qualificadoras. Contudo, é possível perceber oscilações no grau de rotinização de cada um dos tipos. Há, nos casos de *fazer* e *passar*, uma utilização mais branda, o que fica notório com a aproximada recorrência de uso (frequência *token*), (1,7% e 1,6%, respectivamente); com *tirar*, observamos um uso mais considerável (9,1%); o uso de *pagar* se apresenta com maiores sinais de repetição (19,3%); e o verbo *dar* se destaca como o mais recorrente, totalizando a maior parte das ocorrências (68,3%).

Esses verbos, além de serem caracterizados por suas funções plenas (de natureza mais concreta), podem também exibir comportamento diferenciado (demonstrar natureza mais abstrata). Aqui, nos casos em que se tornam possibilidades de cooptação do *slot* de V das construções qualificadoras [V uma de X], identificamos clara distinção, pois todos passam a demonstrar atributos funcionais/de significação e atributos formais/de estruturação característicos desses contextos de uso.

Assim, não exercem apenas os sentidos circunscritos às situações mais padronizadas, mais prototípicas da função plena, mas ampliam-se para além do significado lexical e da organização gramatical comumente prevista. Resultam em alternativas de uso nas quais a significação se torna mais generalizada (recobra o todo), e os constituintes sozinhos não podem precisar o sentido instaurado quando alocados no *slot* de V.

Portanto, ao consideramos o número de ocorrências registradas em nosso *corpus* (total de 574), entendemos que essas novas acepções de sentido são desencadeadas a partir das necessidades comunicativas dos falantes da língua. Que, por meio de usos alternativos, recorrem com frequência às formas já existentes e atribuem novos sentidos, novas dinâmicas. Em outras palavras, à medida em que os

falantes concedem diferentes funcionalidades aos verbos, novas combinações e significações são instauradas na língua.

Tomemos como demonstração o verbo *dar*, o mais produtivo da nossa amostra e que tem sido objeto de investigação há algum tempo em pesquisas linguísticas. Quer seja estudado pelo viés da gramaticalização<sup>21</sup>, quer seja analisado nos casos em que os falantes o operam enquanto verbo-suporte<sup>22</sup>, ou ainda como parte de expressões idiomáticas, a produtividade desse verbo no português brasileiro revela uma variedade de acepções e extensões de sentido, como já constataram Coelho e Silva (2014) e Coelho e Sousa (2017), por exemplo. Nesse sentido, acreditamos que as mudanças já implementadas com o verbo *dar* tenham favorecido a sua produtividade em nossa amostra, como um dos verbos mais recorrentes na configuração das construções qualificadoras.

### 3.4 A natureza dos elementos cooptados no *slot* de V

Para observarmos a natureza dos elementos que são cooptados no *slot* de V, consideramos relevante um breve resgate de três noções muito caras aos estudos da língua(gem): classes de palavras/partes do discurso (categorização mais abrangente), verbo (categoria mais específica e que integra parte da construção em análise) e, por último, a de significação (que corresponde às possibilidades funcionais que cada *type* pode vir a exercer nos contextos de uso).

Na tradição gramatical brasileira, as palavras são classificadas em dez categorias distintas: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. E, embora sejam divisões herdadas da lexicografia grega, conforme registra Silva (1996), ainda em nosso tempo não há consenso sobre o comportamento de todas elas. Para alguns linguistas, como Perini (2019), por exemplo, não se pode misturar a noção de classe com a de função. Logo, seria inadequado que palavras pertencentes a uma mesma classe desempenhassem funções distintas em decorrência dos contextos de uso, pois a classe é definida fora do contexto, diferentemente da função. A classe lida com o contexto apenas em

---

<sup>21</sup> Trata-se um fenômeno que demonstra a plasticidade característica à gramática da língua, que fora amplamente discutido pelos estudos da corrente funcionalista clássica. Diz-se que um item passou por gramaticalização quando há a passagem de sua função lexical para gramatical.

<sup>22</sup> Conforme Neves (2011), os verbos-suporte são aqueles de significado esvaziado que formam com o seu complemento (objeto direto) um significado mais global. Por exemplo: *Dar* uma olhada = *Olhar*.

termos potenciais. Todavia, essa categorização não é de todo absoluta e pode ser tratada com mais flexibilização.

Dessas classes, interessa-nos, para análise do *slot* de V, os verbos. Altamente estudados nas escolas, produtivos no âmbito das pesquisas científicas<sup>23</sup> e, sobretudo, nuclear para o desenvolvimento da linguagem verbal humana, esses elementos recebem diferentes definições, por vezes até complementares. Na Gramática de Cunha e Cintra (2017, p. 391), encontramos: “Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. Em Rocha Lima (2011, p. 168, grifo nosso) temos:

[...] O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou “acidentes gramaticais”. Estes “acidentes gramaticais” fazem que ele mude de forma para exprimir seis ideias: modo, tempo, número, pessoa, *aspecto* e voz.

Já em gramáticas de orientação linguística, a exemplo de Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012), encontramos uma descrição mais ampla sobre a classe do verbo, tendo em vista que, além de propriedades morfossintáticas e semânticas, são consideradas também propriedades pragmáticas, ou seja, são contempladas tanto propriedades formais quanto funcionais.

A propósito, essa descrição nos remonta às orientações tecidas no âmbito da LFCU, particularmente da abordagem construcional, que defende a necessidade de se considerar o pareamento forma-função na análise das construções. Para a construção que recortamos como objeto de pesquisa, consideramos, do polo da forma, a regência verbal, e, do polo do sentido, as significações empreendidas por elas. A nossa escolha em observar essas duas propriedades se explica por entendermos que a inovação ocorrida no significado do verbo pode vir a implicar mudança de regência, revelando, dessa forma, a dinamicidade do sistema até mesmo em categorias mais complexas.

Conforme a norma gramatical, a relação que o verbo (regente) estabelece com o seu complemento (termo regido) é denominada de regência verbal, a qual se dá por

---

<sup>23</sup> A nível de ilustração, um acesso ao *Catálogo de teses e dissertações* da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por exemplo, com o comando “Verbo”, resulta em 2083 trabalhos de pesquisas em que essa categoria foi contemplada. A mesma busca no *Google Scholar*, banco de dados para variados tipos de trabalhos acadêmicos, também revelou a alta produção: foram aproximadamente 231.000 resultados.

vias direta ou indireta. Na direta, a ligação não exige a presença de uma preposição, mas na segunda, a indireta, sim. Nesta, o complemento é um objeto direto e na segunda, um objeto indireto (CUNHA; CINTRA, 2017).

Bechara (2009) chega até a utilizar o termo “servidão gramatical” ao abordar esse tópico. Na reflexão do gramático, a obrigatoriedade do uso de determinadas preposições a determinados verbos e seus complementos (referindo-se, ele, aos relativos) é sempre estabelecida pela tradição. Que, em certos casos, pode permitir o emprego de mais de uma preposição a um só verbo, e, conseqüentemente, pode também restringir.

Assim, vemos que a interdependência entre a palavra regida e seu termo regente não é de todo tão simplista. Os verbos costumam ter múltiplas designações, para além daquelas mais prototípicas, e esse é um fator determinante para o modo pelo qual a regência será indicada. Trata-se, portanto, de um tópico formal que nos leva ao polo funcional. Os autores Cunha e Cintra (2017) também reforçam essa premissa. Asseguram que a variedade de regências se explica em detrimento da diversidade dos verbos quanto a seus significados. E é essa dinâmica que identificamos no *slot* de V. A fim de confirmar isso, apresentamos o Quadro 1:

Quadro 1 – A regência e os significados dos verbos que ocorrem no *slot* de V

VERBO DO SLOT DE V	REGÊNCIA TRADICIONAL (+ plena e prototípica)	SIGNIFICADOS DICIONÁRIO AULETE DIGITAL <sup>24</sup> VERBETES ATUALIZADOS
Tirar	Quem tira, tira algo de algum lugar ou de alguém.	1. Fazer sair ou sair de (um lugar); RETIRAR (-SE) 2. Despir (roupa) ou descalçar (sapato). 3. Arrancar, extrair. 4. Produzir (uma coisa) a partir de (outra); EXTRAIR 5. Conseguir, obter. 6. Formar-se, graduar-se em. 7. Copiar (trecho, fragmento de texto); EXTRATAR; TRANSCREVER 8. Fazer desaparecer (mancha). 9. Captar (imagem) por meio técnico. 10. Ter a própria imagem captada por meio técnico. 11. Puxar (algo para fora de); SACAR 12. Apossar-se de; subtrair (algo) de (alguém); ROUBAR 13. Eliminar, afastar. 14. Medir, avaliar. 15. Deduzir algo a partir de (outra coisa); CONCLUIR; INFERIR 16. Diminuir, subtrair. 17. Eliminar, excluir, excetuar. 18. Desviar, afastar. 19. Afastar (alguém) de (propósito, opinião); DISSUADIR 20. Livrar, libertar, soltar. 21. Privar (alguém ou algo) de, subtrair (alguma coisa) a (algo ou alguém). 22. Convidar para dançar. 23. Imprimir (cópia de). 24. Editar, publicar. 25. Usufruir ou auferir

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Recorremos ao Aulete para a montagem desse quadro por se tratar de um dicionário disponível na rede de internet. O nosso intuito é apresentar os significados dos verbos e conferir se os sentidos aplicados nas construções qualificadoras estão, de algum modo, ali, descritos ou se há alguma aproximação com designações listadas.

		<p>de. 26. Ser parecido com; ter alguma coisa de; APROXIMAR- 27. Puxar, tracionar. 28. Cumprir (sentença). 29. Representar por meio de desenhos, símbolos etc.; TRAÇAR 30. Bras. Dar início a dar o exemplo para que outros acompanhem; PUXAR 31. Bras. Passar para o papel (música ou letra de música que está sendo ouvida ou que se tem de memória). 32. Aprender a tocar (música).  <i>Expressão:</i> “Sem tirar nem pôr/botar”: 1 Exatamente, sem qualquer diferença.</p>
<p><b>Dar</b></p>	<p>Alguém dá algo a alguém.</p>	<p>1. Ceder, transferir (bens, posses, algo que se tem à disposição) sem remuneração; DOAR 2. Oferecer como presente ou brinde a; PRESENTEAR 3. Passar (algo) às mãos de (alguém) 4. Oferecer (gratificação, pagamento, remuneração etc) 5. Conceder, oferecer (atenção, consentimento, favor, serviço, poder, conselho, tempo etc.). 6. Atribuir (nome, título etc.). 7. Atribuir (valor, importância); dedicar (tempo, atenção). 8. Promover, organizar, oferecer (encontro, evento, festa). 9. Transmitir (informação, notícia); COMUNICAR 10. Ser noticiado 11. Transmitir (instrução, recomendação, ordem etc.) 12. Levar a efeito (uma ação).13. Ser a causa de; resultar em; PROVOCAR 14. Deparar com; TOPAR 15. Ter vocação para. 16. Ter acesso ou vista para.17. Ministrara (aula, curso, lição); LECIONAR 18. Administrar, ministrar (posologia).19. Aplicar (beijo, pancada, surra, etc.). 20. Ser suficiente; BASTAR 21. Gerar, fazer brotar, nascer; produzir. 23. Dar-se conta de; PERCEBER 24. Suceder (algum fato); ACONTECER; OCORRER 25. Adaptar-se a; ter boa relação. 26. Ter êxito (bom ou mau); HAVER-SE 27. Tabu. Consentir em ter relação sexual (diz-se ger. de mulher). 28. Ter consequência (boa ou má); RESULTAR 29. Exalar (cheiro bom ou mau) 30. Manifestar, deixar transparecer 31. Oferecer esforço, tempo, atenção etc. a empreendimento, tarefa, missão etc. 32. Oferecer para enlace, enlaçar (mão, braço) 33. Atribuir, por estimativa 34. Considerar (algo ou alguém) em certa situação, condição etc.  <i>Expressões:</i> “Dar a saber”: 1 Comunicar, fazer saber. / “Dar certo”: 1 Ter bom êxito, sucesso. / “Dar de/para”: 1 Habituar-se a, cismar de/ “Dar de si”: 1 Ceder sob peso ou pressão, ou por causa de esforço continuado/ “Dar duro”: 1 Bras. Gír. Trabalhar muito, esforçar-se muito. / “Dar em cima de”: 1 Bras. Assediar (alguém) visando conquista amorosa. / “Dar em nada/Não dar em nada”: 1 Não resultar em nada, não ter sucesso/ “Dares e tomares”: 1 Conflitos, desavenças. / “Dar fé”: 1 Atestar como verdade/ “Dar mole”: 1 Bras. Pop. Descuidar-se, agir com displicência/ “Dar mole para”: 1 Dar sinais de interesse ou atração por (alguém). / “Dar o tom”: 1 Fig. Ser a característica predominante ou o parâmetro de algo / “Dar para”: 1 Ver Dar de/para. / “Dar para trás”: 1 Recuar, voltar atrás 2 Piorar, degradingolar. / “Dar (o) que falar”: 1 Ser motivo de comentários (ger. maliciosos) ou críticas. / “Não se dar por achado”: 1 Não dar (alguém) importância ao que se diz a seu respeito. 2. Fingir que não entende; fazer-se de</p>



		desentendido. 3 Não mudar de ideia ante argumentos ou opiniões contrários, não dar o braço a torcer. / “Não se lhe dar”: 1 Ver Pouco se lhe dar. / “Para o que der e vier”: 1 Com disposição de enfrentar qualquer circunstância ou consequência, boas ou más. / “Pouco se lhe dá”: 1 Ser-lhe de pouco interesse, ser-lhe indiferente. / “Quem dera (a) ”: 1 Us. interjectivamente para expressar desejo de que as coisas sejam (ou fossem) de determinado modo, ou expectativa de que algo ocorra./ “Se me dão”: 1 Quando é oferecido, ou seja, quando não é preciso comprar.
<b>Pagar</b>	Quem paga, paga alguma coisa ou paga a alguém.	1. Dar quantia em dinheiro, ou alguma coisa de valor, em troca de (mercadoria, serviço etc.); REMUNERAR. 2. Dar ou devolver aquilo que é devido, ou dinheiro correspondente a uma obrigação; satisfazer (dívida ou encargo). 3. Pagar aquilo que se dever; cumprir (promessa, juramento etc.). 4. Fazer ação boa ou má em resposta a ação de outra pessoa; retribuir (bem ou mal). 5. Receber ou sofrer punição, castigo, vingança etc. por algo que se fez. 6. Fazer pagamento 7. Compensar <i>Expressões:</i> “Pagar caro (por) ”: 1 Sofrer consequências penosas (de algo que fez). / “Pagar e não bufar”: 1 Bras. Pop. Pagar sem reclamar, sem protestar. / “Pagar para ver”: 1 Em certos jogos de cartas (como no pôquer), igualar as apostas de adversário (s), encerrando-as, para que se mostrem as cartas e se constate quem é o ganhador. 2 Fig. Estar disposto a arriscar-se, enfrentando um desafiante ou um desafio que se crê não serem tão fortes ou difíceis quanto aparentam. 3 Fig. Us. para manifestar dúvida ou descrédito a respeito da realização de promessa, anúncio ou ameaça feitos por alguém.
<b>Fazer</b>	Quem faz, faz alguma coisa.	1. Criar, elaborar, produzir; dar existência a alguma coisa 2. Construir, fabricar, manufaturar. 3. Pôr em prática; EXECUTAR; REALIZAR 4. Dedicar-se a (atividade, esporte etc.); trabalhar em 5. Atuar em ou como; INTERPRETAR 6. Dizer, proferir, expressar 7. Deixar, tornar 8. Causar, provocar 9. Cometer 10. Oferecer; conceder 11. Completar (idade, aniversário) 12. Vender por certo preço ou cobrar um preço 13. Percorrer, perfazer 14. Fingir-se 15. Arrumar, pôr em ordem 16. Tratar ou embelezar (alguma parte do corpo) 17. Cozinhar 18. Ir às compras em 19. Ingerir alimentos 20. Consagrar-se a (algo) 21. Tomar nova forma 22. Seguir um curso; fazer uma carreira 23. Amealhar, economizar 24. Realizar obra artística 25. Alcançar benefício por meio de influência ou empenho 26. Pop. Expelir, excretar 27. Inspirar ( piedade) 28. Despertar, provocar 29. Causar, ocasionar 30. Conceder, prestar 31. Acarretar transformação, converter em 32. Ter ganho ou vantagem 33. Fingir, simular 34. Comportar-se, proceder 35. Converter-se, transformar-se 36. Fingir ser (alguma coisa) 37. Conduzir-se de certo modo.  <i>Expressões:</i> “Fazer bem/mal em”: 1 Agir bem/mal, corretamente/incorretamente ao/ “Fazer com que”: 1

		<p>Causar, deslanchar (ação) 2 Ser a causa de, acarretar/ "Fazer de tudo para": 1 Esforçar-se ao máximo em vista de um objetivo; tentar de todas as maneiras; persistir ao máximo. / "Fazer e acontecer": 1 Bras. Fazer (alguém) o que quer, o que bem entende. / "Fazer e desfazer": 1 Ter muito poder ou influência pessoais, ou inteira liberdade para decidir e impor sua vontade; mandar e desmandar. / "Fazer mal a": 1 Fig. Violentar, tirar a virgindade a, deflorar. / "Fazer por elas": 1 Merecer (alguém) o que lhe aconteceu (ger. coisa ruim, tomada como castigo). / "Fazer por onde": 1 Tentar, procurar maneira de (fazer ou conseguir algo). 2 Ser causa de, dar motivo a/ "Fazer que": 1 Ver Fazer com que 2 Fingir, simular (ação). / "Fazer-se rogar/de rogado": 1 Não atender logo a pedido, por não estar disposto ou fingindo não estar disposto a atendê-lo. / "Fazer ver": 1 Mostrar 2 Advertir/ "Não fazer por menos": 1 Agir ou reagir, atuar ou revidar rápida e resolutamente./ "Não fazer senão": 1 Não fazer outra coisa além de./ "Tanto faz": 1 Não faz diferença; pouco importa.</p>
<p><b>Passar</b></p>	<p>Quem passa, passa algo para algum lugar ou alguém. Quem passa, passa por ou para algum lugar.</p>	<p>1. Cruzar, percorrer, (distância) ger. ultrapassando (limite, fronteira, obstáculo) 2. Deslocar (-se), mover (-se) (de um lugar a outro) 3. Deixar (algo) por (outro), ou mudar (de condição) 4. Superar ou exceder 5. Transpassar, varar 6. Estender-se 7. Coar ou peneirar 8. Fazer entrar ou entrar; INTRODUIZIR (-SE) 9. Correr, fluir 10. Fazer correr, ou espalhar por 11. Decorrer 12. Escapar, acabar, ou esgotar-se 13. Circular ou difundir (-se) 14. Entregar, outorgar 15. Transferir (-se) 16. Transmitir 17. Exibir ou ser exibido 18. Estar por certo tempo (num lugar) 20. Achar-se em determinado estado ou condição 21. Sofrer, experimentar, viver 22. Viver, ou seguir vivo 23. Expirar, morrer 24. Ocorrer, suceder 25. Ter sua ação em 26. Entrar ou ficar para 27. Mostrar-se rapidamente 28. Ser aprovado 29. Ser passável ou tolerável 30. Submeter a determinada ação, ou ser objeto de 31. Aplicar, dirigir 32. Fazer circular, ou envolver 33. Prescrever, receitar 34. Determinar (esp. tarefa escolar) 35. Ensaiair ou estudar 36. Emitir ou outorgar 37. Vender 38. Engatar ou engrenar 39. Bras. Fut. Dar um passe, entregando a bola a um companheiro 40. Decorrer (com referência ao tempo) 41. Colocar ou ser colocado sob a ação de 42. Sobreviver com pouca alimentação 43. Ficar exposto a (experiência agradável ou penosa) 44. Experimentar determinado estado (físico, mental, espiritual) 45. Recobrir, enrolar 46. Ficar (em determinado estado) 47. Aparecer de repente 48. Fazer alguma coisa (durante certo período de tempo) 49. Acabar (certo período de tempo) 50. Transcorrer (certo período de tempo) 51. Mudar de (assunto, comportamento etc.) para 52. Mudar bruscamente de (atitude, opinião, atitude etc.) 53. Deixar escapar 54. Receitar 55. Ler, decorar 56. Perder-se 57. Bras. Fazer contrabando de 58. Fazer circular 59. Trancar 60. Não estar mais em condições de ser ingerido (alimento) 61. Coar ou peneirar</p>

		<p><i>Expressões:</i> “Deixar passar”: 1 Não aplicar restrições, represálias, corretivos, impedimentos etc. a (algo, ação, atitude etc.); relevar 2 Não dar muita importância a, minimizar/ “Não passar de”: 1 Ser apenas, não ser mais do que/ “Não se passar para”: 1 Não se prestar (alguém) a assumir atitude ou realizar ação que julgue inadequada, não condizente com seu caráter, prestígio etc./ “Passar (alguém) para trás”: 1 Pop. Enganar, trair, ludibriar. 2. Ocupar lugar ou auferir direitos ou vantagens que deveriam ser de (alguém). 3 Bras. Fam. Pop. Ser infiel a, desleal com; trair. / “Passar ao largo”: 1 Passar a certa distância, de longe. “Passar baixo”: 1 Passar por dificuldades financeiras, de saúde etc./ “Passar bem”: 1 Gozar de boa saúde ou de boa situação de vida. 2. Ter fartura de boas comidas e bebidas. / “Passar de”: 1 Ir além de certa medida (de espaço, tempo, quantidade, intensidade etc.), do permitido, do usual, do natural, do esperado etc; ultrapassar/ “Passar desta para melhor”: 1 Morrer. / “Passar por”: 1 Ser submetido a, enfrentar (situações, sofrimentos, condições etc). 2. Ser tomado por, ser considerado ou visto (enganadamente) como. / “Passar por cima (de) ”: 1 Não levar em consideração (esp. autoridade ou hierarquia), não dar importância a./ Passar por cima de (alguém): 1 Ver Passar (alguém) para trás (2)./ “Passar raspando”: 1 Bras. Ser aprovado (em exame, teste, concurso etc.) com a nota mínima de aprovação. / “Passar sem”: 1 Dispensar, não carecer de, adaptar-se à falta de (algo): Resolvi que vou passar sem fumar o resto da vida.</p>
--	--	---

Fonte: Elaboração própria

Como se pode notar nesse quadro, temos a regência mais prototípica de cada um dos verbos, os seus respectivos significados em escala de prototipicidade e algumas expressões mais cristalizadas. Ao consultá-lo, percebemos que as regências previstas não se aplicam à recorrência de uso notada no *slot* de V das construções [V uma de X]. Vejamos como esses verbos são utilizados em nossa amostra:

- (5) a. “[...] Não consegue interpretar um texto simples e ainda quer **tirar uma de bonzão**”. (Olhar digital - GN).
- b. “Quer provocar discussão. Quem é você pra ficar **tirando uma de superioridade** aqui”. (Poder aéreo – GN).
- (6) a. “ A população tem que ter norte, tem que ter rumo, os líderes têm que saber se pronunciar nesse momento”, disse. “Por que responsabilizar os outros, **dar uma de Pôncio Pilatos**, lavar as mãos? ”. (Carta capital –

GN).

b. “Enquanto isso, eu estou **dando uma de reparador residencial** aqui em casa. Sempre tem umas coisinhas para fazer. É uma porta que precisa lixar, é uma prateleira que precisa fixar na parede, é uma torneira que não fecha direito e por aí vai.”. (Terra – GN).

(7) a. “Não tem inteligência suficiente pra zerar o jogo e quer **pagar uma de culto**, como se ler por ler fosse algo maravilhoso. Ler é como assistir TV, tudo depende do conteúdo. Aposto que tá lendo Twilight”. (Tech Tudo – GN).

b. “Policiais Civis iniciaram uma verdadeira caçada ao bandido Henok Silva Carvalho, de 34 anos, suspeito de chefiar uma quadrilha que comete crimes de estelionato, roubo de veículos, extorsão e estupro segue foragido em Manaus. Agora, “**pagando uma de doido**”, Henock está fazendo ameaças de morte ao titular da Delegacia Especializada de Roubo e Furtos de Veículos (DERFV), Cícero Túlio”. (Gauchazh – GN).

(8) a. “Por enquanto, estou em análise, mas pretendo **fazer uma de aprovada**”. (G1/Globo – GN).

b. “Ah gente, por favor. Não gosto muito dessas coisas de fotografia de look. A gente fica muito desconfortável e estranha”, disparou Helena [...]. Aliás, muito bem humorada, Helena fez sátira com o figurino do amigo Eduardo: “Vê pra cá com a gente na foto. Não fica na porta **fazendo uma de porteiro**, né? ”. (Ego/Globo – GN).

(9)<sup>25</sup> a. “O Golpe e a Lava jato foram planejados nos EUA, Karnal não venha **passar uma de coitadinho** não, esse homem quer status, assim como Moro”. (O cafezinho – GN).

---

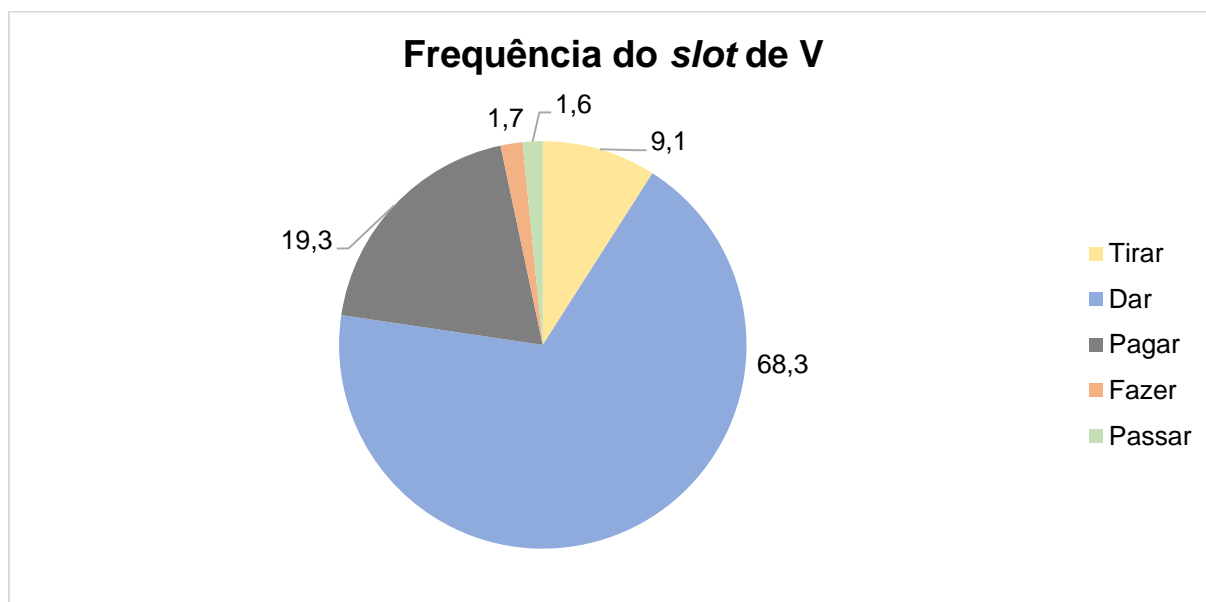
<sup>25</sup> Em nenhuma etapa da coleta detectamos ocorrências com “passar” no gerúndio.

Ora apresentando-se no infinitivo, ora no gerúndio, os verbos do *slot* de V parecem não obedecer inteiramente às combinações prototípicas de regência verbal e também se distanciam dos sentidos que mostramos no Quadro 1. As significações dos usos evidenciados em (5), (6), (7), (8) e (9) são mais abstratas, pois denotam um sentido mais subjetivo, se comparadas às designações mais concretas de cada verbo.

De modo geral, a significação dos cinco *types* é a que perpassa, mais ou menos explicitamente, por todos os usos das construções qualificadoras: a ideia de “um quase fingimento” em relação a alguém, a alguma coisa ou a algum evento/situação. Parece-nos até que, por se tratar de um uso da língua que constrói uma qualificação/avaliação, o falante recorre às [V uma de X] em razão da (inter)subjetividade e da tentativa de manter certa polidez (em certos casos) ao se comunicar. No caso, atenua-se o “fingimento” quando se usa [V uma de X].

Do levantamento feito, como vimos na Tabela 1, e, também, podemos notar no Gráfico 1, o verbo mais acionado para o sentido em questão foi *dar*, portanto, o verbo mais cooptado para o *slot* de V:

Gráfico 1- Frequência do *slot* de V



Fonte: Elaboração própria

Diante desses resultados, confirmamos: (i) a dinâmica de cooptação do *slot* em V é variável; (ii) a alternância dos verbos acoplados no *slot* de V não altera o sentido da construção qualificadora; (iii) o sentido do padrão [V uma de X] não pode ser compreendido se considerarmos somente as definições e significações mais

prototípicas dos elementos que preenchem o primeiro *slot* e/ou todo o esquema.

Afinal, os elementos isolados não geram a compreensão do todo, pois a relação entre a forma e a função não é transparente. Fica, ao contexto de uso, a incumbência de evidenciar o caráter e as funcionalidades dessa construção. Isso porque, como explica Bybee (2016 [2010]), as construções são *chunks* linguísticos sequenciados e convencionais, utilizados em sequência/juntos. Assim, no processo de significação, são concebidos como um todo unificado – processo intimamente ligado à composicionalidade. No caso da construção qualificadora, ela é menos composicional, pois há incompatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado global veiculado.

### 3.5 As possibilidades de preenchimento do *slot* de X

Com relação ao *slot* de X, observamos que diferentes formas são acionadas para esse espaço. Isto é, alguns colexemas costumam ser mais ou menos acoplados nessa construção, o que revela diferentes tipos de padrões de usos, como representamos a seguir:

Padrão 1: [ V + uma de + figura humana/personagem/personalidade pública]

Padrão 2: [ V + uma de + ofício-função/profissão/grupo social]

Padrão 3: [ V + uma de + palavra que exprime um comportamento/adjetivo]

Padrão 4: [ V + uma de + expressão que marca uma atitude]

Padrão 5: [V + uma de + apagamento da complementação]

Como vemos, há cinco possibilidades de preenchimento do *slot* de X, ou seja, cinco padrões de usos. E, no que diz respeito à frequência dos cinco padrões, também observamos oscilação nos graus de rotinização, conforme evidenciamos na Tabela 2:

Tabela 2 - Frequências *type* e *token* dos *slots* de X das construções [V uma de X]

Frequência Type	Padrão 1		Padrão 2		Padrão 3		Padrão 4		Padrão 5		Total	
	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%
Frequência token	83	14,5	97	16,9	299	52,1	93	16,2	2	0,3	574	100

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode perceber, de todos os padrões o mais acionado é o 3: [V + uma de + palavra que exprime um comportamento/adjetivo]. Em nosso *corpus*, esse padrão ocorreu em 52,1% dos constructos analisados. Em segundo lugar, temos o padrão 2 [V + uma de + ofício-função/profissão/grupo social], com 16,9% das ocorrências; em terceiro, o padrão 4 [V + uma de + expressão que marca uma atitude], acionado em 16,2% das situações; em quarto, o padrão 1 [V + uma de + figura humana/personagem/personalidade pública], em 14,5% dos constructos; e, por último, e menos utilizado, o padrão 5 [V + uma de + apagamento da complementação], com 0,3% das realizações.

### 3.6 A natureza dos elementos cooptados no *slot* de X

A fim de analisar a natureza dos elementos cooptados no *slot* de X, geradores dos cinco padrões<sup>26</sup> apresentados, faz-se necessária a observação das circunstâncias de uso propriamente ditas. Ou melhor, a análise de como esses padrões são acionados nos constructos, realização concreta/situada de produção linguística. Entendemos que, só assim, é possível apurar os sentidos que, de fato, são instaurados.

#### 3.6.1 Padrão 1: [V + uma de + figura humana/personagem/personalidade pública]

No padrão 1, o *slot* de X é preenchido pelo nome de uma figura, que pode ser: celebridade, político, personagem de ficção ou até mesmo alguma pessoa que seja apenas do círculo de convivência dos interlocutores que estiverem inseridos na situação de interlocução. Contudo, como o nosso *corpus* reúne produções linguísticas que foram tecidas em ambiente de domínio público, os falantes/escritores sempre optam pelas figuras mais conhecidas. Assim, no geral, são alocados em X alguns nomes que tenham notoriedade e popularidade. Quando esse padrão é utilizado, o falante/escritor constrói uma avaliação a partir das peculiaridades que representam aquele que está sendo citado. Nesse uso, a percepção do falante em relação à pessoa

---

<sup>26</sup> Vale salientar: quando não apresentarmos amostras das construções qualificadoras licenciando todos os cinco verbos/*types* (tirar, dar, pagar, fazer e passar) que podem vir a ocupar o *slot* de V ou todas as complementações do *slot* de X (x1, x2, x3, x4 e x5), significa que, no *corpus*, não identificamos ocorrências em que esses elementos foram instanciados.

citada se dá de modo explícito, pois impera a visão, opinião e ponto de vista do falante em relação à figura mencionada. Vejamos alguns exemplos:

- (10) a. “Sua qualidade técnica era tão questionada que, quando assistimos um atleta tentar fazer uma jogada bonita ou efeito e erra, a gente diz: “fulano tentou **tirar uma de Pelé** mas, acabou **dando uma de Gajé**!”. (Futebol baiano – GN).
- b. “A NBA teve poucos jogos na última terça-feira, mas não deixou a desejar na qualidade. Com direito a LeBron James animando a torcida do Los Angeles Lakers e Will Barton **dando uma de Michael Jordan** no jogo do Denver Nuggets”. (Globo Esporte – GN).
- c. “Ele achou que os advogados dele no STF iriam solta-lo rapidinho para depois **pagar uma de Mandela**.... Ele só nao calculou que o povo nao iria aceitar esse palhacada e foi as ruas”. (O cafezinho – GN).
- d. “Bolsonaro disse que Abraham Weintraub melhorou o Ministério da Educação ao assumir a pasta, mas revelou que fez cobranças sobre o comportamento espalhafatoso do ministro, como quando ele divulgou nas redes sociais um vídeo parodiando o filme “Cantando na Chuva” para dizer que estava “chovendo fake News”. “Falta (a Weintraub) dar uma calibrada. Está **fazendo uma de Bolsonaro** quando deputado”, disse Bolsonaro”. (Jornal de Brasília – GN).
- e. “O PRESIDENTE [...] QUE GOSTA DE **DAR UMA DE LEONARDO DI CAPRIO** TIRAR FOTOS E DAR AUTÓGRAFOS DEVIA DAR UMA PASSADINHA EM UM HOSPITAL INFECTADO PARA CUMPRIMENTAR OS PACIENTES. JÁ QUE ELE DIZ QUE É IMUNE”. (UOL – GN).

Nesses excertos, percebemos que o *slot* de X é ocupado por nomes de figuras públicas e, em todas as situações, evocam-se características e/ou circunstâncias que marcam as pessoas mencionadas. Com isso, notamos que os locutores desses



constructos indicam um posicionamento – que pode ser positivo/apreciativo ou não – tanto a respeito dos sujeitos que estão situados no ato da comunicação, quanto aqueles que apenas são citados.

Em (10a), notamos que o falante tece um parecer sobre o baixo rendimento de um atleta e, para representar a falha detectada, para expressar a avaliação, recorre às qualificadoras. O uso de *tirar uma de Pelé* refere-se à expectativa por um rendimento e prática habilidosa, já que se trata de uma menção ao ex-futebolista brasileiro, Edson Arantes do Nascimento, popularmente conhecido como Pelé. Por outro lado, quando expressa que a jogada do atleta não foi vista com aprovação, utiliza o *dando uma de Gajé*, fazendo referência a um jogador baiano. Os usos de *tentou* e *acabou* no trecho completo fortalecem ainda mais a avaliação feita: expectativa *versus* resultado final.

Em (10b), o falante julga que Will Barton, atleta da liga de basquete, teria tido um desempenho semelhante ao do ex-jogador norte-americano Michael Jordan. E, em (10c), um excerto dos comentários, o internauta opina a respeito de uma reunião que decidiria pela outorga da liberdade ou não ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, preso na época. A partir do *pagar uma de Mandela* o usuário conjectura sobre o episódio e faz alusão à história de aprisionamento enfrentada pelo ex-presidente da África do Sul, o Nelson Rolihlahla Mandela, alinhando-a ao caso em questão. Nessa ocorrência, seria possível ainda alargarmos a compressão, sobretudo, se soubéssemos a imagem social que o falante/escritor tem a respeito da última figura citada (o Mandela), permitindo-nos a apuração do teor avaliativo que fora aplicado.

Em (10d), com o uso de *fazendo uma de Bolsonaro*, podemos analisar de modo mais assertivo o teor avaliativo da qualificadora, pois o falante faz menção a si próprio. Inclui-se diretamente no discurso. A avaliação feita fica no nível da sinalização de semelhança de comportamento apontada pelo falante em relação à pessoa sobre a qual ele fala no início do constructo.

Em (10e), amostra de um comentário, é interessante já observarmos que a forma em que o texto foi digitado está em letras maiúsculas. Nos *sites/redes* da internet, é sabido que essa grafia revela diferentes reações, tais como: alegria, excitação, irritabilidade, raiva, chateação, etc. E indica, principalmente, que, se a interação fosse presencial, o enunciado seria reproduzido em voz alta ou aos gritos. É provável que o internauta saiba dessa premissa e a tenha utilizado para esse fim, o que pode ser justificado pelo caráter de crítica que predomina em sua produção. Ao

mencionar a situação de pandemia causada pela Covid-19, o locutor tece uma avaliação acerca da postura do presidente, revelando uma expectativa contrária àquela identificada. O *dar uma de Leonardo Di Caprio* aproxima a atitude da figura citada à do ator e produtor Leonardo Wilhelm DiCaprio. Como os autógrafos e o contato com as multidões são situações cotidianas na vida das celebridades, através da utilização do padrão 1, o falante evoca algumas características dos eventos públicos que envolvem o artista em questão e aproxima as duas situações, avaliando, assim, o sujeito a quem se refere.

### 3.6.2 Padrão 2: [V + uma de + ofício-função/profissão/grupo social]

O padrão 2 é aquele em que o *slot* de X é preenchido por elementos que designam ofícios, funções, profissões ou ainda grupos sociais. Sobre este último, são os casos em que, a partir da generalização de características, são agrupados sujeitos que seguem princípios parecidos, praticam determinados hábitos ou partilham culturas semelhantes, como, por exemplo: os cristãos, os católicos, os políticos, os sulistas, os nordestinos, entre outros. Por isso, quando esse padrão é acionado, o falante/escritor pretende pôr em jogo o conjunto de práticas e funções que representam a classe citada. Abriga, então, a expectativa desse falante/escritor em relação a essas profissões, ofícios ou grupos sociais, pois a avaliação parte de um imaginário que presume e especula o tipo de prática, hábito ou comportamento que se deve esperar do grupo mencionado. Eis alguns constructos:

- (11) a. “Parabéns. Tens razão. Ainda existe bacharéis. **Tirando uma de advogados.** Além de tudo o povo não tem consciência. Responsabilidade com o próximo. Uns egoístas. Do entendem na força. Que assim seja. Fiquem em casa. Rebanho de vaidoso festeiros”. (Bahia Notícias – GN).
- b. “Nessa época, resolvi **dar uma de escritor** e escrevi várias crônicas. Sobre a minha filha, minha carreira, o vazamento...”. (Época Negócios – GN).
- c. “Diego Figueiró Dias, ou seja, você não conhece o jogador. Nunca viu

ele atuar. Tá **pagando uma de jornalista da Guaíba e da RBS**, apenas comentando o que todo mundo já sabe...”. (Gauchazh – GN).

d. “Ah gente, por favor. Não gosto muito dessas coisas de fotografia de look. A gente fica muito desconfortável e estranha”, disparou Helena [...]. Aliás, muito bem humorada, Helena fez sátira com o figurino do amigo Eduardo: “Vê pra cá com a gente na foto. Não fica na porta **fazendo uma de porteiro, né?**”. (Ego/Globo – GN).

e. “E porque não, novas experiências, não é mesmo? assim cada um segue escolhendo a sua maneira de passar esse período de distanciamento com melhor qualidade. Rômulo Estrela que o diga, o galã está aproveitando essa fase de sua vida mais livre para se dedicar a outra arte, e resolveu **dar uma de chef de cozinha**”. (Área Vip – GN).

Nesses exemplos, os *slots* de X acionam formas que denotam algum ofício, função, profissão ou remete a algum grupo social – e não faz referência a uma única pessoa, como ocorre no padrão anterior. No caso, o diferencial entre uma ocorrência e outra está na força ou no abrandamento com quais foram realizados esse dizer e no teor positivo ou negativo da argumentação que é construída. Por ser uma avaliação que parte do imaginário coletivo sobre determinados grupos, é um padrão que perpassa pelas crenças dominantes do que é ser “X”.

Em (11a), resposta de um internauta a outro nos espaços dos comentários, temos o uso do *Tirando uma de advogados*. Ou melhor, ao olhar todo o contexto de uso, o falante refere-se a *bacharéis* em direito que estariam a “tirar” *uma de advogados*. É como se, para ele, a atitude observada só pudesse vir de alguém ainda não qualificado – segundo crenças próprias – para o exercício da advocacia, profissão que implica, por exemplo, em “responsabilidade com o próximo”.

Sobre as circunstâncias desse uso, a notícia apresenta o caso de um advogado que tentou anular um decreto que restringia os horários em que os cidadãos poderiam ir e vir. No entanto, tendo em vista que a causa da proibição era devido às circunstâncias de pandemia social, a ação foi negada. Ao se posicionar e emitir opinião sobre tal evento, o falante/escritor avalia o pedido como falta de “consciência” e excesso de “egoísmo”, palavras que reforçam a categorização e avaliação

negativas nesse argumento. É uma avaliação, para utilizar os termos de Martin e White (2005), em que notamos sinais de emoção, pelo uso das palavras que destacamos e ainda de julgamento, frente aos comportamentos dos interlocutores que são qualificados negativamente.

Já, no exemplo (11b), o uso de *dar uma de escritor* é uma declaração do próprio falante a seu respeito. Nesse caso, a avaliação é mais branda e afetiva (positiva), pois o sujeito não tem a escrita como ofício profissional, logo é qualificado como um aprendiz ou aspirante a escritor. A avaliação permanece apenas no nível da sinalização de uma prática nova que não é por ele comumente exercida. Situação semelhante ocorre em (11d), *em fazendo uma de porteiro*, e (11e), *em dar uma de chef de cozinha*, com a diferença de que em (11e) a avaliação é sobre outra pessoa e não sobre o próprio falante.

Em contrapartida, se observarmos o enunciado (11c), percebemos que o abrandamento não é evidente, pois há maior força na avaliação. O trecho é retirado da seção de comentários e o usuário em questão adverte um outro internauta que estaria *pagando uma de jornalista da Guaíba e da RBS*, sendo esta última uma coligação de várias empresas da mídia brasileira que englobam editores, diretores, apresentadores, enfim, variados ofícios e grupos do âmbito da comunicação social. Por isso, quando a qualificadora é utilizada em (11c) o internauta entende que o outro estaria tentando se comportar como aquele que apura fatos (os jornalistas e o grupo RBS), mas somente os estaria repetindo. Nesse caso, o falante/escritor julga a postura dos seus ouvintes/leitores, caracterizando-as como inadequadas.

### **3.6.3 Padrão 3: [V + uma de + comportamento/adjetivo]**

O uso do padrão 3 evidencia que o *slot* de X é preenchido por palavras que detonam um tipo de comportamento ou por adjetivos que revelam os atributos e características que o falante/escritor pretende destacar em sua avaliação. Em nosso *corpus*, esse padrão [V + uma de + comportamento/adjetivo] revelou-se bastante produtivo, o que, para nós, reafirma a natureza qualificadora das [V uma de X]. Afinal, é um padrão que ocorre também com adjetivos, formas tradicionais de indicação das qualidades ou defeitos dos seres ou objetos. Ao recorrer a esse padrão de uso, o falante explicita de forma mais direta e menos subjetiva a sua avaliação/qualificação. O sentido implicado no elemento instanciado no *slot* de X já representa, sem muita

demanda de inferências e ligações a outros elementos (salvo alguns casos), o ponto de vista apontado. Se assim podemos dizer, tal padrão é o que menos exige esforço cognitivo para o processamento do sentido, se comparado aos outros. Observemos os casos:

- (12) a. ““O jogador afirma [...] “Tentaram **tirar uma de esperto**. Chega uma hora que temos que denunciar”. (Estado da Bahia – GN).
- b. “Há diversas modalidades de maluco no mundo. Jair Bolsonaro é do tipo que não aguenta viver em situação de normalidade por muito tempo. Ele costuma se recolher a um mundo de pesadelos. Ao **dar uma de maluco** com o seu próprio partido, Bolsonaro transformou o PSL num pesadelo do qual será difícil acordar. PSL agora significa Partido do Sanatório de Loucos”. (UOL – GN).
- c. “Isso mostra como as pessoas não devem confiar sempre nos outros. As vezes, é melhor não acreditar e ficar “de mal” com a pessoal, do que acreditar e “**pagar uma de bobo**”. (Hypescience – GN).
- d. “Além do cheirinho gostoso, era usado para paquerar, lançando um jato em direção ao alvo sentimental, **fazendo uma de cupido**”. (Diário de Pernambuco – GN).
- e. “Ele é cheio de tiques. Já repararam naquela mania de estar sempre a dar goles de água enquanto lhe fazem as perguntas? É para tentar **passar uma de descontraído** mas só mostra como está tenso. Além disso é rude estar sempre a beber pela garrafa. Ele não tem figura nem carisma. Que tiro ao lado! ”. (A bola – GN).

Como visto, essas amostras evidenciam que o preenchimento do *slot* de X é feito com itens que exprimem um tipo de comportamento ou instancia algum adjetivo (formalmente). Nesses casos, os enunciadores qualificam ações dos seus interlocutores e as identifica com base no tipo de comportamento que apresentam. O uso de *tirar uma de esperto* (12a) indica que alguém pretende se beneficiar por meio

de atitudes questionáveis. O *dar uma de maluco* (12b) sugere um agir inesperado, equivocado, e até significar a ausência de reação. É como se o sujeito negasse atenção a algo que é relevante, e, por conta disso, não estaria em condições mentais normais. O uso de *pagar uma de bobo* (12c) caracteriza, por sua vez, um tipo de conduta ingênua; enquanto *fazendo uma de cupido* (12d) refere-se à pessoa que, por meio de suas atitudes, consegue unir um indivíduo a outro em relação afetiva. E, no último excerto, o *passar uma de descontraído* (12e) revela uma avaliação ao comportamento de alguém que estaria a forjar e/ou disfarçar os seus verdadeiros sentimentos.

#### 3.6.4 Padrão 4: [V + uma de + expressão que marca uma atitude]

O padrão 4, bastante peculiar, é formado por expressões que denotam e marcam uma atitude. Comparado aos outros padrões até aqui analisados, é o que mais demanda inferências, custo cognitivo e atenção do ouvinte na informação que está sendo processada, primeiro, pelo locutor. Pois, só a partir dessa reunião de fatores, é que o sentido virá a ser apurado. Ao utilizar tal padrão, aumenta-se a demanda cognitiva e comunicativa de negociação de sentidos entre falante/escritor e ouvinte/leitor. Vejamos os constructos:

- (13) a. “Tem gente que ficou quase quatro anos no poder, não fez nada pela população e, agora, vem querer **tirar uma de bom moço, de político preocupado com as causas sociais**. São lobos em pele de cordeiro. Olho vivo, eleitor! Estão querendo enganá-lo, mais uma vez. Sei o que estou dizendo”. (Tudo Rondônia – GN).
- b. “Claro, Elite também pode **dar uma de quarta temporada de Glee**, dividindo sua narrativa em diferentes locações, mostrando as vidas de Lu, Nadia, Carla e Malik (Sergio Momo) no exterior, enquanto seus amigos seguem em Las Encinas”. (Adoro Cinema –GN).
- c. “ A realidade é triste mas até agora não podemos mudar isso. Falar do valor de uma Vida é Fácil mas tenho certeza que muitos aqui ao assistirem um Jornal e verem noticias sobre assassinatos esquecem que

alguém perdeu uma vida com a próxima notícia que vim, é como se a vida dos outros fossem irrelevantes; e aqui vem **pagar uma de Direitos Humanos ou Sociedade Defensora dos Animais**. ANTES DE CRITICAREM OBSERVEM A SI MESMOS”. (Hypescience – GN).

d. “E o Lula e o pt, heim? Não falam nada? Mesmo debaixo da cama onde se esconderam dá para **passar uma de paz e amor** pelo celular...”. (Diário do centro do mundo – GN).

e. “Vai dar aula de direito e quer separar Administração pública porque é órgão da presidência. Seu animal [...], os princípios da administração pública são aplicados a todos os órgão da administração pública. Seu fiado cachaceiro, burro, retardado, vai querer **dar uma de aluno de direito do 5 semestre** e sequer sabe o alcance dos princípios da administração pública”. (Correio Braziliense – GN).

Sobre esse padrão, vemos que o *slot* de X pode ainda atrair o uso de expressões maiores que caracterizam tipos de atitudes. Dessa forma, por meio de uma configuração mais abstrata, transforma-se determinada coisa-no-mundo em mecanismo de exteriorização de atitudes ou ações.

Em (13a), o autor recorre à formulação *político preocupado com as causas sociais* para se referir, com o recurso da ironia, àqueles representantes que apenas no período de novas eleições modificam, abruptamente, os seus comportamentos ou ações para com o eleitorado. Isso leva o falante a avaliar o sujeito em questão e ainda qualificar o evento e comportamento observados como modos de enganação. Além de ter conhecimento sobre o exercício da vida política, o ouvinte deverá saber o que são *causas sociais* e qual o sentido resultado dessa combinação.

No exemplo de (13b), o enunciador comenta que a série de televisão, *Elite*, poderia *dar uma de quarta temporada de Glee* (outra série de televisão), isto é, adotar práticas/ações de produção semelhante (avaliação mais branda). Para que a compreensão ocorra, de fato, é necessário o partilhamento mútuo de informações sobre as séries mencionadas. Em (13c), a ideia é que os princípios defendidos no âmbito dos *Diretos Humanos* ou da *Sociedade de proteção a Animais* são seguidos de forma leviana e inconstante pelos indivíduos citados.

Já, em (13d), a expressão que preenche o *slot* de X, *uma de paz e amor*, evoca os significados de tranquilidade, de atitudes apaziguadoras, pacíficas. A pauta da notícia, de onde o trecho foi extraído, é uma reunião entre o presidente e seus ministros. No texto, fica nítido o posicionamento do autor, o que leva às perguntas feitas pelo internauta. Na seção de comentários, um indivíduo questiona sobre uma outra figura política e um outro partido e, parece-nos que, em sua opinião, o sujeito e o grupo mencionados também deveriam ser pauta da matéria, para que também fossem submetidos à avaliação. Nesse processo argumentativo e opinativo, o falante/escritor de (13d) tece um julgamento negativo em relação às figuras políticas mencionadas, presumindo, assim, um fingimento que estaria disfarçado por uma postura camuflada de *paz e amor*.

E, finalmente, em (13e), temos uma repercussão da seção de comentários. A circunstância de uso é a seguinte: um falante aceita o chamado do *site* para “participar da discussão” e tece considerações a respeito do conteúdo apresentado. Logo em seguida, um segundo internauta o corrige, pois um erro de informação teria sido identificado. Imediatamente um terceiro internauta se manifesta – fala reproduzida em (13e) –, em menção ao primeiro, e o avalia/qualifica como alguém que está a *dar uma de aluno de direito do 5 semestre*. E, ao que parece, trata-se de uma expressão que destaca um imaginário que presume pouca maturidade e domínio do aluno sobre a área na qual está em processo de formação. Para a compreensão desses sentidos, os leitores precisariam conhecer tais informações, que não estão dadas nas formas linguísticas, mas são assimiladas a partir dos contextos semântico e pragmático-discursivo.

Nisso, o padrão 4 nos remete ao subprincípio da quantidade discutido por Givón (1984). Pela complexidade das expressões, vemos que, realmente, quanto maior for a quantidade de informação que estiver em jogo na atividade comunicativa, maior será a quantidade de formas linguísticas necessária para a codificação da complexidade requerida.

### **3.6.5 Padrão 5: [V + uma de + apagamento da complementação]**

Nesse padrão, temos uma configuração mais pontual, pois só correu em duas amostras do nosso *corpus*. No caso, o *slot* de X não é preenchido por palavras, mas pelo uso das reticências, indicando o não-fechamento da avaliação/qualificação. Esse



apagamento de X é, em nossa concepção, um efeito que fortalece o comportamento funcional que estamos traçando sobre a construção [V uma de X]. O padrão 5 destaca, portanto, a presunção de julgamento que está implicada no uso das construções qualificadoras. Observemos os dois constructos:

(14) a. “**Pagando uma de ....** no ponto chic. Perdeu. Mostra os outros. Rsss”.  
(Patos hoje – GN).

b. “Ja passou o carnaval ne l.,,,,,,ja encheu tua pochete ne l. ,,,, agora quer **passar uma de .....**melhor ficar calada ne.....gente nao era nem pra ter tido carnaval nessa terra....Mas”. (Varela Notícias – GN).

Os dois exemplos ocorreram em seções de comentários. Como vemos, as reticências indicam que nenhum dos dois falantes preencheu o *slot* de X. É como se preferissem não marcar o teor da avaliação ou o tipo da qualificação, deixando isso apenas indicado pela hesitação, marcada pela reticência. A utilização de [V uma de] já nos indica, sim, parte do sentido insaturado, que é de avaliação de comportamento. Tanto que a falante/escritora de (14b) até conclui que seria *melhor ficar calada*, evitando construir alguma perspectiva mais incisiva de avaliação. Nesses casos não se evidencia a real natureza da qualificação, já que não temos um elemento que nos sinalize ou sirva de inferenciação exata e/ou aproximada. Muito embora, pelo contexto de uso das duas situações, seja possível presumir que a qualificadora é utilizada com intenções apreciativas.

### 3.7 Similaridades e dissimilares: o que revelou cada padrão de uso

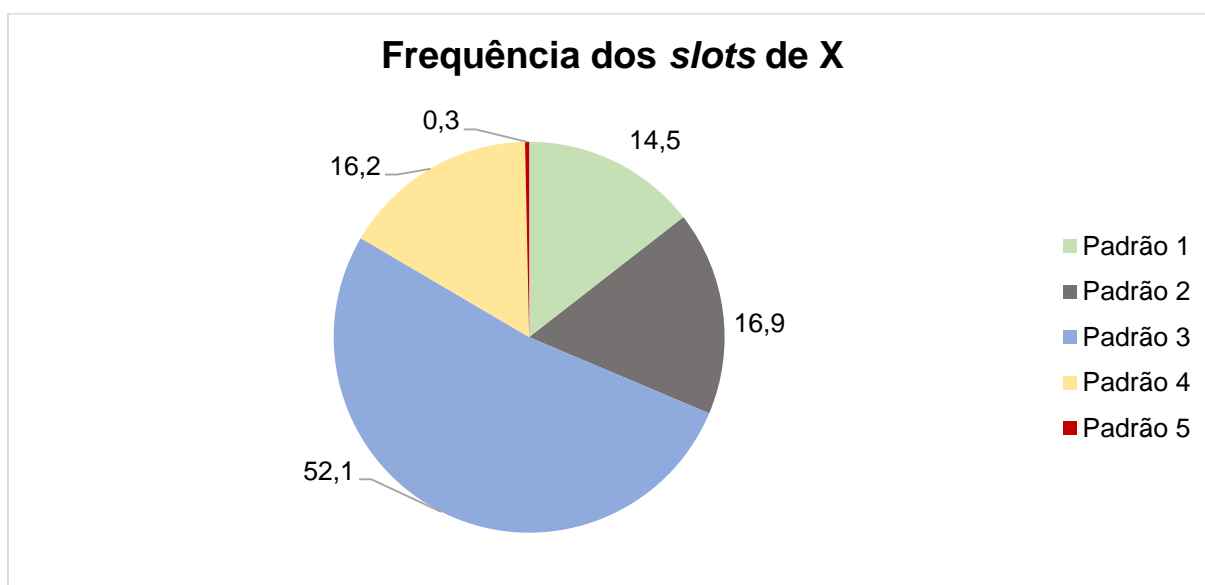
Da amostra analisada, percebemos que todas as avaliações/qualificações passam, portanto, por um crivo daquilo que é socialmente permitido e aceitável. Atitudes positivas são qualificadas como tal e as negativas são reprováveis e avaliadas com certo julgamento. O contexto de uso é que nos direciona e aponta os sentidos que são instaurados. A partir das possibilidades de instanciações que constatamos, de fato, podemos dizer que a construção qualificadora parecia a um só tempo as propriedades de forma e função. Os usos que descrevemos só podem ser compreendidos se situados num dado contexto de interação, onde podemos observar

os efeitos funcionais estabelecidos. Em termos construcionais, dizemos que as construções instanciadas em cada padrão são menos composicionais, pois há incompatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado global veiculado. Como concebido no âmbito da GC, os sentidos só serão captados se levarmos em conta a construção como um todo, uma unidade integrada de forma e sentido.

Da análise feita, notamos que o mesmo padrão construcional [V uma de X] apresenta, por um lado, partes relativamente estáveis, fixas, que formam o esquema, e, por outro, partes variáveis, que permitem alternância tanto no primeiro quanto no segundo *slot* da construção. Assim, diferentes verbos podem ocupar o *slot* de V, e variados lexemas podem ser alocados no *slot* de X, sem que a relação de sentido/funcionalidade e similaridade entre as construções seja comprometida.

No Gráfico 2, demonstramos a produtividade referente ao uso dos padrões que ocorrem no *slot* de X:

Gráfico 2 – Frequência do *slot* de X



Fonte: Elaboração própria

Como já havíamos mostrado na Tabela 2, o padrão mais acionado é o 3, totalizando 52,1% dos casos. Assim, palavras como as que expusemos nos exemplos em (12), *esperto*, *maluco*, *bobo*, *cupido* e *descontraído*, são instanciadas como formas mais objetivas e prototípicas de constituição de X nas construções qualificadoras, por isso são mais atraídos para esse *slot*. Já, em relação aos outros padrões,

particularmente 1, 2 e 4, as formas que ali ocorrem requerem ligações com outros elementos no mundo para que os significados sejam apreendidos.

A propósito, para entender a qualificação que se estabelece a partir dos nomes cooptados no padrão 1, conforme vimos nos exemplos em (10), *Pelé, Gajé, Michael Jordan, Mandela, Bolsonaro, Leonardo DiCaprio*, é preciso ter conhecimento de quem são essas pessoas que estão sendo referenciadas na construção. Esse tipo de complexidade também ocorre com o padrão 2, exemplificado em (11), onde são instanciadas palavras como *advogado, escritor, jornalista, porteiro e chefe de cozinha*. Para que a qualificação seja tecida, é crucial que o falante tenha conhecimento do entorno social em que os indivíduos, que pertencem a esses grupos, se inscrevem enquanto sujeitos da vida cotidiana e civil, ou que tenha, minimamente, certo entendimento sobre as práticas, funções e imaginários que caracterizam cada um desses grupos. Exige-se, portanto, conhecimento prévio para que se perceba o sentido do preenchimento e a totalidade da construção, como ocorre também com o padrão 4, exemplificado em (13), com enunciados maiores e mais complexos, como *político preocupado com as causas sociais, quarta temporada de Glee, Direitos Humanos ou Sociedade Defensora dos Animais, paz e amor e aluno de direito do 5 semestre*.

Quanto ao padrão 5, mais peculiar e que se mostrou menos representativo em nosso *corpus*, vimos que o *slot* de X, conforme os constructos ilustrados em (14), não é preenchido formalmente, o que sugere um sentido não tão marcado, cabendo ao contexto discursivo o fornecimento de pistas para o entendimento do que as reticências ali representadas indicam. Sobre o uso desse tipo de pontuação, Ferrarezi Junior (2019, p. 70) explica que, além de servir para indicação da continuidade textual (atributo formal), também atua como efeito fonológico-semântico (isto é, também opera atributos de sentido) para indicar, dentre outras coisas: “ironia, expectativa, dúvida, silêncio, e hesitação, entre outros”. Em nossa amostra, esse padrão revelou ser acionado quando ocorre certa hesitação do falante para a utilização explícita da qualificação.

Do que foi apresentado, podemos dizer que, realmente, os padrões têm um comportamento similar e se revelam como possibilidades/alternativas que o sistema da língua fornece aos seus usuários/falantes. Quando instanciadas aos constructos, todas as construções, independente dos seus padrões de uso (se 1, 2, 3, 4 ou 5), são usadas com a finalidade de construir uma qualificação (mais ou menos positiva ou

negativa). E, apesar da existência das dissimilaridades apontadas, já que cada padrão se constitui por algumas particularidades, o sentido é sempre insaturado de modo similar. Isso reforça as discussões já travadas por alguns estudiosos, a exemplo de Machado-Vieira (2016), que aponta para a impossibilidade de uma sinonímia perfeita/absoluta no trabalho com a variação construcional, na defesa de que as relações de similaridade devam ser observadas como quase sinonímias e pautadas por relativa proximidade funcional.

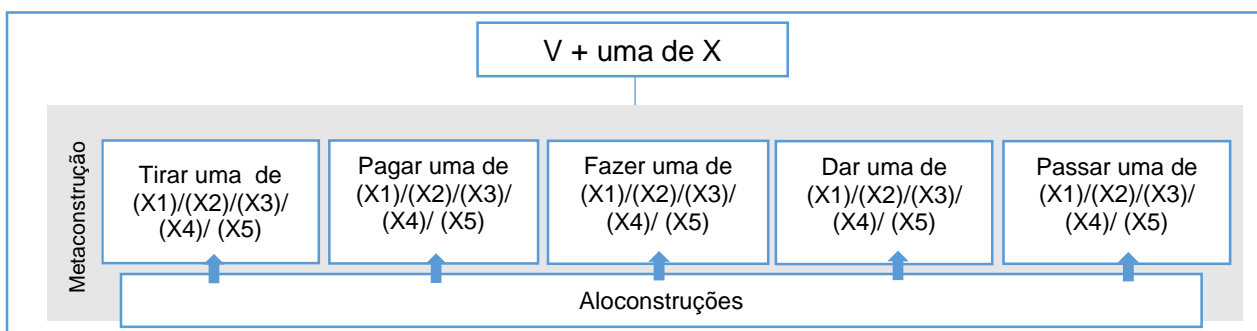
Por isso, reconhecemos que, ainda que cada realização das construções [V uma de X] reserve para si determinadas diferenças (até mesmo no grau de produtividade de cada padrão de uso, como veremos mais à frente em nosso mapeamento da rede construcional), nas atividades de produção linguística socialmente situadas, os falantes costumam neutralizá-las, tomando as qualificadoras como realizações equivalentes de um mesmo padrão construcional.

### 3.8 Aloconstrução e metaconstrução: a variação construcional

Assumindo as noções de aloconstrução e metaconstrução, apresentamos, nesta seção, como a variação é caracterizada na construção que analisamos. Como vimos, a variação se manifesta em dois espaços do esquema, e, independentemente do verbo escolhido pelo falante para cooptação em V, ou do tipo de padrão (se 1, 2, 3 ou 4) utilizado para o preenchimento, ou não, como no caso do padrão 5, os sentidos intercambiados se mostram similares: qualificação e avaliação a respeito de determinada ação, circunstância ou evento.

Na Figura 2, representamos como essa variação pode ser vista em termos de aloconstrução e metaconstrução:

Figura 3 - Representação da variação por aloconstrução e metaconstrução



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode perceber, as aloconstruções correspondem às possibilidades de realizações para a construção qualificadora [V uma de X], e a área da metaconstrução, parte cinza, representa o espaço em que as diferentes ocorrências são aproximadas/alinhadas. É essa área que permite que o usuário da língua acione qualquer uma das aloconstruções, garantindo, contudo, a produção de sentidos similares nas interações. São casos de compartilhamento de sentido, pois os falantes as conceptualizam como formas semelhantes. Uma prova dessa conceptualização pode ser notada nos exemplos em (15) e (16):

- (15) a. “Para o ex-procurador-geral, o ex-governador quer agora “suavizar” a própria imagem e **dar uma de "bom moço"**”. (Mídia News – GN).
- b. “Concordo, nunca nem lembrou de sinop quando tava no auge e agora vem **pagar uma de bom moço**, aliás aquela juíza do juizado especial do torcedor lá em cuiabá é parente do rogerio ceni????”. (Olhar direito – GN).
- (16) a. “Durante a conversa, é conveniente não querer **dar uma de professor**, tentando ministrar aulinhas, pois a maioria das pessoas não gosta muito de quem se comporta como um sabe tudo, dono da situação, aproveitando as oportunidades para defender teses cansativas”. (Economia UOL – GN).
- b. “Posso não ser um Antônio Carlos Magalhães, quem sou eu para o ser, mas como ando com ele na política desde o comecinho das nossas jornadas na vida pública, tento não **tirar uma de professor** e ser um mero aprendiz”. (Correio 24 horas – GN).

Mesmo fazendo parte de realizações linguísticas empiricamente distintas, percebemos que os falantes acionam formas idênticas para o *slot* de X, diferenciando as construções apenas pelo verbo que preenche o *slot* de V. Ou seja, evidenciamos a repetição de *bom moço* em (15) e, de *professor* em (16). Há, portanto, aí, uma similaridade configuracional para representar a ideia da qualificação.

Ainda sobre a figura 3, vale dizer que é através do esquema representado por

[V uma de X] que são gerados os diferentes padrões. Por isso, assumimos que, quando os falantes acionam as construções qualificadoras, é a tal esquema que inconscientemente eles recorrem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Esse esquema capta o que há de geral entre as ocorrências. Além disso, as cinco possibilidades de cooptação dos *slots* de V, bem como as viabilidades de preenchimento identificadas nos *slots* de X são responsáveis por destacar a alternância/variação e também os níveis de esquematicidade.

Nesse ponto, é importante frisar que não se deve confundir a noção de metaconstrução com a de esquema. Enquanto o primeiro capta tanto as semelhanças quanto as diferenças entre padrões construcionais que estabelecem relação de similaridade, o segundo, por sua vez, capta apenas a generalização identificada nos padrões de usos. Ambos, contudo, são estabelecidos por meio do uso dos falantes através da rotinização e da convencionalização (LEINO; ÖSTMAN, 2005; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2018a).

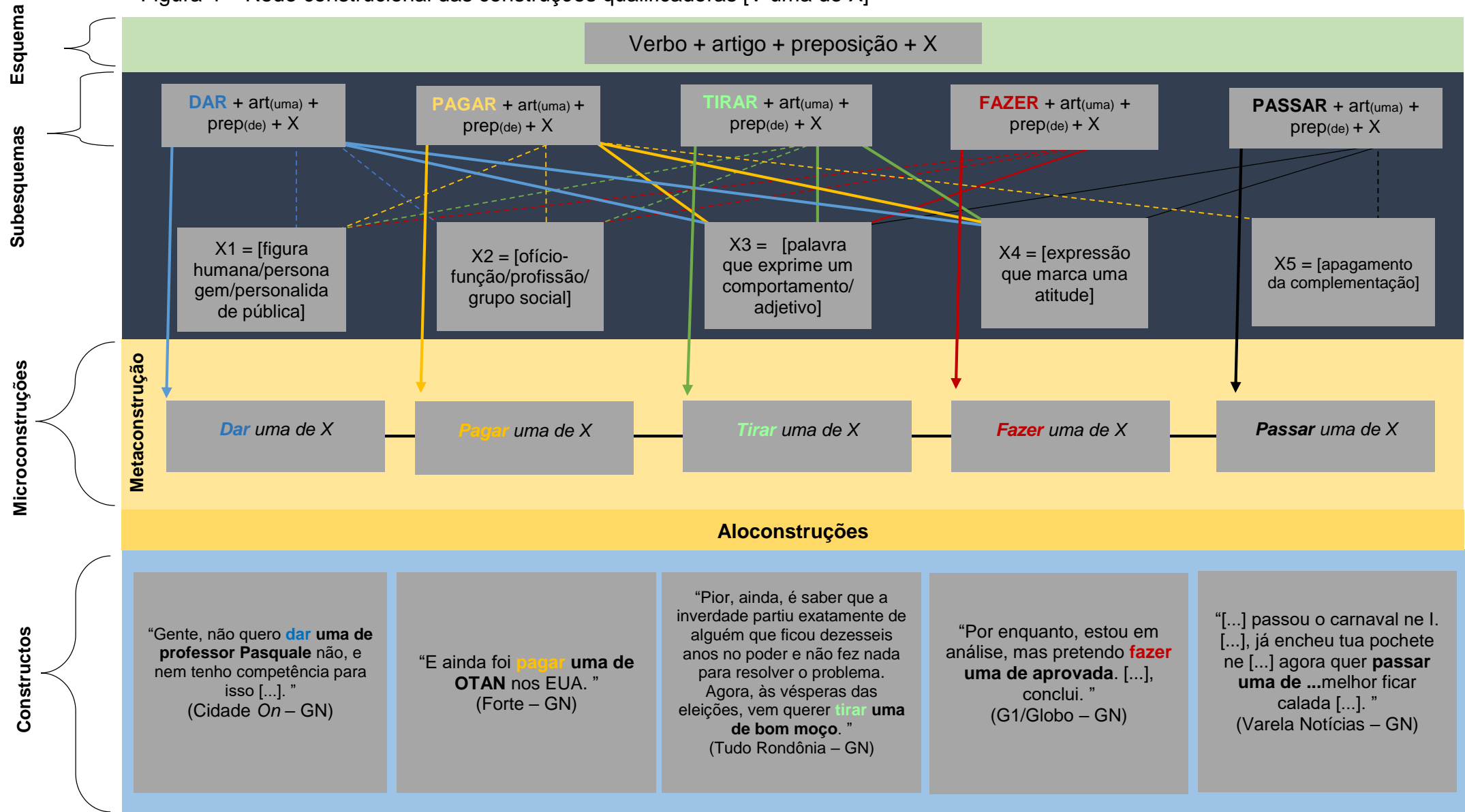
Assim, é possível afirmarmos que as construções qualificadoras se mostram parcialmente especificadas, pois contam com diferentes possibilidades de cooptação e apresentam variados graus de estabilidade. No caso do primeiro *slot*, ele é mais especificado e estável, pois só aceita ser preenchido por verbos; já, o segundo, é mais instável e menos especificado, pois, como vimos, admite que mais formas sejam cooptadas – o que nos permitiu identificar, em nosso *corpus* de análise, cinco padrões de uso (X1, X2, X3, X4 e X5), reforçando, então, o caráter variável do *slot* de X.

A partir das particularidades evidenciadas, representamos, na próxima seção, a rede taxonômica para a construção [V uma de X], na qual também tentamos contemplar a variação, à medida que sinalizamos como os padrões independentes são associados em decorrência das similaridades observáveis.

### **3.9 A rede construcional das construções qualificadoras [V uma de X]**

Conforme vimos no capítulo um (*Perspectivas teóricas e a compreensão da língua em uso*), a GC concebe que a língua é formada por construções hierarquizadas e interconectadas em rede, sendo esta representada por níveis esquemáticos, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013). Assumindo tal pressuposto, apresentamos, na Figura 4, como as construções qualificadoras [V uma de X] podem ser representadas com base na taxonomia empreendida por esses autores:

Figura 4 – Rede construcional das construções qualificadoras [V uma de X]



Fonte: Elaboração própria.

Na figura 4, projetamos o funcionamento das construções qualificadoras [V uma de X] no *corpus* adotado. E, em conformidade com a proposta de Traugott (2008), refinada depois por Traugott e Trousdale (2013), detectamos diferentes níveis de abstração. Assim, seguindo a ordem em que expomos na nossa rede, temos os três níveis de esquematicidade: o esquema (área em verde), os subesquemas (área em azul marinho), as microconstruções (área em amarelo), e, por último, os constructos (área em azul claro).

O nível do esquema é aquele de natureza altamente abstrata e esquemática. No dizer de Traugott e Trousdale (2013), o esquema corresponde a abstrações que são percebidas inconscientemente pelos usuários da língua, tendo em vista a sua capacidade de abstrair as relações que se observam entre os elementos de uma mesma categoria numa rede construcional. São estruturas mais complexas que captam o que é geral/comum em uma construção. Por isso, na área verde, o esquema das construções qualificadoras é: [Verbo + artigo + preposição + X] (que preferimos ao longo do nosso texto utilizar [V uma de X] para melhor especificar). A partir desse molde mais genérico, localizado no topo da rede construcional, os padrões de uso são formados e os *slots* podem ser preenchidos ou não.

Como se pode notar na figura, o esquema geral licencia cinco subesquemas que apresentamos na área azul marinho, segundo nível. Trata-se de um nível ainda abstrato, embora já seja possível identificarmos certas similaridades nas subpartes. Organizados a partir dos graus de produtividade e frequência que observamos no *corpus* investigado, os subesquemas apresentam preenchimento do *slot* de V e se constituem assim: [DAR + art(uma) + prep(de) + X]; [PAGAR + art(uma) + prep(de) + X]; [TIRAR + art(uma) + prep(de) + X]; [FAZER + art(uma) + prep(de) + X] e [PASSAR + art(uma) + prep(de) + X]. Ainda nesse nível, cada subesquema licencia outros padrões de uso que se alocam ao *slot* de X, gerando, também, cinco possibilidades: X1 = [figura humana/personagem/personalidade pública]; X2 = [ofício-função/profissão/grupo social]; X3 = [palavra que exprime um comportamento/adjetivo]; X4 = [expressão que marca uma atitude]; e X5 = [apagamento da complementação].

A relação que se estabelece entre um subesquema e os padrões de X não é homogênea. Cada subesquema é mais ou menos produtivo em termos de acionamento, licenciamento de uso e ligação a cada padrão. Em nossa rede, sinalizamos esse grau de produtividade e entrenchamento por meio das setas, ora



marcadas por uma linha mais forte (mais produtivo), ora por uma linha pontilhada (menos produtivo). E, para indicar claramente as relações, cada uma das setas é identificada por uma cor.

A seta em azul claro está associada ao subesquema com o verbo DAR, que instanciou apenas os padrões X1, X2, X3 e X4, sendo os dois últimos os mais produtivos. A seta em amarelo liga o subesquema com o verbo PAGAR, mais produtivo com os padrões X3 e X4, e menos produtivo com X1, X2 e X5. A seta em verde demarca a relação do subesquema com o verbo TIRAR, que, assim como DAR, instanciou apenas quatro padrões. Deles, os mais produtivos foram também com X3 e X4, e menos com X1 e X2. A seta em vermelho se associa ao subesquema com o verbo FAZER, que instanciou apenas três padrões, sendo X3 o mais produtivo, e X1 e X2, os menos produtivos. Por fim, a seta em preto liga o subesquema com o verbo PASSAR, que também licenciou apenas três padrões, sendo X3 e X4 os mais produtivos e X5, por sua vez, o menos produtivo. Vale destacar que nem todos os subesquemas licenciaram todos os padrões de X porque cada padrão, como vimos na análise empreendida, se apresenta com certo grau de entrincheiramento, o que interfere na facilidade ou dificuldade com que o falante processa o uso cognitivamente e o aciona nas situações de interação.

No terceiro nível, representado pela área em amarelo, temos as microconstruções, as construções individuais propriamente ditas com potencial de serem instanciadas no discurso. Assim, é nesse espaço que notamos as diferentes possibilidades de *types* que servem, depois de instanciados no uso, a cumprir funções semelhantes. E, como assumimos que estamos diante de um caso de variação construcional, integramos a esse mesmo espaço a metaconstrução e a aloconstrução, conforme postulado por Cappelle (2006) e Leino; Östman (2005).

Ao defender a variação por similaridade, entendemos que é nesse espaço (terceiro nível) que a dinâmica de formas alternativas, que cumprem funções equivalentes, se instala (MACHADO-VIEIRA, 2016; MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019). A similaridade configuracional dessas microconstruções é intensificada nesse lugar abstrato que é a metaconstrução – espaço de generalização de padrões construcionais independentes que se alternam e que captura a equivalência funcional das construções. É nessa área representada em amarelo que vemos também as aloconstruções, pois identificamos variadas possibilidades de realização de um mesmo padrão construcional: [V uma de X].

Disso, entendemos que é também a situação de comunicação que permite que a variação seja concretizada. Ou melhor, são nos constructos, realizações empíricas dos usos da língua, que as funcionalidades são, de fato, evidenciadas. Por esse motivo, estão localizados na parte inferior da rede construcional, representados pela cor azul claro: os *tokens* em uso, as construções efetivamente atestadas/licenciadas nos usos reais. Segundo Traugott e Trousdale (2013), esses constructos são o *locus* da inovação e mudança linguísticas. É o espaço em que a presença do locutor/escritor e ouvinte/leitor são evidenciadas, pois tem-se uma ocasião de produção linguística em que estão implicados propósitos comunicativos e sentidos específicos. Tanto que muitos desses usos até escapam à compreensão caso não sejam interpretados a partir dos contextos em que foram acionados. Ainda segundo os mesmos autores, constructos são, em síntese, aquilo que um falante/escritor produz e um ouvinte/leitor processa, por isso apresentamos na área azul claro algumas amostras de uso.

Essa é a nossa proposta de representação das construções qualificadoras [V uma de X] na rede construcional. É esperado que outros padrões estejam ocorrendo na língua em uso, em outros contextos de produção e recepção linguísticas, mas expusemos aqui apenas aqueles padrões identificáveis no *corpus* analisado. Para nós, o mapeamento dos usos linguísticos é válido, pois são expressas as duas faces do sistema da língua. De um lado há uma estrutura hierarquizada, ordenada e com subpartes relativamente fixas; e, do outro, a dinamicidade que emana do uso que os falantes fazem da língua tencionando a rede a gerar e instanciar possibilidades variadas de realização linguística e preenchimento das estruturas. Vemos que, de fato, o sistema comporta estabilidade e instabilidade.

### 3.9 Encerrando o capítulo

Neste capítulo, tecemos as análises quantitativas e qualitativas da nossa amostra, cuja construção investigada foi a qualificadora [V uma de X]. Da análise feita, vimos que as construções qualificadoras se mostram produtivas, confirmando as hipóteses levantadas: (i) elas licenciam diferentes padrões de uso e diferentes graus de rotinização e convencionalização (confirmados pela frequências *type* e *token*); (ii) a relação de similaridade configuracional entre as possibilidades de realização das construções [V uma de X], independentemente das formas que integram o *slot* em V ou das complementações que são licenciadas para o *slot* X, exhibe nas situações de

uso, a manutenção do sentido mais geral, de qualificação; (iii) as construções qualificadoras [V uma de X] configuram um padrão construcional em variação.

## CAPÍTULO 4: PERSPECTIVAS DE USO DA LÍNGUA E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO

### 4.1 Introdução

Neste capítulo, propomos a mediação entre alguns postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a prática do ensino de língua portuguesa. Primeiro, apresentamos alguns argumentos na defesa de um permanente diálogo entre os profissionais que teorizam sobre a língua numa perspectiva baseada no uso e os que estão na sala de aula da escola básica exercendo a prática pedagógica.<sup>27</sup> Em seguida, tecemos uma breve reflexão sobre a importância de os profissionais perceberem a língua como um instrumento de inter-ação social, voltado para o uso, e pontuamos como é igualmente relevante que os estudantes também sejam expostos a essa premissa. Por fim, tecemos algumas considerações sobre como as construções qualificadoras [V uma de X] poderiam ser trabalhadas em sala de aula.

### 4.2 Um diálogo necessário: pesquisadores e professores

A discussão a respeito do ensino de língua portuguesa recobra a imagem de duas importantes figuras: a do pesquisador e a do professor. Ao passo que o primeiro lida prioritariamente com a língua enquanto objeto científico, o segundo trabalha-o como instrumento de ensino e/ou disciplina escolar. E mesmo que esses pareçam ser direcionamentos distintos, são, muitas vezes complementares, sobretudo, quando há o comum objetivo de construir caminhos para uma prática mais crítica-reflexiva sobre a língua e seu funcionamento.

Endossamos a importância de um constante diálogo entre esses profissionais, pois entendemos que toda ação é embasada no âmbito de algum aporte teórico, bem como aprimorada no exercício da prática. Nesse sentido, é necessário que docentes acompanhem de forma continuada as pesquisas que privilegiam o real funcionamento da linguagem e, com efeito, possam (re)pensar sobre o que/como ensina. Ressaltamos sobre a importância de o próprio docente em ação também se aplicar à pesquisa científica, tomando a sala de aula em que atua como espaço privilegiado de

---

<sup>27</sup> Muito proveitoso também quando o profissional alia os dois ofícios e é, a um só tempo, professor-pesquisador.

análise, como objeto de investigação. Essa é uma possibilidade que deve ser pensada não apenas como alternativa de aprimoramento profissional, mas também como uma construção necessária de produção de conhecimento que, depois, retornará às salas de aulas, promovendo transformações de diferentes ordens no ensino vigente o qual, por vezes, pode predominar uma prática mais tradicional<sup>28</sup>.

A constante interlocução entre esses dois domínios, da teoria e da prática, é proveitosa não apenas para impulsionar o partilhamento dos conhecimentos construídos, mas também para a implementação e testagem de proposições práticas (e paulatinas) que daí, naturalmente, surgirão. Principalmente em se tratando do ponto de vista que o profissional tem sobre a língua – uma concepção que, para nós, é basilar para os professores de linguagens e que exerce grande influência sob os modos pelos quais o ensino se conduzirá. Afinal, a língua não é um objeto estático e dado no mundo, mas depende da ação humana para se integrar à realidade, logo, o ensino também deve revelar tal dinamicidade e natureza.

A esse respeito, os estudos funcionalistas<sup>29</sup> têm se mostrado representativos, pois são condicionados mediante a observância detida de fatos reais da língua. Não se faz idealizações de como ela *poderia ser*, mas se observa quais os padrões de uso que estão rotinizados na produção dos falantes, trabalhando com o que a língua de fato é. Quem adota uma perspectiva funcionalista vai lidar com a realidade linguística observada nas situações de interação social, atentando para além da estrutura linguística, para os saberes utilizados (linguísticos, cognitivos, sociais), para o ambiente discursivo da produção e para o envolvimento entre os falantes; enfim, para as motivações diversas que podem implicar no uso e na regularidade de padrões da língua. Os resultados que os pesquisadores têm encontrado fortalecem uma concepção de língua fluida e dinâmica, distinta daquela que, muitas vezes, vigora na sala de aula da educação básica (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016).

Quando docentes percebem que a língua é motivada pelas circunstâncias sociais, pelas operações cognitivas e pelos contextos de usos, abrem-se caminhos

---

<sup>28</sup> Entendemos por *tradicional* uma prática docente que confunde o ensino de língua com o ensino estrito de regras gramaticas, no qual impera somente a face formal e estável do sistema linguístico, sem que se considere as circunstâncias de uso, a sistematicidades e as regularidades da gramática.

<sup>29</sup> É válido frisar que, como alerta Neves (2018), são muitos os direcionamentos teóricos que se enquadram dentro dos modelos ditos funcionalistas. A autora explica que essa caracterização não é tão simplista, mas enfatiza que as perspectivas que assim se intitulam guardam também muitas semelhanças, sobretudo no que diz respeito ao tratamento das dinâmicas subjacentes à utilização da língua na vida social, espaço em que a linguagem é desenvolvida e onde se pode averiguar as relações entre as estruturas e suas funções.

para uma atualização de paradigma, pois concepções são redirecionadas, e, conseqüentemente, práticas também poderão ser repensadas (OLIVEIRA; WILSON, 2015; FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016). Por isso, “os avanços nos âmbitos teórico e acadêmico devem se estender às salas de aula” (OLIVEIRA; WILSON, 2015, p. 96), isto é, serem amplamente divulgados, ultrapassando os muros da Universidade.

Não se trata da transposição ou fornecimento de métodos ideais a partir da teoria, como bem nos adverte Oliveira (2017). O destaque está nas contribuições que são obtidas com base nas análises dos usos, nas reflexões que o estudo das amostras pode ensejar sobre o comportamento e a interação dos falantes em suas práticas comunicativas. Trata-se de pensarmos como as novas concepções podem embasar e respaldar um ensino que desenvolva as competências comunicativas no estudante e não os forme apenas para a reprodução e aplicação de definições/conceitos gramaticais. Assim,

[...] resta, pois, ao teórico investigar, pesquisar, oferecer alternativas, apresentar propostas; ao professor, cabe a tarefa de testar tais propostas, repensar as investigações, buscar soluções a partir de uma atitude dialógica, sempre. Portanto, ousar é a palavra-chave. A mudança de perspectiva prevê novas possibilidades de trabalho com a língua sem medo (OLIVEIRA; WILSON, 2015, p. 96).

É sobre essas “novas” possibilidades, proporcionadas a partir da análise da língua em uso, que discutimos na subseção a seguir.

### **4.3 Por um ensino da língua em uso**

Além da instrumentalização teórica que discutimos na seção anterior (OLIVEIRA, 2017), o ensino de língua portuguesa requer que se estabeleça também a que metas e fins se pretende chegar. Se a orientação adotada preza somente pelo ensino das regras da escrita padrão e as tomam como o objetivo final do processo (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016), essa prática se limita à face formal do sistema e destaca um único comportamento linguístico, o canônico e oficial, sobretudo daquelas situações que exigem maiores graus de monitoramento ou a reprodução de conceitos (como, por exemplo, nos exames e algumas questões de vestibulares). Naturalmente, deixa-se de evidenciar os aspectos funcionais da língua, de refletir sobre os efeitos de sentido evidenciados pelas escolhas que os falantes fazem em

suas práticas comunicativas.

Por outro lado, se o estudo das regras gramaticais for admitido como parte de um processo mais geral, que visa trabalhar com a utilização real da língua e analisá-la em seus polos formais e funcionais, o foco passa a ser redirecionado. Em outras palavras, intenta-se, então, para o exercício de uma “prática que deve passar pelo conhecimento maior da própria estrutura gramatical, bem como das propriedades contextuais, nos níveis intra e extralinguísticos, e dos processos cognitivos envolvidos nos distintos usos ” (OLIVEIRA, 2017, p. 20).

Em consonância com essa visão funcionalista, destacamos também a instrução registrada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A perspectiva de linguagem adotada pelo documento evidencia a orientação social da atividade languageira que, conforme consta, é elaborada a partir das finalidades e objetivos de seus falantes no processo de interlocução. No texto, frequentemente se fala em ampliação das “práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) ” (BRASIL, 2016, p. 65) como uma necessidade de trabalho a ser realizado com os estudantes desde o Ensino Fundamental (daqui em diante EF), a fim de continuar a prepará-los para a vida em sociedade.

Quer dizer, percebemos que o tratamento recomendado está voltado para uma concepção de língua(gem) como um instrumento que permite a ação no mundo. Isso corrobora para o esclarecimento de que as mudanças que ocorrem nos modos pelos quais operamos com a linguagem são antes manifestadas em outras práticas sociais da vida humana (como exemplo, vemos a valorização da inclusão das tecnologias digitais no ambiente escolar que cada vez mais recobram a necessidade dos multiletramentos e demanda novas habilidades de produção, construção do discurso, entre outros). A complexidade de uma (a vida social) interfere na outra (a linguagem), pois elas são indissociáveis. Por essas razões, o documento destaca:

[...] Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2016, p. 67-68).

Sobre o ensino de gramática, o documento lista os tópicos que devem ser trabalhados em cada nível escolar, e defende, ainda, a proposição de questionamentos sobre os moldes e alicerces que sustentam a abordagem tradicional.

Pontua que essa reflexão seja feita na fase do Ensino Médio (doravante EM), devido à alçada de maturidade, e instrui que se contraponha às perspectivas que se baseiam na descrição da língua em uso, reconhecendo a legitimidade das variadas realizações, como se pode ver no trecho do próprio documento:

[...] Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola (BRASIL, 2016, p. 507).

Nessa orientação, destaca-se uma habilidade relevante a ser trabalhada nas aulas de língua portuguesa do EM, que evolui ainda: o exercício da observação cuidadosa, da análise apurada e da comparação dos fatos da língua. Que se estende à reflexão sobre as razões que condicionam a nossa fala/escrita e determinam que em certos ambientes de produção linguística devemos utilizar certos padrões e não outros, agir desta e não daquela forma. Na realização dessa dinâmica, os liames que envolvem as instituições e aqueles que advogam somente a favor da norma-padrão, como a única alternativa correta e possível de comportamento linguístico, podem ser decifrados, permitindo que outras problemáticas também venham à tona e sejam debatidas.

Não defendemos, aqui, uma espécie de “vale tudo na linguagem” nem nos alinhamos a discursos como “a transmissão da mensagem é o suficiente”, “se ouvinte compreendeu, basta” (alguns mitos recorrentes), tampouco negamos a sistematicidade das categorias gramaticais e sua necessária exposição em sala aula. Assumimos, na linha de Oliveira e Wilson (2015, p. 80), a necessidade de adoção de “uma abordagem que trabalhe a gramática no discurso, em outras palavras, que dê caráter mais global e motivado ao ensino de conteúdos de língua portuguesa [...]”, não se limitando a atribuições de valor às construções da língua, mas desenvolvendo análises que considerem toda a potencialidade revelada nas situações de uso. A nossa defesa caminha na proposição de um equilíbrio entre as concepções e, portanto, de um ensino que apresente as duas faces dos usos: o formal e funcional.

Com isso, fortalece-se a necessidade de viabilizarmos um ensino que opere com os diferentes níveis de tensionamento da linguagem (mais ou menos formal); que reconheça a predisposição do sistema aos fenômenos de variação (tanto a de caráter regional que mais envolve uma dinâmica de prestígio *versus* estigmatização,



amplamente discutida e também contemplada na BNCC, quanto no sentido da alternância de usos com a qual lidamos); e que destrinche, principalmente, como as propriedades dos polos da forma e da função se comportam nos padrões rotinizados. Acreditamos que, dessa forma, o estudante poderá compreender a língua não como um produto inalterável, rígido, mas como um constructo que tem, sim, uma sistematicidade estável, mas que está em constante processamento devido às ininterruptas atividades dos seus falantes e, por isso, também revela uma parte instável que evidencia a plasticidade o sistema.

Embasadas por essas premissas, consideramos a construção que foi analisada neste trabalho, as qualificadoras [V uma de X], e discutimos algumas possibilidades de exploração em sala de aula.

#### **4.4 As construções qualificadoras [V uma de X] em sala de aula: a teoria e a prática de um trabalho centrado no uso**

Conforme apresentado no capítulo três deste trabalho, os sentidos empreendidos a partir das construções [V uma de X] não estão explicitados na codificação linguística. Assim, em sala de aula, pode ser feito um trabalho que leve os estudantes a refletirem sobre essa extensão de significado e também sobre as funcionalidades a que as construções qualificadoras podem servir.

Como se sabe, o dicionário é uma importante ferramenta de registro e aprendizagem do léxico de uma língua. E sempre que se pretende conhecer ou confirmar a significação de uma palavra, é a esse material que os indivíduos costumam recorrer. Tem-se a ideia de que todas as designações estão ali registradas e, caso não estejam, concluem-se que o uso não é reconhecido/aceito. Contudo, como adverte Coroa (2011, p. 62), “o dicionário não é um acervo das “coisas” do mundo”. Nem toda palavra tem uma única designação, uma só utilização. Por isso – apesar de ser uma “tecnologia<sup>30</sup>, que é ainda hoje *um dos pilares de nosso saber metalinguístico*” (AUROUX, 1992, p. 65, grifos nossos), um instrumento de manutenção da língua-padrão – é também um produto que contempla a dinamicidade da língua (sobretudo naqueles dicionários mais contemporâneos). É um material que corrobora para o desenvolvimento de nossa estocagem de conhecimento linguístico

---

<sup>30</sup> A outra tecnologia, conforme Auroux (1992), é a gramática. Sendo assim, o dicionário e a gramática são dois produtos que permitem o processo de gramatização da língua, isto é, a sua descrição e instrumentalização.

que, diante das brechas implicadas em toda significação, permite sempre a possibilidade de (re)formulações. É o que Coroa (2011) chama de indeterminação da linguagem.

Disso, empreendemos que, em se tratando das [V uma de X], seria um bom ponto de partida uma investigação nos dicionários. E, para o trabalho com essa tecnologia em sala de aula, Gomes (2011) defende que é preciso recorrer a uma metodologia adequada. Na concepção dessa autora, três mecanismos são fundamentais: (i) estratégias e atividades específicas para o uso da obra; (ii) criatividade na consulta e no emprego do conhecimento adquirido; (iii) e ludicidade.

No primeiro, abrigam-se as tentativas de potencializar as chances de aquisição lexical, objetivando extrapolar a mera leitura do verbete com fins diretos em sua aplicação. Intenta-se, na verdade, corroborar para que o estudante insira em seu vocabulário o repertório lexical aprendido, mas que isso seja precedente de reflexões sobre o vocábulo, de estabelecimento de relações com outros itens da língua e, em última instância, da sua utilização. Trata-se de um processo que implica: encontrar uma palavra, fixar a forma do item, conhecer o significado, associar forma e significado e, por fim, passar a utilizar adequadamente o item lexical em diferentes contextos de uso.

No segundo mecanismo, entende-se que a criatividade é parte constitutiva tanto do processo de aprendizagem quanto do processo de ensino. Isso porque, quando os estudantes são expostos à construção do saber lexical, eles também poderão, por meio de ações cognitivas de processamento, ensejar a criação (seja formal seja semântica) de novos itens à estrutura da língua. E, no caso do professor, a criatividade se coloca no modo pelo qual as atividades serão trabalhadas em sala.

Finalmente, a respeito do último mecanismo, Gomes (2011) explica que a ludicidade também seria um fator importante (especialmente para o trabalho com as crianças). Ela se manifesta no incentivo dado à exploração e à experimentação (nocional e operacional) com o dicionário, somadas também à aplicação de jogos educativos, com fins em condicionar/treinar os estudantes a desenvolverem o que for apreendido.

Aqui, cabe retornarmos aos questionamentos levantados por Martelotta e Alonso (2012, p. 91): “O que uma palavra significa? Qual é a importância do contexto para o estabelecimento do seu significado? O sentido é uma convenção ou ele está circunscrito à forma?” São reflexões relevantes ao ambiente da sala aula,

principalmente no EM. Ao buscar as possíveis designações para cada item das construções qualificadoras [V uma de X], os estudantes poderão perceber duas realidades principais: (i) os verbos que integram a primeira parte da construção (o *slot* de V) não funcionam em conformidade com suas significações mais prototípicas e (ii) o artigo e a preposição que formam a subparte *uma de* exibe um comportamento peculiar. Além de, junto a esse processo, ao averiguar o funcionamento da construção nos textos, verão que a última parte da construção (o *slot* de X) é preenchida por expressões que exigem o acesso completo ao contexto de produção, pois só assim os sentidos implementados podem ser compreendidos.

Em se tratando dos verbos *tirar*, *dar*, *pagar*, *fazer* e *passar*, que ocorrem no espaço de V, o fator mais pulsante é a prototipicidade. Pode-se chamar a atenção do estudante a verificar no dicionário a distribuição das designações de cada verbo, que, quando não enumeradas, são listadas uma após a outra. Ali já há uma indicação dos níveis categoriais de organização dos itens que são dispostos numa escala de mais ou menos centrais ao vocábulo em questão. Se, por exemplo, adicionássemos aos dicionários os significados desses verbos, conforme se apresentam após perfilados às construções qualificadoras, eles seriam postos junto às últimas classificações, ao final dos verbetes, justamente por apontarem um uso que mais se distancia dos significados + centrais. Para ilustrar, observemos o *dar*: esse verbo é melhor representado pelas significações que exprimem *transferência* (*O aluno deu uma agenda nova à professora*), como: ceder, transferir, oferecer, entre outros. Nas situações de uso das construções [V uma de X] o sentido aplicado excede tais designações, pois a ideia desse licenciamento é de algo em torno daquilo que é da ordem do *comportamental*, como explicamos em nossa análise no capítulo três.

Sobre esse aspecto, é cabível avaliar sobre a própria metalinguagem dos dicionários, retomando a relação estabelecida entre as palavras e as coisas. Ao evidenciar essa gradualidade das categorias gramaticais, o estudante pode perceber que as fronteiras entre uma forma e outra/um conceito e outro não são tão delimitadas. Também, notar que o sistema da língua é dinâmico, pois fornece aos seus falantes uma variedade de alternativas de usos, bem como brechas conceituais. Como resultado, nas palavras de Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2014, p. 85), “o aluno pode não só reconhecer diferentes possibilidades de usos da língua como formas legítimas, cada uma associada a situações comunicativas específicas, como também respeitar a diversidade linguística”.

Um profissional enviesado por perceptivas centradas no uso evitaria recomendar uma análise fundamentada na identificação de conjugações ou da transitividade e regência dos verbos numa perspectiva *apenas* tradicional, por exemplo. De modo oposto, incluiria nessas abordagens a consideração de propriedades que contemplem também os fatores funcionais que se impõem ao uso dos verbos na construção em questão. Com isso, pode-se perceber que não se apreende os sentidos se a análise estiver limitada ao item e suas denominações normativas (registradas em alguma das tecnologias de instrumentalização da língua, a gramática ou o dicionário).

Tornando a configuração das subpartes da construção [V uma de X], é possível também recomendar que o estudante se detenha a uso do *uma de* – composto pelo artigo *uma* e a preposição *de*. No primeiro caso, a descrição gramatical prevê o *uma* como a forma simples de artigo indefinido feminino. Dessa forma, “o artigo caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o gênero e o número” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 225) e exibe valor de determinação. A peculiaridade que identificamos no uso do *uma* nas qualificadoras é, no entanto, peculiar e diverge da designação básica, pois constam nas amostras que palavras masculinas também estão sendo configuradas juntas a esse artigo (*dando uma de João sem braço*, tirando uma de esperto, pagando uma de professor, etc.) No segundo, o perfilhamento da preposição *de*, a prescrição espera que se estabeleça uma relação de “movimento de afastamento de um limite”, de “procedência”. E em outros casos, mais raros, predomine a noção daí derivada, de “situação longe de [...]” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 225). No *corpus* analisado, entretanto, vimos que essas noções não se aplicam. Parece-nos até que o *uma de* serviria no discurso mais como um tipo de locução prepositiva<sup>31</sup>, “[...] duas ou mais palavras que desempenham o papel de uma preposição. Nessas locuções, a última palavra é sempre preposição” (LIMA, 2011, p. 232). Defendemos que esses funcionamentos podem ser expostos e debatidos em sala aula, num exercício reflexivo de comparação entre as descrições e os usos.

Por fim, para evidenciar a dinâmica que impera na última parte das [V uma de X], no caso, o *slot* de X, sugerimos uma articulação mais detida entre os padrões de uso e suas funções, colaborando para que os estudantes percebam que as expressões que são cooptadas em X são determinantes para o efeito final da

---

<sup>31</sup> *Uma de* não faz parte das locuções prepositivas registradas nas gramáticas normativas. Trata-se de uma acepção nossa, gerada da observação de situações de uso.

qualificação requerida. Como bem nota Oliveira (2017), ao discutir sobre a noção de *chunking* aplicada ao ensino de língua portuguesa, a produção linguística não se limita ao uso de itens, mas se estabelece na combinação de unidades menores ligadas a unidades maiores, em um sequenciamento/encadeamento das partes. E é assim que as estruturas devem ser observadas.

É a partir da produção linguística situada que os falantes estabelecem negociações e expandem os sentidos dos itens da língua. A partir das [V uma de X], o estudante poderá refletir essa dinâmica de estabelecimento de acordos entre falante/escritor e ouvinte/leitor. No que diz respeito à variação das [V uma de X], numa perspectiva construcional, ou seja, em termos de alternância de uso, o estudante (re)conhecerá que há uma nova configuração. Verá que há outro tipo de variação, além daquelas mais amplamente divulgadas, como a geográfica ou social, por exemplo. A variação, sob a perspectiva de estudo que adotamos, evidencia as possibilidades de utilização que o sistema da língua oferece a seus falantes. Evidencia a autonomia do falante que pode optar em utilizar uma forma ou outra sem que o sentido da construção seja comprometido.

Para confirmar, poder-se-ia até propor um teste de averiguação à turma. Ao expor os constructos em que as construções qualificadoras aparecem, os estudantes poderiam identificar os sentidos instaurados, observar a argumentação, avaliação, julgamentos encontrados, sinalizando – sempre que possível – se seriam positivos ou negativos. Seria testado o grau de compreensão e interpretação. E, por fim, reconheceriam que cada uma das realizações observadas são possibilidades de uso. Construções que permitem que o falante/escritor expresse seu ponto de vista ora por um padrão, ora por outro.

#### **4.5 Encerrando o capítulo**

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações de como os estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso podem contribuir para uma prática de ensino mais crítica-reflexiva sobre os fatos da língua. Nesse sentido, apontamos a importância de se estreitar as relações entre professores e pesquisadores, numa interlocução que concilie teoria e prática. E, a partir de uma perspectiva baseada na língua em uso, discutimos sobre a mudança de paradigma que se impõe às aulas de língua portuguesa quando os objetivos de ensino são direcionados à captação e à análise dos usos reais de produção linguística. Ao fim,

sugerimos algumas possibilidades de trabalho com as construções qualificadoras [V uma de X] em sala de aula. Para tanto, frisamos a relevância de se evidenciar, sempre que possível, os efeitos de sentido que envolvem essa instanciação no uso e de também percebê-las como um fenômeno em variação construcional que pareia aspectos formais e funcionais, conforme perceptiva por nós adotada.

## CONCLUSÕES

Com esta pesquisa, investigamos os padrões de uso da construção qualificadora [V uma de X] no português brasileiro, a fim de responder, a partir das análises quantitativa e qualitativa aos seguintes questionamentos: Quais são os padrões de uso e qual o grau de rotinização/convencionalização de cada um deles, em se tratando das construções qualificadoras [V uma de X]? Esses padrões de uso se comportam de modo alternado/variável, permitindo-nos considerá-los como casos de variação construcional?

No intuito de reunir evidências que nos permitissem elaborar uma descrição e análise dos usos, selecionamos o nosso *corpus* de pesquisa a partir do *Google Notícias*, uma plataforma digital que reúne diversos textos noticiosos em um só espaço. Com os dados levantados, descrevemos e analisamos, à luz de noções concebidas no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso ou Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções e da Abordagem Socioconstrucionista, o comportamento formal e funcional da construção qualificadora [V uma de X].

Da análise feita, testamos as nossas hipóteses e constatamos que as construções qualificadoras são produtivas no *corpus* investigado, evidência que confirma a nossa hipótese (i): as construções qualificadoras [V uma de X] licenciam diferentes padrões de uso que apresentam similaridades e funcionam de modo alternável/variável, sendo caracterizados por níveis distintos de produtividade, fator que sinalizou o grau de rotinização e convencionalização da construção. Quanto à hipótese (ii) também foi confirmada: a relação de similaridade configuracional entre as possibilidades de realização das construções [V uma de X], independentemente das formas que integram o *slot* em V (*tirar, dar, pagar, fazer e passar*) ou das complementações licenciadas no *slot* X (padrão de uso 1, 2, 3, 4 ou 5), exibe, nas situações de uso, a manutenção do sentido mais geral: de qualificação. Por fim, a hipótese (iii), de que as construções qualificadoras [V uma de X] configuram um padrão construcional em variação, também foi confirmada.

Em linhas gerais, os nossos resultados apontam que as construções analisadas realmente apresentam um comportamento variado e produtivo. Esse funcionamento ocorre através da variação por similaridade configuracional (por aloconstrução e metaconstrução) e ainda permite a variação nos processos de cooptação dos dois

*slots* construcionais, no caso, o *slot* de V e o *slot* de X.

Reiteramos que não concebemos ou notamos que as construções qualificadoras se comportem de modo idêntico em todos os contextos, mas os usos nos permitem concluir que há, nas situações reais de comunicação, uma inegável neutralização/equivalência quando esses usos são acionados. E, como bem defendem Machado-Vieira (2016) e Machado-Vieira e Wiedemer (2018a; 2019), para as correntes teóricas que prezam pela figura do falante, é de suma importância que padrões como os que analisamos nesta pesquisa não sejam postos em segundo plano nas agendas de pesquisa.

Pelo contrário, é relevante que padrões desse tipo ocupem um lugar central nas investigações, independentemente das implicações que se impõem. À medida que atualizações são empreendidas no domínio dos estudos linguísticos, é importante que novas possibilidades de descrição também sejam esboçadas, no intuito de que as experiências promovidas pelos usuários da língua sejam devidamente descritas a partir dessas novas elaborações.

Nessa direção, reconhecemos a importância das abordagens teóricas que adotamos neste trabalho, pois elas nos possibilitam entender a língua como um instrumento adaptativo e complexo que mobiliza diferentes propriedades (formais e funcionais) na configuração de padrões, de estruturas, de construções que emergem, que se rotinizam e se convencionalizam no e pelo uso da língua.



## REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: São Paulo, Editora da Unicamp, 1992.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1928] 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasília, DF: MEC, 2016. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_verseofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf)> Acesso em: Ago. 2020.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B; J, RICHARD. (Ed). **A handbook of historical linguistics**. Hoboken. NJ: Blackwell, 2003, p. 602-623.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Ed. Cortez, [2010] 2016.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for 'allostructions'. In: SCHÖNEFELD, D (Ed). **Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications**. Special Volume of Constructions, 2006, p. 1-28. Disponível em: <<https://www.constructions.uni-osnabrueck.de/wp-content/uploads/2014/06/2006-SI-Cappelle22-80-1-PB.pdf>> Acesso em: Ago. 2020.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 141-153, [2008] 2018.

COELHO, S. M; DE PAULA SILVA, S. E. O continuum de gramaticalização do verbo dar: de predicador a auxiliar. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 23-40, jul.2014.

COELHO, L. C.; SOUSA, V. V. A polissemia do verbo dar: uma análise funcionalista. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n 2, p. 74-92, ago./dez. 2017.

COROA, M. L. Para que serve um dicionário? In: Carvalho, O. L. D. S., Bagno, M. (Org.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.

CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio

de Janeiro: Lexikon, 2017.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, E. M. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 157-176, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O papel da cognição nos estudos funcionalistas. In: ATAÍDE, Cleber et al (Orgs.). **Gele 40 anos: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literatura**, São Paulo: Blucher, 2017, p. 105- 118.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013, p. 13 - 39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática. In: CUNHA, M. A. F. da; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016, p. 12-58.

FURTADO DA CUNHA; M. A.; LACERDA, P. F. A. da. C. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA; M. R. de; CEZARIO, M. M (Orgs.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, p. 17 - 45.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, Niterói, v. 19, n. 36, p. 80-104, Jul. 2014.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOMES, P. V. N. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: Carvalho, O. L. D. S., Bagno, M. (Org.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 141-154.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. V. p. 17-35.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta

Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972], 2008.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Volume Especial, p. 83-101, dez. 2016.

LAKOFF, G; JONHSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: Educ. Coordenação da tradução: Mara Sofia Zanotto, 2002.

LEINO, L.; ÖSTMAN, J-O. Constructions and variability. In.: FRIED, M.; BOAS. H. C. **Grammatical Constructions**: back to the roots. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005.

LIMA. R. **Gramática Normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LUCENA, N. L. Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 567-581, jul/dez. 2017.

MACHADO-VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Volume especial, p. 152-170, dez. 2016.

MACHADO-VIEIRA, M. S; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística variacionista e gramática de construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO-VIEIRA, M. S; WIEDEMER, M. L (Orgs). **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2019, p. 85-119.

MACKENZIE, J. L. Objetividade, Subjetividade e intersubjetividade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. In: OLIVEIRA; M. R. de; CEZARIO, M. M (Orgs.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, p. 47-65.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87 - 105.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. de. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, D. L. de O tratamento da variação em gramática de construções baseada no uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 62-82. 2019.

OLIVEIRA, M. R. de; DIAS, N, B; WILSON, V. Subjetividade: mudança linguística e ensino de língua portuguesa. In: CEZARIO, M, M; FURTADO DA CUNHA, M. A (Org). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem à Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 179-191.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: Definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA; M. R.; ROSÁRIO, I. C (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 22 - 35.

OLIVEIRA, M. R. de; WILSON, V. Linguística Funcional aplicada ao ensino de português. In: CUNHA; M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E (Orgs.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, 79 – 95.

OLIVEIRA, M. R. de. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V.; NEVES, M. H. de. M (Orgs). **O todo da língua**: teoria e prática do ensino de português, São Paulo: Parábola, 2017, p. 15-34.

OLIVEIRA, M. R. de; LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. **Odisseia**, Natal, RN, v. 4. Esp., p. 22-40. Jul-dez. 2019.

PERINI, M. A. **Sintaxe**. Linguística para o ensino Superior. São Paulo: Parábola, 2019

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico, 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RAMOS, N. J. Jornalismo. **Dicionário Enciclopédico**. São Paulo: Ibrasa, 1970.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233 – 259. Ago. 2016.

SANTOS, E. P. dos; FILHO, F. A. Relações dialógicas e a construção do sentido no gênero comentário online. **Revista FSA**, Teresina, v. 9, n. 2, p. 144-160, ago/dez. 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SILVA, R. V. M. **Tradição gramatical e Gramática tradicional**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

STEFANOWITSCH, A; GRIES, S. T. The Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, 8 (2), p. 209-243, 2003.

TAVARES, M. A. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, E. R. de (org.). **Funcionalismo Linguístico**: análise e descrição. São Paulo: Contexto, 2012, v. 2. p. 31- 51.

TAVARES, M. A. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. **Working Papers em Linguística**, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 1, p.123-142, jul/dez. 1997.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). **Variation, selection, development**: probing the evolutionary model of language change. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p.219-250.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO-VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. **Sociolinguística**: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas. Guarapuava: UNICENTRO, p. 41-77, 2018a.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO-VIEIRA, M. S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. **Caderno Seminal Digital Especial**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, v. 30, n 30, 81-132, jan/dez. 2018b.